



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ – UFPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CCE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO – PPGCOM
LINHA DE PESQUISA: MÍDIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES**

OHANA LUIZE ALVES LIMA

**FICAR, MIGRAR, CONECTAR: RELAÇÕES ENTRE
JUVENTUDES DO CAMPO E MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES**

**TERESINA - PI
2022**

OHANA LUIZE ALVES LIMA

**FICAR, MIGRAR, CONECTAR: RELAÇÕES ENTRE
JUVENTUDES DO CAMPO E MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DE
IDENTIDADES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof^a Dra. Livia Fernanda Nery da Silva

**TERESINA – PI
2022**

OHANA LUIZE ALVES LIMA

**FICAR, MIGRAR, CONECTAR: RELAÇÕES ENTRE
JUVENTUDES DO CAMPO E MÍDIA NA CONSTRUÇÃO
DE IDENTIDADES**

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Comunicação
da Universidade Federal do Piauí, em
cumprimento às exigências para obtenção do
título de Mestre em Comunicação

Aprovada em: 27 de julho de 2022

Documento assinado digitalmente
LÍVIA FERNANDA NERY DA SILVA
Professora Dra. Lívia Fernanda Nery da Silva
Verifique em <https://verificador.cesf.ufpi.br>
Orientadora

Livia Fernanda Nery da Silva

PROFA. DRA. LÍVIA FERNANDA NERY DA SILVA
Presidente

Camila Calado Lima

PROF. DRA. CAMILA CALADO LIMA
Examinadora

Leila Lima de Sousa

PROFA. DRA. LEILA LIMA DE SOUSA
Examinadora

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Processos Técnicos

L732f Lima, Ohana Luize Alves

Ficar, migrar, conectar: relações entre juventudes do campo e
mídia na construção de identidades / Ohana Luize Alves Lima. –
2022.

136 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí,
Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação
em Comunicação, Teresina, 2022.

“Orientadora: Dra. Lívia Fernanda Nery da Silva.”

Dedico este trabalho a todas as pessoas que lutam com amorosidade e dedicação na construção de uma sociedade de bases fraternas nas relações entre a humanidade e a natureza; às pessoas que acreditam em uma educação transformadora; aos povos do campo, trabalhadoras/es que verdadeiramente botam comida na mesa de todos nós; às juventudes que nos mostram caminhos de futuros possíveis.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos não têm a pretensão de conseguir contemplar todos os sentimentos, forças e pessoas que ajudaram este trabalho a nascer. A escrita, as noites em claro, a correria entre os turnos, conciliar estudos e trabalho, o cansaço, a produção acadêmica... são coisas que recaem sobre a individualidade de cada pessoa que pesquisa, mas esse processo não se dá por si mesmo. Há uma pessoa, rodeada de outras que não deixaram a caminhada ser solitária.

Primeiramente, agradeço à força que nomeio Deus. Minha mente, meu corpo e meus esforços entreguei em orações, nos silêncios em recolhimento, nas lágrimas que muitas vezes caíram. Pedi proteção, equilíbrio e colo por muitas vezes. Esse sustento primordial eu celebro por não ter atendido ao chamado, muitas vezes sedutor, da desistência.

Agradeço aos meus pais (Luiza e Manoel) por, a seu modo, sempre expressarem o orgulho em cada passo e conquista que já pude concluir na vida, especialmente no tocante à educação. Muitas são as batalhas!

À professora Lívia Nery, minha orientadora. Obrigada pelo acolhimento às minhas ideias, por conduzir a orientação com serenidade, pela leveza das trocas. Agradeço a confiança em mim e nesta pesquisa. Em seu nome também agradeço ao Núcleo de Pesquisas em Estratégias de Comunicação (NEPEC), pelas oportunidades de participação nesse espaço tão fundamental para nossas pesquisas e aprendizados.

Um agradecimento extensivo a todos os professores do PPGCOM UFPI. Vocês foram incríveis em conduzir aulas, orientar trabalhos e proporcionar momentos enriquecedores, cada um a seu modo, mesmo quando estávamos mergulhados no caos e fechados em nossas casas devido à pandemia. Nossas aulas tiveram muito além de discussões teóricas. Sorrimos, choramos, iniciamos dias, adentramos em noites e atravessamos juntos, ao longo desses meses, mesmo que cada um fosse representado por uma janelinha de sala virtual. Viva a Ciência e a Universidade Pública!

Agradeço aquelas pessoas que sabem exatamente quem são, portanto, não vou citar nominalmente. Amizades e amores que vibraram, incentivaram, entenderam ausências, proporcionaram momentos de amenidades, de respiro. Pessoas que sabem dos bastidores, daquilo que não vira postagem em rede social. Um imenso obrigada!

Agradecimento especial para cada pessoa da minha turma de mestrado. Que turma! “A turma da pandemia”. “A turma do mestrado às avessas”. O distanciamento pode ter impedido o convívio presencial, mas não impediu que compartilhássemos tantos dias inesquecíveis. Um

imenso respeito, carinho e admiração pela trajetória de cada um. Tudo foi melhor porque foi com vocês!

Um agradecimento não poderia faltar para Carla, Ana Paula e Lísia, as “plenas e desesperadas”, pelo laço criado com vocês. Obrigada pelo cuidado, risadas, desabafos e pela amizade que foi muito além das nossas pesquisas. Antes do título, o mestrado me presenteou com vocês, para a vida.

Agradeço a cada experiência acadêmica e pelas oportunidades que me trouxeram até aqui. A cada jovem participante desta pesquisa que, por motivos de sigilo ético, não posso citar nominalmente. Este trabalho só existe porque contou com vocês. É para vocês. Sejam sementes por esse mundo!

Escrevi essa dissertação em primeira pessoa, permitindo que essa exposição pudesse contar sobre como fui atravessada a cada linha de reflexão teórica, metodológica e analítica. Trato de laços, afetos, construções. O “eu” que iniciou essa pesquisa em 2020, chega em 2022 como um “eu” somado a um pouco de cada “outro” citado ao longo desses agradecimentos. Graças a isso, eu também cheguei até aqui acreditando mais em mim. Obrigada!

“Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a “outredade” do “não eu”, ou do tu, que me fazem assumir a radicalidade de meu eu”.

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho se propôs a compreender como acontecem as relações entre a construção das identidades dos jovens do campo e a mídia, mais especificamente por meio do uso de dispositivos móveis (smartphones). Para isso, tem como observáveis e participantes da pesquisa, jovens que se identificam como do campo ou jovens rurais. Dentre os critérios de seleção para os participantes, leva em consideração o fato de serem residentes ou oriundos de comunidades rurais, tendo como um dos pontos de vinculação entre si a passagem, como estudantes ou egressos, por escolas familiares agrícolas. Dentro do marco teórico, discute a construção social da categoria juventudes e as juventudes do campo, e a comunicação no âmbito dos vínculos e das identidades. Por meio de 8 entrevistas semiestruturadas com jovens, a análise contempla categorias nos aspectos do discurso e das identidades. O trabalho traz um diálogo teórico-metodológico com a Análise de Discurso Crítica (ADC), a partir de Fairclough (2016). Como referenciais, destacam-se autores como: Groppo (2010; 2017) – juventudes; Carneiro (1997; 2008) e Castro (2005; 2012; 2013) – juventudes do campo; Hall (2014; 2016; 2020) e Castells (2018; 2020) – identidades; Sodré (2002; 2007; 2010) – comunicação. Nesse sentido, conclui-se que a mídia é parte das transformações nos modos de ser, expressar e perceber-se como jovem do campo no mundo contemporâneo, de uma forma que não vise o rompimento com as origens, mas dando sentidos de pertencimento e vinculação nas relações estabelecidas e na identificação com os aspectos das novas ruralidades.

Palavras-chave: juventudes; juventudes do campo; identidades; mídia; discursos.

ABSTRACT

The present work aimed to understand how the relations between the construction of identities of young people from the countryside and the media happen, more specifically through the use of mobile devices (smartphones). Therefore, it has as observables and research participants, young people who identify themselves as rural or rural young people. Among the selection criteria for the participants, it takes into account the fact that they are residents or coming from rural communities, having as one of the points of connection between them the passage, as students or graduates, through agricultural family schools. Within the theoretical framework, it discusses the social construction of the youth category and rural youth, and communication within the scope of bonds and identities. By means of 8 interviews with young people, the analysis includes categories in aspects of discourse and identities. The work brings a theoretical-methodological dialogue with Critical Discourse Analysis (CDA), from Fairclough (2016). As references, authors such as: Groppo (2010; 2017) – youths stand out; Carneiro (1997; 2008) and Castro (2005; 2012; 2013) – rural youth; Hall (2014; 2016; 2020) and Castells (2018; 2020) – identities; Sodré (2002; 2007; 2010) – communication. In this regard, it is concluded that the media is part of the transformations in the ways of being, expressing and perceiving themselves as young people from the countryside in the contemporary world, in a way that does not aim at breaking with the origins, but giving meanings of belonging and connection in the relationships established and in the identification with aspects of new ruralities.

Key words: youths; country youths; identities; media; speeches.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 JUVENTUDES DO CAMPO, IDENTIDADES E OS VÍNCULOS COMUNICACIONAIS	20
1.1 DA INEXISTÊNCIA PARA A CONDIÇÃO E A SITUAÇÃO JUVENIL	22
1.1.1 Juventudes do campo e ruralidades.....	29
1.2 COMUNICAÇÃO, VINCULAÇÕES E IDENTIDADES.....	33
2 ENTRE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E OS CAMINHOS DA PESQUISA	45
2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	48
2.2 AO ENCONTRO DOS OBSERVÁVEIS	50
2.3 NOSSA LENTE SOB O AMPARO DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC) ..	55
2. 3. 1 Texto, prática discursiva e prática social	58
3 ANALISANDO RELAÇÕES: JUVENTUDES DO CAMPO, MÍDIA E AS IDENTIDADES	61
3.1 AO ENCONTRO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE.....	66
3.2 USOS ESTABELECIDOS PELOS JOVENS DO CAMPO COM A MÍDIA EM SEUS DISPOSITIVOS MÓVEIS	69
3.3 AS CONDIÇÕES DE EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS JOVENS NA CONSTRUÇÃO DE SUAS IDENTIDADES	72
3.4 SENTIDOS PRODUZIDOS NA RELAÇÃO COM A MÍDIA	77
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	82
REFERÊNCIAS	86
ANEXOS	91
APÊNDICES	93

INTRODUÇÃO

Assim como viver, pesquisar também é tomar decisões. Acredito que as variáveis envolvidas em um processo de escolha têm ligação direta com as experiências subjetivas que constroem e mantêm a inquietude humana. Fundamentais para o fazer científico, são os questionamentos, leituras, observações e propósitos de contribuições, as razões que conduzem quem faz pesquisa em uma atividade de construção do conhecimento. Ao tempo em que deve promover o avanço em uma determinada área, transforma quem faz pesquisa ao longo da investigação.

Seguindo esse pensamento, ao longo dos anos no mestrado, acompanho não somente as experiências dando o tom das decisões, mas também a relação com o mundo que nos rodeia. Mundo que está em transformação, em ebulição, em crise dos mais variados tipos, em meio a uma pandemia de proporções que não me arrisco a qualificá-las em poucas palavras. Tudo atravessa o caminho desta pesquisa. No entanto, é importante situar o leitor no contexto que me levou a esse tema ao qual tenho me dedicado a construir essa dissertação junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

No livro *Ética, mídia e comunicação*, os professores Luís Mauro Sá Martino e Ângela Cristina Salgueiro Marques (2018) nos provocam a pensar e discutir, dentre outros aspectos, o papel da ética, a alteridade e os desafios nas relações entre pesquisadores e seus observáveis. Em meio a todas as definições das etapas, os autores chamam a atenção para o fato de a pesquisa ser “um investimento afetivo considerável, no sentido de dispor de tempo, dedicação e esforço para se concentrar, talvez durante anos, em um único tema” (MARTINO; MARQUES, 2018, p. 205). Desse empreendimento ético parte esta pesquisa.

Elenco como observáveis, e os convido a serem participantes da pesquisa, jovens que se identificam como do campo ou jovens rurais. Dentre os critérios de seleção para os participantes, levo em consideração o fato de serem residentes ou oriundos de comunidades rurais, tendo como um dos pontos de vinculação entre si a passagem, como ainda estudantes ou egressos, por escolas familiares agrícolas, organizadas dentro da proposta político-pedagógica da Pedagogia da Alternância, e atendendo somente a esse público.

Importante explicar que as instituições que adotam a pedagogia da alternância em contexto de educação do campo se organizam em diferentes tempos de interação entre a escola e as comunidades. Elas também acumulam saberes e diálogos com movimentos sociais e contribuem para que a possibilidade de permanência e melhoria da vida no campo seja uma alternativa positiva na vida dos jovens. Segundo Mônica Molina (2012), os regimes de

alternância contribuem na superação das dificuldades de permanecer e dar continuidade ao processo educativo formal junto a conciliação com a vida no trabalho para esses jovens.

Minha relação com essas realidades se deu a partir de pesquisas anteriores, por meio de projetos voluntários, extensão universitária e pesquisas no âmbito da graduação em Comunicação Social, bem como em nossa atuação com educação não formal e trabalhando os eixos transversais entre educação e comunicação com esse público.

Tais oportunidades permitiram a observação de que se fazia relevante dar prosseguimento a novas pesquisas em outros níveis, como ora se apresenta a nível de mestrado. Ocupo uma posição onde não sou identificada como jovem do campo, não resido em área rural e nem estou profissionalmente nesse espaço, mas foram essas experiências que fortaleceram minha formação, contribuíram com o reconhecimento de meus vínculos familiares, tradições e das gerações que me antecederam. Dessa forma, à medida em que aprendo sobre esse universo, estou resignificando e pensando sobre minha própria formação, identidade e meus compromissos como cidadã e pesquisadora. São esses compromissos também que levo para espaços onde já pude desenvolver trabalhos voluntários de capacitação e oficinas de comunicação com esse público, como é o caso das duas escolas que cito ao longo do texto.

Volto então para a problemática que surge das reflexões sobre o papel da mídia dentro dos estudos de processos comunicacionais. Considera-se os interesses da linha de pesquisa dentro do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sendo essa Mídia e Produção de Subjetividades à qual este trabalho está vinculado. Proponho como questão central da pesquisa a seguinte pergunta: como acontecem as relações entre a construção das identidades dos jovens do campo e a mídia, por meio do uso de dispositivos móveis (smartphones)?

Parto da observação de que esse cenário de relações produz encontros de sentidos, discursividades e apropriações socioculturais. Por isso, busco compreender, como objetivo geral, as relações entre a construção das identidades dos jovens do campo e a mídia, por meio do uso de dispositivos móveis (smartphones), considerando as profundas mudanças nos modos de se comunicar e construir identidades.

Para o que proponho como metodologia da pesquisa, a problemática explicitada é direcionada a jovens que atendam ao desenho de investigação com definição a partir dos seguintes critérios: jovens com idade entre 15 e 29 anos, residentes ou oriundos de localidades rurais atendidas por escolas familiares agrícolas, que façam uso de dispositivos móveis do tipo telefone celular smartphone, com acesso e conexão à internet.

Em um primeiro momento, foi feito levantamento para recrutamento à pesquisa 8 jovens

que publicaram, por meio do perfil no Facebook da Escola Família Agrícola Santa Ângela – EFASA (sediada em Pedro II, Piauí), depoimentos sobre a experiência estudantil e as relações que estabeleceram a partir da oportunidade de estudos, das trocas sociais durante a formação técnica e de como as experiências refletem nas suas visões de mundo. Os mesmos são egressos da instituição, e têm uma relação com a mesma que vem antes desta pesquisa.

À medida em que a pesquisa foi desenvolvida, tive a oportunidade de atuar como voluntária na realização de oficinas de comunicação com estudantes de outra escola, a Escola Família Agrícola Chico Antônio Bié – EFA Ibiabapa, sediada na cidade de Tianguá, no Ceará. Por ser uma experiência paralela ao percurso do mestrado, recente e com estudantes em período de formação e vínculo direto com a escola, esta também foi incluída no âmbito da observação. Destaco que esses também estão vinculados com o trabalho comunicacional da escola e organizam as atividades deste setor, bem como participam de cursos, oficinas e atividades da área com foco em mídias digitais. Assim, seguindo os mesmos critérios de convite à participação, é mantido o número inicial de 8 jovens, sendo divididos entre os vinculados às duas instituições.

Sobre o recrutamento dos participantes, a partir dos critérios descritos, foi feito contato prévio com uma das escolas, a Escola Família Agrícola Chico Antônio Bié – EFA Ibiabapa, devido a relação existente com participantes na qualidade de estudantes com curso em andamento. Os demais jovens expressaram-se por meio de rede social, na qualidade de egressos, não tendo vínculo, no momento da pesquisa, na qualidade de estudante, mas tendo passado pela experiência educacional. Assim, posteriormente, ao definir a amostra, vislumbrou-se a possibilidade de encontro com os jovens através de contatos nas redes sociais. Os procedimentos de coleta de dados foram detalhados e encaminhados para serem aplicados de forma individual para cada possível participante da pesquisa dentro do que preveem as normas éticas de pesquisa, envolvendo Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

Dentro do que a pesquisa se propõe, as categorias se relacionam de modo a nos conduzir por uma teia de discursos a serem postos em diálogo com os textos, pesquisas e teóricos referenciados, e com o corpus em construção.

O trabalho é permeado pelas discussões teóricas a partir das categorias juventudes do campo, identidades e mídia, nas quais serão acionadas as referências para que se alcance os objetivos. Dentro desse recorte, interessa a investigação das relações entre mídia e identidades.

Pretende-se chegar à etapa de análises do corpus a ser constituído com uma base teórica e categorias delineadas que permitam situar os resultados de maneira coerente à historiografia,

aos contextos do fenômeno e à temporalidade do conhecimento. Portanto, a caminhada parte de uma reflexão sobre as juventudes, como se constituem e são reconhecidas, a localização das juventudes do campo e suas especificidades.

Emprende-se um movimento de diálogo interdisciplinar que se mostre viável e proponha contribuições ao nosso campo da comunicação. Nesse sentido, esta investigação se inclina sobre um recorte de processos sociais presentes na contemporaneidade, relevantes para as relações com a mídia sem a colocar em modo isolado.

Retomo a exigência que se impôs ao universo das pesquisas em comunicação, a saber, a partir de meados dos anos 1990 (GOMES, 2017), que reforçam questões no entorno das aceleradas mudanças provocadas pelo avanço das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) após período de intensa massificação dos meios de comunicação de massas e do consumo cultural, em face da globalização vista nas mais variadas esferas das práticas sociais. Jesús Martín Barbero (1997) expunha que nos países da América Latina, o protagonismo do que foi concebido como novas tecnologias “se inscreve, em todo caso, num velho processo de esquizofrenia entre modernização e possibilidades reais de apropriação social e cultural daquilo que nos moderniza” (BARBERO, 1997, p. 253).

No cotidiano, afirma Néstor García Canclini (2008), a internet, como marco, veio modificando-se em seus usos e prioridades. “Primeiro, a decisão era tê-la ou não. Depois, dar mais velocidade à conexão. Em seguida, melhorar a rapidez e a interação com banda larga e, para muitos, estar sempre conectado, incorporando a internet ao celular” (CANCLINI, 2008, p. 60).

Tais mudanças se apresentam complexas ao estarem páreo com o que diz respeito não somente aos processos comunicacionais e nas especificidades da mídia. Trata-se de um movimento sistemático que passa pela observação da operacionalização dos meios, pela linguagem, e de como se inserem na realidade humana tendo reflexos na economia, na política, na geografia, na história, memória, na cultura, identidade, dentre outras esferas da vida.

Pedro Gilberto Gomes (2017) explica que a mídia e seus processos devem ser pensados a partir da construção de sentidos e afirma que esta “se apropria da realidade e exerce sobre ela um trabalho de reconstrução por meio de diversos gêneros” (GOMES, 2017, p. 42).

É preciso ainda notar as mídias digitais que funcionam como parte de redes e sabe-se que “redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2020, p. 40). A chance de mobilidade nesse acesso “proporciona, ao mesmo tempo, interação interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas” (CANCLINI, 2008,

p. 52).

A caracterização consolidada do mundo globalizado, em fluxo e em rede, pede atenção ao que Anthony Giddens (1991) destaca como não sendo de conjunto, generalizada ou uniforme, mesmo que diante de intensos entrelaçamentos. No sentido de um olhar para a historicidade dos processos, a investigação de transformações relacionadas com a mídia coloca pesquisadores diante de um mundo moderno em transformação caracterizado por um dinamismo refletido em “distanciamento tempo-espaco, desencaixe e reflexividade” (GIDDENS, 1991, p. 75).

Trazendo essas transformações para o campo do cotidiano, compreende-se que o contexto cultural de construção das identidades é permeado pela existência de um potencial para a produção de novos sentidos impulsionados pelos processos midiáticos. Portanto, se a identidade é vista por implicar na condição de reconhecimento de toda bagagem sociocultural dos indivíduos, concebe-se que ela também é resultante da constante presença da mídia no cotidiano.

De acordo com Stuart Hall (2020, p. 39) “a identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. O imaginário sobre a formação de determinados indivíduos se dá internamente entre os membros de um conjunto e fora deste, mediante interações sociais proporcionadas por processos de comunicação, aprendizagem e produção de sentido.

No âmbito das possibilidades ofertadas pela mídia e, principalmente pela internet e os dispositivos de acesso a esta, temos que seus usos, as percepções sobre tal utilização e as apropriações cotidianas, nada disso se dá de maneira isolada das estruturas institucionais de convivência social e suas normas culturais. A percepção das fronteiras entre espaços também emerge fundamentando-se em mudanças culturais significativas.

Em maior ou menor velocidade, os espaços não-urbanos, enquanto territórios, vão sendo alcançados pelas mudanças de paradigmas sociais. Elenca-se o espaço rural ou campo, no contexto brasileiro, com ponto de recorte para a juventude como a categoria social potencialmente atravessada pelos processos que a leva a produzir sentidos, apropriar-se da mídia e das vias de reconfiguração de práticas sociais.

Os jovens, inseridos dentro do que José Machado Pais (1990) chama de contextos de disritmias e paradoxos, são os contemporâneos dessa sociedade de tantas mudanças e reconfigurações. Ao tratar do contexto de identidades rurais ou camponesas diante do modelo urbano hegemônico, o desafio de refletir sobre essas influências se mostra provocativo. Dentre

aqueles que estão em contexto rural, aqui caracterizados como jovens do campo, Stropasolas (2005) afirma que estes passam por “elaboração de um novo sistema cultural e de novas identidades sociais que merecem ser investigadas” (STROPASOLAS, 2005, p. 6).

Entram como elementos para investigação os recursos materiais, os trânsitos e migrações sociais e culturais, as demandas por inclusão, consumo e inserção nos ambientes midiáticos e digitais, ou mesmo pelo reconhecimento das condições específicas de inserção no mundo midiático. A mídia é um “ambiente no qual os seres humanos estão inseridos, da mesma maneira em que se está inserido no espaço natural do clima e dos espaços” (MARTINO, 2015, p. 241). Dessa forma, é pertinente problematizar como estão sendo construídos esses processos de transformação, considerando o que se tem em termos de estudos sobre a mídia e como isso se relaciona com a construção das identidades em um contexto geográfico específico, que é o rural.

As alterações observadas em cenário teórico e empírico são o convite para esse esforço de colocar em cena a integração da mídia no cotidiano campesino. Este já carrega em sua construção social o fato de que “o campesinato brasileiro não é um enraizado, ele é um migrante” (MARQUES, 2003, p.3). Busca-se compreender outro elemento da migração e se, na atualidade, se mostra como parte de um processo maior de continuidade ou resistência.

Incorre dizer que a pesquisa se propõe a uma investigação do entendimento sobre “o espaço central ocupado pelos meios de comunicação na sociedade contemporânea” (MARTINO, 2017, p. 238). Assim, seja por um maior ou menor acesso ao que há de mais atual em termos tecnológicos e de dispositivos, toda a sociedade é afetada e transformada. Cabe aos pesquisadores o desenvolvimento de tais problemáticas contemporâneas em um ato de acompanhar o tempo destas como “transcurso, a sucessão dos eventos e sua trama” (SANTOS, 2013, p. 38).

Observando os inúmeros marcadores de desigualdades sociais e de acesso a serviços melhores distribuídos no meio urbano, a convivência com estigmas de inferioridade no desenvolvimento cultural estimula o trato com a identidade do campo no sentido de superá-la e abandoná-la. Manter a juventude motivada a permanecer em seu território é uma tarefa de enfrentamento com possíveis influências que reforçam a homogeneização da identidade, sendo que esta “permanece sempre incompleta, está sempre ‘em processo’, sempre ‘sendo formada” (HALL, 2020, p. 38).

A inserção desses participantes em um contexto educacional diferenciado são relevantes para esta investigação, por ser uma face fundamental das afirmações desses sujeitos dentro da categoria rural. Há ainda a utilização do termo juventudes no plural, admitindo uma gama de

diversidades e, nesse cenário, voltar-se para a juventude rural ou do campo ao identificar a trajetória das juventudes se constituindo no âmbito das transformações comunicacionais e sociais, pois “dessas constatações nascem questões instigantes e abrangentes sobre o significado das mudanças vivenciadas e expressas pela juventude e suas implicações na construção de novas identidades sociais no mundo rural” (STROPASOLAS, 2005, p. 2).

As representações de sujeitos, as reflexões sobre individualidades e coletividades são parte de mudanças que concebem a construção de conceitos e categorias em plena relação conjunta com toda a sociedade. Não deve ser diferente, portanto, um estudo que desenvolva questões sobre o espaço territorial rural.

Estudar as juventudes do campo na perspectiva relacional entre mídia e identidades é uma possibilidade de acompanhamento das profundas mudanças propostas por esse ambiente de diversidade cultural, onde vão se incorporando práticas sociais contemporâneas e se construindo processos de identificação. Na atualidade, pelas dinâmicas que os dispositivos móveis e a internet oportunizam às juventudes, é improvável conceber que os jovens do campo não sejam, de algum modo, atravessados por novos processos de comunicação que agenciem sentidos de pertencimento, transformação, participação e autonomia, reconstituindo ou reforçando as concepções quanto às suas identidades.

Considerando tais dinâmicas sociais e tecnológicas “as interpretações sobre a condição juvenil demonstram que esta é uma construção social, cultural e histórica altamente dinâmica e diversificada, o que implica considerá-la uma realidade múltipla, visto que os jovens não formam um todo homogêneo” (WEISHEIMER, 2005, p. 26).

Com a finalidade de contemplar a classificação oficial e que baseia políticas públicas para as juventudes, consideramos como indivíduos jovens, “o recorte utilizado pelo poder público e por organismos internacionais é o de 15 a 29 anos” (CASTRO, 2012, p. 440), portanto, um recorte etário. Apesar das questões formais, interessa especialmente a compreensão sobre a condição e a situação do que é ser jovem.

Dentro das condições citadas, as mudanças tecnológicas formam uma interface pertinente de estudo, ao se disporem sobre movimentos atuais em contexto global do qual esses participantes fazem parte por diversos atravessamentos possíveis de investigação. O contexto instiga a continuidade da proposta, e o horizonte dessa justificativa aponta para as articulações de conhecimentos sobre juventudes do campo, mídia e identidades incluídos nos estudos de processos comunicacionais.

Para avaliar o cenário de pesquisas recentes no entorno dos interesses com o projeto inicial, foi feita uma busca no catálogo de teses e dissertações da CAPES, a partir dos termos

juventudes rurais, juventudes do campo, smartphones, celulares e identidades. Os resultados foram direcionados para pesquisas da grande área das ciências sociais aplicadas e da área do conhecimento da comunicação. Os resultados incidiram sobre três dissertações defendidas entre 2017 e 2020, e oito dissertações defendidas em 2019 e em 2020. Em um panorama recente, a área do conhecimento ainda é bastante aberta para a produção científica de diferentes linhas.

A partir do exposto nos resumos dessas produções citadas, percebe-se o interesse dos pesquisadores pelo estudo das sociabilidades e as dinâmicas de interação entre sujeitos participantes e os meios de comunicação digitais, a relevância das organizações comunitárias e das lutas pela cidadania, as representações midiáticas, as observações das problemáticas das desigualdades sociais e tecnológicas, a análise de discursos sobre essas juventudes e, ainda, sobre a questão da midiatização. É importante destacar a escolha por técnicas de entrevista nas etapas de coleta de dados, demonstrando uma valorização para a construção de corpus de análise a partir da oralidade dos participantes.

Em termos de distribuição das ideias e etapas deste trabalho, situo no capítulo 1 *Juventudes do campo, identidades e os vínculos comunicacionais*, as discussões teóricas que estão orientando essa construção, partindo da categorização das juventudes e das juventudes rurais e das articulações que se mostraram possíveis e pertinentes com os conceitos de identidades e de comunicação, destacando os sentidos da vinculação e do pertencimento como chaves para compreender as reflexões e elaborações discursivas sobre os temas.

O capítulo seguinte, *Entre procedimentos metodológicos e os caminhos da pesquisa*, apresenta a proposta de pesquisa e sua caracterização no que tange à dados, a pavimentação de um olhar sobre os observáveis, a contextualização desse encontro, e um detalhamento do percurso metodológico do trabalho.

No terceiro capítulo, *Analizando relações: juventudes do campo e os usos dos dispositivos móveis na construção de identidades*, é apresentada a dedicação da compreensão, identificação, descrição e análise da pesquisa em busca dos objetivos. Nesse ponto, consta a presença do corpus frente às elaborações teóricas e metodológicas apresentadas anteriormente.

Cumprir informar que o trabalho foi submetido à apreciação ética conforme o que rege o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí, seguindo a Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, este responsável por definir os procedimentos éticos nas pesquisas e o documento que orienta o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos.

Essas questões introdutórias se apresentam em termos de contextualização, perspectivas teóricas e um convite à leitura da dissertação. Vislumbra-se contribuições possíveis ao campo

e às ciências, promovendo o necessário debate, e estando no espaço da continuidade de novos direcionamentos e pesquisas.

Diante da premissa freiriana de que “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho por causa do qual a gente se pôs a caminhar” (FREIRE, 1997, p. 79), espero que seja possível também revelar, ao final, os vínculos estabelecidos entre a pesquisa e quem pesquisa, as formas de afeto e de mudança nesse processo.

1 JUVENTUDES DO CAMPO, IDENTIDADES E OS VÍNCULOS COMUNICACIONAIS

Para elaborar uma imagem representativa sobre uma pessoa jovem, o repertório consultado para chegar ao resultado deverá, certamente, reunir símbolos próprios de uma época, relacionados ao tempo e ao espaço onde a ideia é desdobrada. Relacionada, de maneira comum, com transitoriedade, efemeridade, fugacidade, se comparada a outras etapas da vida humana, a vivência da juventude é percebida, em geral, muito em parte com a descrição do que seja determinada inscrição da sociedade em seu tempo histórico.

Essa percepção é possível partindo da compreensão de que o termo juventude já é dado como existente. No entanto, nem sempre foi assim. As transformações que levaram à construção social da categoria juventude passam, primeiramente, pelo reconhecimento da mesma, entendendo que existem condições específicas, expectativas, papéis atribuídos. Esse movimento acontece conforme surgem investigações que se ocupam da vida cotidiana, com as relações sociais, com as diferenciações entre sujeitos e com o estabelecimento de instituições que vão modificando, atuando e dando os ordenamentos por onde funciona o tecido social, por onde se constituem práticas sociais e representações.

Para isso, reflexões advêm das diversas áreas do conhecimento e contribuem com o reconhecimento da existência da juventude tal qual conhecemos. Nos aproximamos das contribuições da sociologia que considera a juventude uma categoria social, ao mesmo tempo chama a atenção para a sua condição histórica.

De acordo com Luís Antônio Groppo (2017), ela é social por ser “usada para classificar indivíduos, normatizar comportamentos, definir direitos e deveres. É uma categoria que opera tanto no âmbito do imaginário social, quanto é um dos elementos ‘estruturantes’ das redes de sociabilidade” (GROPPO, 2017, p.10). Ao afirmar que existe também a relação direta com a história, o autor nos diz que “a juventude cabe bem melhor no plural que no singular, certamente, já que para compreender as juventudes é preciso correlacionar a chamada condição juvenil com outras categorias sociológicas, tais como classe social, nacionalidade, gênero, raça e etnia, condição urbana ou rural, religiosidade etc” (GROPPO, 2017, p. 110).

As definições teóricas sobre esse grupo social, ora o apresentam por olhares sobre a geração, sobre a faixa etária, classe social, territórios ou outros aspectos. “A juventude não é, com efeito, socialmente homogênea. Na verdade, a juventude aparece socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações” (PAIS, 1990, p.149). O que, de fato, se impõe às investigações está na diversidade, na dinâmica de sua

construção e na necessidade de variados cruzamentos a serem observados. É uma categoria complexa e rica, um interessante ponto de partida para análises de infinitos fenômenos.

Dialogando com a temporalidade em que se inscrevem os fenômenos sociais, Santos (2013) aborda a relação entre tempo, espaço e o compartilhamento destes com o cotidiano. “Em termos analíticos, a espacialização chama-se temporalização prática, pois todos os atores estão incluídos através do espaço banal, que leva consigo todas as dimensões do acontecer” (SANTOS, 2013, p. 35). Entende-se que ao falar da temporalidade de um fenômeno, estamos relacionando também à sua construção histórica. Dessa forma, é possível perceber que as dimensões pertinentes ao reconhecimento da juventude, ou das juventudes – utilizando do plural na linguagem, tornam-se materiais na medida em que o cotidiano reflete seu acontecimento e os efeitos dessa existência inscritos na relação tempo-espaço.

A respeito disso, Pais (1993) alerta que os acontecimentos sociais devem ser observados no entendimento de que a realidade oferece as condições para a construção de uma verdade, mas que a “posse do real é uma verdadeira impossibilidade e a consciência epistemológica desta impossibilidade é uma condição necessária para entendermos alguma coisa do que se passa no cotidiano” (PAIS, 1993, p.108). Assim, o autor sugere o cotidiano como lugar de acontecimentos do trivial, onde se lançam observações sobre os significados em busca de sentidos não sobre o que as juventudes de fato sejam, mas da construção social que opera sobre elas.

As juventudes são marcadas pelas produções culturais, discursivas, políticas e históricas. Essa diversidade revela “recortes bastante específicos dos jovens e não se referem a todos de modo indistinto. Além disso, é importante notar que certos discursos sobre a juventude se sobrepõem a outros, de acordo com o momento histórico” (MOTTA, 2016, p. 13).

Na perspectiva de construção social, Bourdieu (2003) ao dizer que “a juventude é só uma palavra”, problematiza as relações de poder que se estabelecem nas divisões de faixa etária, bem como nas relações de gênero e no lugar ocupado socialmente por cada classificação. Em sua crítica, percebe-se a dimensão do conflito e da forma de disputa em que é reconhecida a juventude, fruto de um sistema repleto de embates, por interesses marcados, especialmente, pelas diferenças de classe social.

Dito isto, complementamos que “A juventude, quando aparece referida a uma fase de vida, é uma categoria socialmente construída, formulada no contexto de particulares circunstâncias econômicas, sociais ou políticas; uma categoria sujeita, pois, a modificar-se ao longo do tempo” (PAIS, 1990, p. 146). Portanto, somente os termos biológicos ou tão somente cronológicos, não contemplam a classificação das juventudes, mesmo que se reconheça a sua

aparência de forma a expressar um ciclo da vida humana. Porém, as questões atribuídas a esse ciclo são mais latentes, do que, isoladamente, as características biológicas dos sujeitos, mesmo que estas surjam independentemente dos sentidos que lhe sejam atribuídos.

Os jovens podem estar inscritos em formações familiares, definições de gênero, participação e engajamento em movimentos sociais, renda familiar, nível educacional, acesso ao emprego e diferentes formas de relação com a mídia. Ao tratar dos contextos rurais, por exemplo, “antes de tudo, é necessário considerar, que o mundo rural, no qual esse jovem pertence, é heterogêneo, multifacetado e multidimensional, necessitando ser entendido em sua especificidade” (PAULO, 2010, p. 57).

Ao não reverberar as generalizações acerca da categoria e observando os espaços onde as lutas dentro das estruturas e dos modos de vida no capitalismo se dão de forma ainda mais conflitivas, trago a proposta de ir ao encontro dos contextos específicos relacionados às juventudes dos territórios rurais ou do campo.

Sob esse aspecto, é possível dizer que a existência e reconhecimento da categoria juventudes nos coloca diante do trabalho de contribuir com o debate de modo que a investigação considere o âmbito da condição e da situação juvenil. Por esse ângulo, ressalta-se que existem atribuições às juventudes de acordo com o lugar social ocupado pelos indivíduos e seus grupos. A adesão ou negação, e ainda a inserção desses grupos, em maior ou menor grau dentro dos parâmetros, indica traços das identidades dessas juventudes.

1.1 DA INEXISTÊNCIA PARA A CONDIÇÃO E A SITUAÇÃO JUVENIL

Para falar sobre a existência da juventude como categoria, é necessário situá-la nas transformações das sociedades modernas nos marcos do sistema capitalista. Com o avanço da industrialização e das consequências das revoluções econômicas, ocorre uma maior necessidade de escolarização e inserção dos indivíduos em níveis educacionais, voltados para a qualificação do trabalho. Dessa forma, o sistema educacional passa a ter um papel mais relevante na vida das pessoas. De maneira diferenciada do estudo voltado para a fase da infância, a educação passa a ser pensada para adolescentes como passe para uma nova condição de existência localizada entre a infância e a fase adulta.

É importante salientar que somente o reconhecimento da puberdade e suas particularidades biológicas não dava conta de classificar as diferentes formas de experimentação da vida. A emergência de uma nova organização dos núcleos familiares modernos se coloca diante do que Giddens (1991) apresenta em sua proposição sobre a

reflexividade da modernidade, que “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz de informação renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 49).

Antes vislumbrada como etapa da vida existente em si mesma, universal e homogênea, como sendo mera passagem dos anos de transitoriedade, a fase jovem da vida deixa de ser negada ou simplesmente naturalizada ao longo do percurso histórico moderno, mais precisamente se conforma como categoria social no século XX.

Após as consequências da Primeira Guerra Mundial, o mundo testemunha os impactos de horrores dos conflitos para as gerações que vivenciaram os eventos. Essas consequências afetaram diretamente a sociabilidade das juventudes e surgem então no contexto da Psicologia, da Pedagogia e da Sociologia, principalmente, preocupações em pesquisar as novas sociabilidades juvenis impactadas, como afirma Groppo (2017), pelas emoções e neuroses adquiridas pelo período de guerra.

Assim, a ciência social moderna reconhece a juventude e teoriza sobre ela em conformidade com as construções discursivas de cada época. Savegnano (2019) propõe a existência de grandes discursos sobre a juventude que servem de lente para a observação de sua construção social que seriam: o reconhecimento da juventude como ideal de vida; juventude como momento de crise; como problema social; a associação entre juventude e futuro; e a tese da moratória social.

Para a autora, o primeiro desses discursos significa a consideração da juventude como momento ideal para a prática de uma vida cheia de liberdade e forças intelectuais, físicas e estéticas. Segundo essa perspectiva, a juventude carrega o estandarte do progresso e do desenvolvimento, uma vitalidade necessária e que tende a colocá-la como a faixa etária que mais representa o “espírito do tempo, como signo vital do ser moderno” (SAVEGNANO, 2019, p. 199). Essa idealização não é igual contextualmente e se impõe como um modelo ocidental de análise das juventudes. Envolve também diferentes realidades, onde essa exaltada vitalidade não se reflete em cada extrato social.

Enquanto os discursos das juventudes como ideal de vida atribuem uma série de papéis aos jovens, no “discurso da juventude como crise, parece estar implícita a ideia de que o que faltaria ao jovem seriam características consideradas adultas, como a maturidade, a racionalidade, o controle de impulsos e a estabilidade emocional” (SAVEGNANO, 2019, p. 203).

Esse discurso coloca os comportamentos das juventudes no cenário biológico, fazendo com que dilemas das juventudes sejam naturalizados e até mesmo estereotipados. Se levarmos

em consideração uma naturalização da crise na juventude, há um risco de entender que tais crises são passageiras, esperadas e comuns, e que delas não resultariam nenhuma síntese de elementos que interajam na construção, por exemplo, das identidades dos sujeitos ou mesmo em mudanças sociais. Entendemos que as crises, na verdade, podem “representar ameaça ou pode, se percebida como um momento de desenvolvimento, capaz de produzir organização e construção subjetiva” (SAVEGNANO, 2019, p. 204).

Outro ponto de destaque são as mudanças no paradigma econômico e nas relações de socialização e de inserção na vida social, por meio do consumo. Com o passar das décadas, associada à ideia de progresso, às juventudes são atribuídos discursos onde “as novas gerações passaram a carregar, na sociedade moderna, a missão de progredir, de ser melhores que as gerações anteriores” (SAVEGNAGO, 2019, p. 199).

Pelas vias do consumo, as forças políticas atuam para unificar as diferenças culturais, na medida em que criam moldes e promovem a massificação das vias de sociabilidade nas sociedades modernas. No entanto, o que se percebe ainda são disputas em que “a homogeneização do consumo e da sociabilidade, propiciada pelo formato comum com que esses serviços se organizam, não anula as particularidades” (CANCLINI, 1997, p. 104).

Se por um lado, as juventudes simbolizam um processo de fragmentação das identidades, massificação do consumo e tensões entre as tradições e novas articulações simbólicas, de tal modo não se pode afirmar que as crises enfrentadas pelos jovens dizem respeito somente a eles, e muito menos que atuam quase como patologias do ser jovem. Não se torna válido analisar crises isolando fatores, principalmente em uma sociedade tão plural quanto a categoria social ora levantada.

Ademais, destaca-se a figura central da institucionalidade, por meio da escola, enquanto espaço que organiza, tensiona e proporciona ao ser jovem, mais do que o disciplinamento do corpo e do comportamento, mas a oportunidade do conhecimento que, nas reflexões de Pais (2017) sejam “de um conhecimento que será tanto mais apetecível quanto mais interesse despertar” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 303).

É, portanto, a escola, uma estrutura ambígua para as relações sociais das juventudes. Se há nela, uma tendência à seleção, disciplinamento, marcas da passagem da vida para estágios que se seguem, existe também espaço para as manifestações daquilo que atrai os jovens. “Para os jovens de hoje, os direitos sociais mais atrativos são os que se expressam no bem-estar individual, como os que se centram em questões relacionadas com o gênero, a sexualidade, os estilos de vida, a qualidade da mesma” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 305) percepções adquiridas com as trocas no campo do conhecimento escolarizado. O destaque para

o papel das instituições educacionais se apresenta como solução no enfrentamento da consideração da juventude como problema social passível de controle e disciplinamento.

Na passagem do século XIX para o XX foram tecidas algumas concepções acerca da juventude que ainda hoje se fazem presentes. Ela começou a ser relacionada a um conjunto de emoções violentas, agressividade, instabilidade emocional e curiosidade sexual sem limites, considerada um estágio perigoso e frágil da vida dos sujeitos. Esse suposto caráter problemático, libertino, contestador e desordeiro dos jovens, começou a ser temido e associado principalmente aos jovens operários (SAVEGNANO, 2019, p. 206).

Não é de surpreender que até os dias atuais sejam recorrentes representações dos jovens que colocam em dúvida a capacidade desses indivíduos de também produzirem perspectivas positivas para a geração corrente e para as gerações subsequentes por meio do desenvolvimento de tecnologias sociais, demandas comportamentais, mudanças de paradigmas e até mesmo proposições políticas que compreendam a sociedade como um todo.

Uma reflexão está em colocar como questão central a capacidade de jovens em “atuar como protagonistas de novos rumos societários e de novas correntes socioculturais” (PAIS; LACERDA; OLIVEIRA, 2017, p. 306). Nessa perspectiva, a inserção das gerações dentro de sistemas como as escolas, impactam nos modos de apreensão da realidade, apesar de reconhecer que persistem e se refletem as desigualdades sociais. Assim, ao notar-se a juventude também como fase atravessada por crises, das mais variadas ordens, existem direcionamentos onde “ela pode representar ameaça ou pode ser percebida como um momento de desenvolvimento, capaz de produzir organização e construção subjetiva” (SAVEGNANO, 2019, p. 204).

A transitoriedade atribuída às juventudes relaciona essa categoria como anunciadora de um vir a ser, de sujeitos inacabados, ao mesmo tempo em que tudo o que fazem significa a construção, no agora, dos caminhos do futuro. Assim, se a passagem pela juventude é considerada como período de crescimento, amadurecimento e transição, os jovens exercem o papel de questionadores, aqueles responsáveis por preparar, por meio do inconformismo, as mudanças sociais para um mundo subsequente, quando deixarem de ser jovens e adentrarem na fase adulta.

Com a influência dos movimentos de juventudes na Europa nos anos de 1960, as teorias críticas propõem uma concepção dialética, ou seja, “que a condição juvenil é e era, ao longo da modernidade e contemporaneidade, uma condição dialética, fruto da contradição posta e repostada entre instituições sociais e possibilidades de autonomia dos jovens” (GROPPO, 2017, p.21).

É no entorno da construção discursiva sobre a juventude associada a futuro que ganham espaço as análises sobre os movimentos sociais juvenis. São eles visualizados pela inserção da juventude na vida política e no tensionamento das alternativas de vida para os jovens. Por meio da participação nessas organizações, os jovens tentam ser ouvidos no tempo presente. Do mesmo modo, retiram a juventude do lugar de problema e se utiliza da linha que considera a vitalidade jovem de forma ambivalente onde, por um lado, a juventude age no presente e demanda por ele, ao tempo em que é também esperança e agenciadora do futuro.

Ainda sobre os discursos acerca das juventudes, a tese da moratória social discute a ideia de que nessa fase da vida os indivíduos estão em posição de subordinação frente aos adultos e se “baseia na ideia de que os jovens são inexperientes, carecem de maturidade social e atravessam um período de transição entre a infância e a adultez, que deve ser preparatório para o futuro” (SAVEGNAGO, 2019, p.214).

Portanto, não teriam os jovens que estarem preocupados com responsabilidades, deveres e obrigações de participação social, tendo em vista que não teriam a maturidade suficiente, devendo os adultos respeitarem os limites até que a transição se tornasse completa. A moratória compreenderia também a vivência da sexualidade, ainda imatura, em desenvolvimento, onde os papéis atribuídos aos jovens não são considerados como retratos estáveis de suas escolhas e condições, colocando em dúvida a plenitude das experiências. Trata-se de uma visão que coloca para as juventudes o caráter do aguardo e da condição de espera.

No entanto, tanto as relações com o mundo do trabalho, quanto as dimensões individuais e subjetivas, não são uniformes e a expectativa de uma moratória social aos jovens se estabelece em consonância com as hegemonias sociais e culturais. Afinal, é possível questionar que juventudes estão em situação de espera por responsabilidades próprias de uma fase adulta. Por exemplo, a depender da realidade social, “o trabalho é mais atrativo do que a escolarização, sendo revestido de valor, mesmo nos casos em que suas condições e natureza sejam precárias” (SAVEGNAGO, 2019, p.216). Outras pesquisas impulsionadas a partir das mudanças sociais datadas do final do século XX, inseriram também as dimensões de atuação política, cidadania e consumo para os estudos das juventudes. Vale salientar que, mesmo passadas duas décadas do presente século,, o período citado representa um marco para as análises às quais proponho.

Recuperando as principais linhas de abordagem, percebe-se que primeiramente a juventude foi saindo do campo da invisibilidade para tornar-se uma categoria social importante para as investigações. Ao tornar-se categoria, reúne diferentes perspectivas e teses que analisam as condições de ser jovem e os cenários situacionais, ainda muito pautados em uma transitoriedade e suposta passividade ou subordinação das juventudes. Ora vistos como o futuro

das sociedades ou como vanguarda do presente, as observações das juventudes começam a mudar quando “os jovens passam a ser considerados como sujeitos de direitos e deixam de ser definidos por suas incompletudes ou desvios” (ABRAMO, 2005, p.22)

Segundo Helena Abramo (2005), os impactos do engajamento de jovens em movimentos sociais, ações culturais, a inserção no mercado de trabalho via programas específicos para jovens, nos grupos juvenis dentro de partidos políticos e espaços públicos, tornaram as demandas presentes, de maneira que influenciaram e resultaram inclusive nas principais políticas públicas que reconhecem as juventudes em sua atuação política. A pesquisadora chama atenção para o período histórico em que se firma o debate sobre juventudes, especialmente na sociedade brasileira.

É preciso, portanto, considerar que esta geração de jovens vive uma situação historicamente singular, comportando questões novas, que exigem reequacionamentos tanto nas definições conceituais como na formulação das ações e políticas a eles dirigidas. As mudanças do período histórico recente produzem, além da extensão temporal do período juvenil, que o transforma numa etapa do ciclo de vida longa a ponto de comportar fases internas distintas, mudanças de conteúdo da condição juvenil (ABRAMO, 2005, p.34).

Ainda no âmbito das definições para as juventudes na contemporaneidade, dois conceitos são trabalhados por Rocha e Pereira (2009) como fundamentais para os estudos que envolvem as relações entre juventudes e comunicação. São a ambivalência e a fragmentação. Vale salientar os esforços, com o passar dos anos, de adentrar ao percurso antropológico e sociológico que define a experiência juvenil de maneira bastante recente, mas com um considerável acúmulo de perspectivas que iluminam as diversas pesquisas contemporâneas.¹

Na medida em que se movimentam, transitam, e carregam partes das experiências de outras fases da vida, os jovens inscrevem novas formas e trajetórias no cotidiano, outras formas de relação com a temporalidade, vivendo então o presente como aceno para o futuro e rejeitando um passado que não lhes serve.

¹ Vamos considerar aqui o que fora apresentado em ensaio por Giorgio Agamben acerca do contemporâneo enquanto experiência de viver o tempo em que cada sujeito está inserido, levando em consideração a possibilidade de tensão com os paradigmas do presente, questionamentos e capacidade de enxergar não somente no presente, mas também no passado, chaves para entendimento dos caminhos históricos. Do conceito apreende-se que “a contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (AGAMBEN, 2009, p. 59).

Em meio a profundas contradições e diversidades, as pessoas jovens portam marcas distintas do mundo e “sempre é mais de uma coisa” (ROCHA; PEREIRA, 2009, p. 39). Nessa chamada ambivalência, as juventudes se deparam com a ruptura recente com a infância e de toda representação da imaturidade, ao mesmo tempo em que lhe são inseridas responsabilidades e algumas concessões de poder diante de inconstâncias e dúvidas.

Deve-se, portanto, pensar as juventudes em relação a tudo que transporta os indivíduos às suas situações de existência, evocando os ritos de passagem, os símbolos atribuídos, as experiências com as comunidades em que estão inseridos e aos discursos que representam ou que são reproduzidos pelos jovens.

Nessa sequência, cabe a ideia de juventude enquanto categoria social que está sendo, comportando os significados e questões que fazem de si um conjunto de formas distintas de ser jovem. Tal distinção vem sendo acompanhada por processos de fragmentação que “possui muitas marcas, vínculos e tensões na experiência adolescente. Ela é vivenciada de diversas maneiras, seja no plano concreto, seja no imaginário, possuindo fortes vínculos com o universo do grupo, suas representações de si e do mundo, bem como com suas práticas sociais” (ROCHA; PEREIRA, 2009, p. 43).²

Essa fragmentação, de acordo com os autores supracitados, se dá com o avançar da ideia de uma cultura pós-moderna e marcas como, por exemplo, a globalização e a forte presença da mídia no cotidiano. Além disso, se apresenta sob o aspecto da escolarização em etapas que se modificam e marcam transições entre infância e juventude.

Outro aspecto seria a relação de compromisso que se pode assumir com a vida que ainda não é definitiva nos primeiros anos da adolescência, dando ao jovem a possibilidade de errar, de se refazer, ser aberto às possibilidades e à criatividade que só se faz possível pela consequência do trânsito entre vários grupos, discursos e universos simbólicos.

Buscando uma compreensão no âmbito das relações estabelecidas entre sociedade e juventudes, observa-se:

A concepção dialética da condição juvenil procura superar a visão não-dialética a que tendem o modelo funcionalista e o pós-modernista, cada qual ao seu modo. O funcionalismo, pela ênfase quase que absoluta no pólo da integração social, considerando o que poderia ser traduzido como o impulso à Autonomia como disfunções, portanto, como perturbações na ordem social que tende ao equilíbrio. Os pós-modernistas, pela ênfase também exacerbada no pólo da criatividade juvenil: ora tratando a ordem social como realidade imponderável, a

² Alguns autores, a exemplo de Rocha e Pereira (2009), utilizam termos como adolescente, jovem, juventudes, como sinônimos no intuito de facilitar a discussão.

quem apenas podemos nos adaptar —e, em contrapartida—, exercer a criatividade auto-redentora em alguns espaços vagos (no cotidiano e na produção cultural); ora tratando tal ordem apenas como Poder negativo de repressão e homogeneização, não destacando os aspectos criadores/propositores do sistema no que se refere à condição juvenil (não necessariamente benéficos, diga-se de passagem), nem concebendo a articulação contraditória da totalidade formada entre sistema social e indivíduos (GROPPO, 2010, p. 21).

Nessa visão, não se busca a implosão das categorias etárias, especialmente para fins de trânsito dentro das formalidades que pavimentam inclusive políticas públicas e outras áreas de atuação envolvendo as juventudes, mas a compreensão de que dentro da diversidade existente na experiência de ser jovem, é importante perceber as especificidades e contextos em que os aspectos do tempo histórico são significados e vividos.

Considera-se plausível apreender que a juventude não seja, necessariamente, um sinal de futuro, nem somente a marca do presente e a rejeição ao passado. É a categoria social potencialmente capaz de sinalizar uma análise mais complexa da passagem e da inscrição histórica, sendo aquela que vive os acontecimentos e as mudanças próprias de seu tempo.

1.1.1 Juventudes do campo e ruralidades

A população rural no Brasil vem sendo definida de diferentes maneiras e a partir dos diversos campos de estudos. Após a segunda metade do século XX, as definições mais comuns sobre o campesinato se encaminham para “uma complexificação da categoria, que passou a ser vista não mais como um bloco único, mas como um conjunto que continha subdivisões, como as de campesinato rico, médio e pobre” (GRYNSZPAN, 2010, p. 74). Os principais estudos apontam que conceitos como campesinato, rurais, agricultores, cultura camponesa, devam ser observados diante das mudanças e contextos sociais.

Comeford (2010), ao trabalhar o conceito de cultura camponesa explica que “em certo sentido, a cultura camponesa pode ser vista como uma visão de mundo que incorpora uma importante e peculiar dimensão de resistência à dominação” (COMEFORD, 2010, p. 156). O autor contribui com a compreensão das manifestações cotidianas de uma comunidade, e aqui, no caso das populações residentes em espaços rurais, como parte importante da construção e da produção de discursos e representações sobre a vivência no campo.

Para tanto, o debate sobre a conformação de um cenário rural é múltiplo e amplificado em suas dimensões políticas e geográficas. Ao situar o território em um contexto regional de

América Latina, autores como Canclini (2018) analisam os reflexos dos anos de imposição de um conceito de globalização a qual foram submetidas as nações de países distantes dos centros de hegemonia econômica, política e tecnológica, e chama a atenção para a recriação dos modos de imaginar e significar os efeitos desse processo.

Canclini explica que “a época globalizada é esta em que, além de nos relacionarmos efetivamente com muitas sociedades, podemos situar nossa fantasia em múltiplos cenários ao mesmo tempo” (CANCLINI, 2018, p. 58). E esse tipo de efeito diversificado se coloca de forma latente para as populações como as do meio rural.

A presença de desigualdades e a desconsideração das diferenças culturais, corroboram com as análises de que o futuro da prosperidade não chegou para todas as populações. Além disso, as diferentes formas de percepção das identidades locais também não foram suficientes para garantir a inclusão de todos os territórios diante do que se propõe como ideia de desenvolvimento.

No entanto, não se trata de negar a existência de movimentos que levaram, por exemplo, a intensos processos de migração de populações de territórios rurais para urbanos, ou mesmo de países da América Latina para a América do Norte e Europa, em sentido mais amplo.

A diluição de padrões hegemônicos para os países mais pobres, a presença de grandes empresas midiáticas globais, a interação entre as diferentes culturas, são fatores que mostram como, “em contrapartida, os imigrantes atuais têm mais possibilidades de manter uma comunicação fluida com o local de origem” (CANCLINI, 2018, p. 101).

Territórios onde tradições, laços comunitários e vínculos identitários são presentes, passam a considerar e assimilar elementos vindos de “fora” de seus círculos sem que isso descaracterize sua classificação. É dessa forma que Maria José Carneiro (2008) apresenta elementos do que seria um novo cenário rural ou de novas ruralidades.

A heterogeneidade social, ainda que produza uma situação de tensão, é também responsável pelo enriquecimento do tecido social das localidades, sem que isso resulte, necessariamente, em uma descaracterização da identidade cultural local. Ao contrário, a diversidade pode atuar no sentido de consolidar as identidades dos grupos ao possibilitar uma consciência de si na relação com o outro, o que pode contribuir igualmente para a definição de uma identidade urbana no interior de uma localidade tida como rural e vice-versa. Seria mais adequado falarmos em um processo de reestruturação dos sistemas sociais a partir da incorporação de novos elementos econômicos, culturais e sociais que engendram relações mais ou menos conflituosas e ambíguas. (CARNEIRO, 2008, p.33)

O lugar das juventudes nesses debates, tratando-se de Brasil, é recente. Há pouco mais de 20 anos, como consta nas referências consultadas, a produção intelectual sobre juventude rural, termo comum em primeiro momento, foi se dedicando a registrar o movimento dos próprios jovens que foram se organizando para reivindicar o debate público sobre suas demandas. Nesse processo de reconhecimento, observamos a partir do que propõe Elisa Guaraná Castro (2013), em suas pesquisas sobre a juventude do campo, salientando que a saída para vencer a invisibilidade da categoria pode perpassar as análises que considerem as questões geracionais, os contextos de produção da força de trabalho ou mesmo das perspectivas econômicas e de desigualdade.

Torna-se relevante para esta discussão o conhecimento sobre “uma categoria que hoje disputa legitimação como ator social e político nos movimentos sociais” (CASTRO, 2013, p.40), pois considera-se que tal abordagem seja a mais adequada para nosso diálogo em busca da identificação de juventude rural dentro da imensa diversidade da categoria. Ou seja, de acordo com a autora, o reconhecimento social da existência de uma juventude rural é a valorização de uma pluralidade entre os jovens que só se dá mediante o fortalecimento das representações políticas advindas da organização destes em movimentos sociais, coletivos, na realização de eventos, na participação destes no debate sobre reforma agrária, direito ao trabalho, renda, qualidade e condições de vida e uma identidade política com autonomia de elaboração.

Castro (2013) ressalta que os ganhos teóricos nos estudos de juventudes não aconteceram em paralelo com a juventude rural, pois “há também o peso de uma percepção hegemônica sobre juventude que a exclui” (CASTRO, 2013, p. 191). Ela ressalta que por muito tempo foram interesse, dentro desse recorte, os temas da migração e da invisibilidade, em muito vem reduzindo a juventude do campo para dicotomias: urbano-rural; agricultura-indústria; “ficar ou sair” (CASTRO, 2005); sucessão rural-rompimento, para citar alguns exemplos.

Para isso, se faz necessário compreender o que Carneiro (1997) já registrava em seus estudos no final do século XX sobre a conformação de uma nova ruralidade ou novas ruralidades, no plural. Esse universo onde a atividade de produção alimentícia já não se fazia exclusiva e que foram aumentando as demandas pelas possibilidades de viver no campo, de forma que “não se pode falar de ruralidade em geral; ela se expressa de formas diferentes em universos culturais, sociais e econômicos heterogêneos” (CARNEIRO, 1997, p. 53).

A fluidez das fronteiras e a aproximação das regiões rurais com os territórios urbanos foram proporcionando maiores trocas e tornando o repertório simbólico, especialmente dos

jovens, mais diversificado. Assim, as percepções de mundo se ampliam e indivíduos em permanência no contexto rural, dialogam com costumes, hábitos e representações com o que se convencionou como urbano. O trato dessa forma serve para destacar que “isso não implica uma ruptura decisiva no tempo nem no conjunto do sistema social” (CARNEIRO, 1997, p. 58). De forma mais recente, a autora explica o papel da aproximação das fronteiras com pequenos municípios nas elaborações das ruralidades.

Esses pequenos municípios estariam, portanto, na interseção de dois códigos de relações sociais. Se, de um lado, mantêm uma sociabilidade diferenciada – marcada pelas relações sociais de interconhecimento – e uma “particular vinculação com a natureza”, o que os aproximariam de uma realidade “rural”, por outro, exercem também as funções de mediação na “integração do mundo rural com sistema mais geral de cidades”, marcando de maneira específica um modo de vida e de inserção na sociedade nacional que não são os mesmos encontrados nas grandes cidades e nem nas pequenas localidades rurais (CARNEIRO, 2008, p.20).

O que afirma Castro (2005) sobre o sentimento entre ficar ou sair de seus espaços de vida, instiga a construção de reflexões sobre os motivos dos movimentos de migrações e de como as particularidades do cotidiano, em diferentes comunidades em que vivem essas juventudes, dialogam com as diversas formações discursivas sobre o que é ser jovem e jovem do campo.

Em diálogo com Castro (2005; 2013), utilizo os termos juventudes do campo, jovem do campo, jovens do campo, mesmo que em alguns momentos do texto recorra às nomenclaturas incluindo o termo rural. A decisão segue o entendimento de que a categoria é social por acompanhar e se afetar pelas mudanças na sociedade, na cultura, nas relações sociais, e é também construída de forma subjetiva por seus atores que vão elaborando o imaginário dessas novas ruralidades a partir das experiências locais. Consideramos o que se dá a partir do que são as juventudes do campo, sua identificação e uma interpretação positiva sobre a vida no campo e sua permanência que recupere os significados e enfrente preconceitos. De modo que:

Esses jovens se apresentam longe do isolamento, dialogam com o mundo globalizado e reafirmam sua identidade como trabalhadores, pequenos produtores familiares lutando por terra e por seus direitos como trabalhadores e cidadãos. [...] Essa reordenação da categoria vai de encontro à imagem de desinteresse dos jovens pelo meio rural (CASTRO, 2012, p.443).

Dessa forma, as juventudes do campo são marcadas por uma pluralidade de situações

para com a experiência de vida. Em cenário global, encontram-se para além de um pólo de sociabilidade marginal, mas em luta constante de resistência e criatividade, reconhecendo, de acordo com Santos (2020), as condições de escassez material, bem como de novas possibilidades de ampliação da consciência de seu papel histórico.

Esse termo, dentro da categoria juventudes, “passa a designar o lugar, os sujeitos, suas práticas, acrescentando a intencionalidade de resistência e luta por mudanças na realidade camponesa” (LEÃO; ROCHA, 2015). Assim, relações de poder são inseridas dentro do território como possibilidade de existência.

Valmir Stropasolas (2005) observa que as juventudes do campo interagem e se modificam de forma conjunta com o restante da sociedade mesmo que seu espaço mantenha particularidades. Para isso, elaboram novos sistemas culturais que vão “incorporando aspectos reconhecidos como urbanos das pequenas cidades, para permitir a realização de estratégias que visam ‘mudar a vida’, em busca de direitos de cidadania e bens culturais próprios da modernidade” (STROPASOLAS, 2005, p. 23).

Ao que indica, o caminho mais frutífero para os estudos com juventudes do campo deve considerar para além das formalidades das questões etárias ou das limitações geográficas formais e censitárias. Portanto, se dá de encontro à condição e a situação das juventudes do campo, suas significações sobre as ruralidades e a elaboração de um conjunto de identidades que partem de realidades específicas e de relações sociais em busca do reconhecimento das agendas próprias desses jovens na contemporaneidade.

1.2 COMUNICAÇÃO, VINCULAÇÕES E IDENTIDADES

A reflexão sobre a ação de colocação em comum no ato de comunicar, encaminha para a observações dos processos identitários na ordem simbólica do mundo mediante aquilo que é representado e está no lugar de outro, visto que “representação é fenômeno em que o sujeito delega a um outro (o representante, o signo) o poder de interpretá-lo em sua ausência” (SODRÉ, 2010, p. 23). Dessa forma, somente o que é nomeado, caracterizado e constituído de maneira a ser reconhecido se envolve na ação comunicativa. Mas como reconhecer uma identidade e reivindicar um lugar, se esta se impõe na relação com outros possíveis?

Ao se estabelecer como uma categoria do encontro, a busca pelo que se é, em termos de identidade, primeiramente exige a retomada da compreensão do eu, do empreendimento filosófico de visualizar a humanidade onde, ao longo da história, se constitui de formas diferentes. No que Giddens (1991) chama de modernidade reflexiva, a realidade se faz nas

oposições entre as tendências locais e globais. E sobre a noção de pessoa, indivíduo, no âmbito dessa modernidade está que “na pessoa, vige um empenho de construção ou conquista” (SODRÉ, 2010, p. 170).

Assim, formas totalizantes ou estatizantes sobre conceitos, não dão conta da dimensão processual, por exemplo, de construção das identidades. Se cada indivíduo é responsável por si, pois “somos não o que somos, mas o que fazemos de nós mesmos” (GIDDENS, 2002, p.74), é notável o estabelecimento de relações sociais de responsabilidade, onde diversificadas formas de vida se manifestam em meio às diferenças como parte da estrutura social e da formação de laços comuns.

Sodré (2010) relaciona a passagens da historiografia da humanidade com as mudanças nas representações sobre o sujeito, o caráter mutante desta última e os jogos discursivos envolvidos. Propõe que existe um processo de mutação identitária onde “a noção de pessoa é produto de metafísicos e teólogos, pessoa é o próprio ser humano enquanto invenção da cultura” (SODRÉ, 2010, p. 173).

A identidade “se configura como uma estrutura dinâmica, relacionando-se dialeticamente com o cotidiano no sentido paradoxal de se mantê-la em plena transformação” (MARTINO, 2010, p. 37). Segundo Martino (2010), a própria concepção do ser humano, desde as visões sobre a criação aos moldes da racionalidade, reafirma que a identidade se conforma em contextos e articulações entre práticas e valores dos indivíduos e grupos, ou seja, por vínculos.

Para exemplificar, Martino (2010) apresenta a observação de que na contemporaneidade, as nações colonizadas como a América Latina e a África, a partir da interface de identidade e narrativa, passam por um processo de desconstrução das assimilações “diferenciando o que é original, o que é narrativa histórica e o que pertence à história do colonizador, agora incorporada à sua” (MARTINO, 2010, p. 61).

Para Hall (2020, p. 12), “somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente”. Como uma das consequências da globalização surgem identidades marcadas pela desintegração, mas onde também se observam movimentos de resistência.

A respeito disso, Castells (2018) destaca as mudanças políticas e como as redes de informação estão relacionadas com os acontecimentos próprios de um momento de crise democrática que, ao se somar com as crises de identidades no processo de globalização, coloca para sujeitos e coletivos o desafio de visualizar os processos de identificação passando pelas relações de comunicação e de poder.

Ao nos colocar diante do entendimento de identidade como “fonte de significado e experiência de um povo” (CASTELLS, 2018, p. 54), o autor apresenta três possibilidades para a constituição de identidades, sendo estas: identidade legitimadora, identidade de resistência e identidade de projeto. A primeira é relacionada ao que impõem os padrões das instituições sociais legitimadas pelo poder. Sobre a identidade de resistência, são relacionadas as formas simbólicas, discursivas e práticas de sobrevivência de grupos estigmatizados ou marginais socialmente. Por fim, identidades de projeto são aquelas que conseguem estabelecer novos padrões sociais, rompendo com o status quo, definindo novas formas de relação.

Castells (2018) afirma ainda que as identidades de resistências talvez ocupem o lugar de maior destaque dentre as possibilidades, pois estão no sentido da mutação e das propostas de reinvenção da sociedade ao questionar a ordem, etapa necessária até mesmo para as lutas por identidades de projeto. Na teoria, os processos de identificação não se tratam de visões apocalípticas que apontam para a diluição total das identidades locais em contraposição às identidades globais. O próprio desenvolvimento desigual da globalização reforça essa percepção.

Hall (2020) constrói três pontos para a compreensão das chamadas novas identidades: que há interesse pela diferença e pela alteridade (HALL, 2020, p. 48); a globalização é um fenômeno desigual; por ser um aspecto mais visto no Ocidente, a globalização se manifesta diferente nas periferias do mundo. É importante observar ainda a condição de ser sujeito, que forças disputam os discursos da construção da identidade.

Se a identidade se constitui em transformação contínua, as relações são negociadas, contextualizadas, uma busca pelo sentido de pertencimento. A partir desse ponto de vista se faz necessário compreender as caracterizações de determinados extratos sociais, de como estes refletem os processos culturais e de comunicação, das resultantes extraídas em meio às reconfigurações sociais e que aspectos políticos se fazem presentes na constituição de identidades de um eu que é indivíduo, mas também é coletivo.

Com base na compreensão de comunicação como espaço da ação do comum e da produção do que é vínculo, entende-se que o conceito permite discutir também a produção discursiva na sociedade. Considera-se também a possibilidade de, a partir desse conceito, perceber que a ação comunicativa se dá no âmbito das relações, dentre outras, de semelhanças e diferenças, onde o eu só existe e se comunica na existência de um outro, e onde os vínculos surgem a partir da experiência comum, de sentido comunitário, das trocas que se organizam na linguagem e em seus modos de operação.

Esse horizonte conceitual, apresentando especialmente nos textos de Muniz Sodré

(2007; 2002; 2010), demonstram como as representações de si e do outro passam pela ordem do simbólico no mundo. Compreender o ser humano como ser comunicante se dá na medida da observação dos afetos que transitam pelos elementos técnicos e discursivos no processo de comunicação.

Quando na modernidade ocorrem transformações no paradigma tecnológico e a sociedade passa a funcionar sobre outras lógicas, o que se percebe é um desenvolvimento desigual, onde tais dinâmicas técnicas avançam na medida em que questões da ordem cultural, política, territorial, dentre outras, entram em cena. Dessa forma, se percebe a comunicação em uma sociedade marcada pela chamada tecnocultura (SODRÉ, 2010), que reúne as capacidades técnicas do ciberespaço, junto a configuração de um outro modelo de pensar as relações sociais atravessadas pela mídia.

Os estudos dos processos comunicacionais necessitam cada vez mais reunir algum tipo de “consciência da base epistemológica a partir da qual se fala de comunicação” (SODRÉ, 2007, p. 16). Nesse sentido, o empreendimento científico sobre o lugar a ser ocupado pelas pesquisas em comunicação, acompanha a conformação de um solo para a observação de uma variedade de fenômenos, característica que acompanha o fazer científico nesse campo. A sistematização de teorias, etapa fundamental de qualquer pesquisa, se constitui de processos e práticas de mapeamento, investigação e reflexão crítica.

No sentido de um olhar para essa heterogeneidade em que se constitui o campo da comunicação, as investigações abordam tanto as transformações quanto as contradições da modernidade. Caracteriza-se, portanto, a conformação de uma sociedade em fluxo e em rede, com atenção ao que Giddens (1991) destaca como não sendo estabelecida de conjunto, generalizada ou uniformemente, mesmo que diante de intensos entrelaçamentos.

No sentido das transformações, é preciso retomar aqui o ponto da popularização do termo globalização. O que se apresentava como a explicação para transformações não somente técnicas, mas também de cunho geográfico, político, de circulação de bens materiais, simbólicos, culturais e informacionais, colocando a humanidade diante de um mundo cada vez mais anunciado como sem fronteiras, passa a ser duramente criticado quando se tornam globais também as diversas crises refletidas naquilo que Milton Santos (2020) classifica como perversidade sistêmica.

Ao tratar sobre as relações entre avanços técnicos, poder e expansão do capitalismo diante das mudanças que ocorrem mais fortemente a partir da década de 1990 do século XX, Santos (2020) destaca que “apesar de as condições técnicas da informação permitirem que toda

a humanidade conheça tudo o que o mundo é, acabamos na realidade por não sabê-lo, por causa dessa intermediação deformante” (SANTOS, 2020, p. 66).

Nesse sentido, também vai a discussão de Manuel Castells (2020) sobre a velocidade de difusão das transformações tecnológicas ao mesmo tempo em que “há grandes áreas do mundo e consideráveis segmentos da população que estão desconectados do novo sistema tecnológico” (CASTELLS, 2020, p. 90). Dentre as relações possíveis naquela que classifica como sociedade em rede, Castells (2020) afirma a existência de um arranjo qualitativo, o que não implica diretamente em mudanças estruturantes em outros aspectos da realidade social que, de conjunto, definiriam outras fases de mudanças sistemáticas.

Articulando com o conceito de identidade, apresentado na perspectiva da construção, por autores como Hall (2014; 2020) e Castells (2018), é visto o interesse de diversas disciplinas que têm em comum o entendimento de que identidades não são estáticas. O processo de identificação também é contemplado na ideia do estabelecimento de relações entre polos na comunicação, não de modo dicotômico, mas do ponto de vista de visualizar o local do indivíduo na experiência se construindo também na percepção da diferença.

Trazendo a discussão para o campo da mídia e seus dispositivos, considerando os aspectos técnicos e contextuais, outras lógicas passam a ser visualizadas. A partir da virtualização da comunicação, da digitalização dos fluxos de mídia, do aprimoramento das plataformas e dos suportes para acesso à rede informacional e tecnológica, Henry Jenkins (2009) explica que uma “convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento” (JENKINS, 2009, p. 43).

Com a convergência de mídia, tem-se, por exemplo, que os “nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações; eles também nos permitem jogar, baixar informações da Internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de texto” (JENKINS, 2009, p. 43). No entanto, tais processos não ocorrem de maneira completa apenas por meio das permissões e envolvendo a materialidade e funcionalidade de dispositivos cada vez mais aprimorados no mercado. Ao passo em que “alguns têm acesso a esses recursos em casa, outros têm acesso limitado, filtrado e regulado em escolas e bibliotecas públicas” (JENKINS, 2009, p. 342).

Dispositivos móveis, como celulares/smartphones, apresentam as potencialidades técnicas convergentes, observando o que Castells (2020) aponta como “base material para o desempenho de atividades em toda a estrutura social” (CASTELLS, 2020, p. 554).³⁴

As interconexões ampliadas pelas condições de comunicação de modo virtual, oportunizam condições para um mundo com novas possibilidades de vínculos. Essa reformulação social é marcada pelo caráter ilimitado de expansão das redes no ciberespaço, ofertando mais circulação de informações com a promoção veloz do aprimoramento técnico necessário para que toda a engrenagem da conexão seja possível em termos de suporte.

Assim como outros processos considerados revolucionários ao longo da história, a conformação da cibercultura e seus elementos de articulação, tais como “o ciberespaço, o virtual, as comunidades virtuais e a inteligência coletiva” (MARTINO, 2015, p. 29) se expressam em um paradigma tanto quanto outros processos de descobertas técnicas que alteraram os modos de produção, consumo e circulação de bens na sociedade. A diferença apontada aqui é a de que “se nos séculos XVIII e XIX a revolução industrial alterou o panorama e o funcionamento das sociedades, nos dias atuais é a ‘revolução digital’ que estaria modificando os diversos aspectos da vida em comum” (NASCIMENTO, 2020, p. 11).

Entende-se como uma das fortes marcas da sociedade que emerge mundialmente entre a transição dos séculos XX e XXI, o fato de que o “processo de transformação é capitalista e informacional, embora apresente variação histórica considerável nos diferentes países, conforme sua história, cultura, instituições e relação específica com o capitalismo global e a tecnologia informacional” (CASTELLS, 2020, p. 71).

Desse ponto, há que se observar a revolução digital ou informacional juntamente com o contexto social complexo de sua constituição. Por um lado, avanços tecnológicos irreversíveis e altamente organizados para alcançarem a sociedade de maneira veloz. Do outro, diversas distinções próprias das dinâmicas dos extratos locais onde, mesmo em face da chamada globalização, se fazem disputas de variadas ordens e relacionadas à esfera econômica, da

³ Por se tratar do modelo de telefone celular predominante no tocante a dispositivos que promovem acesso à conexão nas redes de internet de forma portátil e com mobilidade, utilizaremos celulares/smartphones como categoria sinônima.

⁴ “Smartphones - Telefones inteligentes caracterizados por múltiplas funções, capacidade de processamento maior e potencialidades para captura de diferentes formatos (áudio, vídeo, fotos). Esses devices podem conexões sem fio banda larga, como 3G e 4G. Através dos sistemas operacionais móveis embutidos e dos aplicativos incorporados, podem realizar, especificamente para o jornalismo, inúmeras funções de captura, edição e distribuição de conteúdo se transformando numa plataforma de produção adequada para a atividade do jornalismo móvel devido à portabilidade e à conectividade para o repórter trabalhar em mobilidade” (SILVA, 2013, p. 360).

propriedade e de poder que vislumbra a aplicação de suas dinâmicas com base no potencial das novas tecnologias.

O advento do digital, ao qual “queremos nos referir à totalidade de experiências que, direta ou indiretamente, guardam relações com os diferentes e multifacetados dispositivos digitais presentes na vida contemporânea” (NASCIMENTO, 2020, p. 11) carrega em si, podemos inferir, aspectos sobre a portabilidade, mobilidade, a circulação, a participação mais ativa dos indivíduos na comunicação cotidiana.

No entanto, o poder de oferta não é igual ao alcance de quem controla os fluxos globalizados do sistema. Em suas críticas ao que chama de perversidade da globalização, Santos (2020) aponta como fábulas a visão puramente otimista sobre os tipos de informação que circulam na sociedade, o encurtamento e discrepâncias nas distâncias e fronteiras, bem como dos jogos de poder. Para ele:

Sem essas fábulas e mitos, esse período histórico não existiria como é. Também não seria possível a violência do dinheiro. Este só se torna violento e tirânico porque é servido pela violência da informação. Esta se prevalece do fato de que, no fim do século XX, a linguagem ganha autonomia, constituindo sua própria lei. Isso facilita a entronização de um subsistema ideológico, sem o qual a globalização, em sua forma atual, não se explicaria (SANTOS, 2020, p. 43).

Não se empreende com esse resgate, uma visada apocalíptica dos efeitos da digitalização, visto que “uma leitura fatalista do presente e do futuro, no entanto, vai na contramão de uma visada que pretende superar determinismos, seja ele social ou tecnológico (ANDRÉA, 2020, p. 22).

Referente à engenharia e ao aparato técnico, Castells (2020) inclui entre as tecnologias da informação, por exemplo, todo o “conjunto convergente de tecnologias em microeletrônica, computação (software e hardware), telecomunicações/rádiodifusão, e optoeletrônica” (CASTELLS, 2020, p. 87). Complete-se ainda:

Não obstante, a digitalização e a era da conexão transformaram o contexto das tecnologias móveis digitais, que podem ser definidas como celulares, smartphones, tablets, e-reader, palmtops, câmeras digitais, entre outros dispositivos que emergiram a partir do final da década de 1990, mas com gênese na década de 1950 e 1970 com a microeletrônica, a computação pessoal e os primeiros celulares e dispositivos de música, como walkman (SILVA, 2013, p. 19).

Com a aproximação cada vez maior das tecnologias à rotina humana, com o uso pessoal, a utilização dos recursos para aquisição de informações, desenvolvimento de atividades, mas também para entretenimento e novas formas de sociabilidade, é válido destacar que, com o passar dos anos, as exigências do público consumidor vão sendo incorporadas e mesmo diante da concentração de poder, há espaço para “notar que este poder é exercido de modo contingente, o que significa uma certa permeabilidade às demandas dos públicos, das pressões regulatórias e das especificidades de diferentes localidades” (ANDRÉA, 2020, p. 23).

Efetivamente isso não se configura como emancipação humana pelas vias tecnológicas. O que se percebe, no entanto, é que há “uma compreensão situada da diversidade de usos que ativistas, especialistas, instituições, bots e outros atores fazem dos recursos técnicos, das regras ou dos mecanismos de remuneração vinculados a cada plataforma” (ANDRÉA, 2020, p. 23). Na atualidade, por meio do potencial dos dispositivos móveis, as disputas de ordem discursiva, imagética, simbólica, dentre outras, se acirram no ambiente digital.

Desse modo, “o curto prazo da aparição do digital complica ainda mais a busca rumo a uma interpretação adequada das consequências sociais que ele provoca” (NASCIMENTO, 2020, p. 61), mas é notável, no atual momento que atravessa o paradigma da cibercultura, as intervenções de uma forma de comunicação onde preceitos como convergência, virtualidade e digitalização, por exemplo, são hegemônicos.

Sobre o porquê da tendência à predominância demonstrada em telefones celulares/smartphones nas pesquisas, além de características já elencadas, isso se deve ao fato de “com os desenvolvimentos tecnológicos, os celulares passaram a acoplar capacidades antes disponíveis apenas em computadores pessoais, bem como telas de alta definição e sensíveis ao toque” (SCHERRER, 2018, p.8). Enquanto a mobilidade depende da existência da conexão em rede, frente a portabilidade que se refere ao “aparato de captura, edição e distribuição durante o processo de produção para multiplataformas” (SILVA, 2013, p. 27), os dados revelam que tal potencial é comprometido.

São fatos as capacidades tecnológicas desenvolvidas especialmente nas últimas três décadas da história, sendo lógicos os impactos sociais da inserção destas na vida cotidiana dos indivíduos. É fato também o avanço da cibercultura em cenários de crises sociais, políticas e de capital, colocando as transformações tecnológicas no âmbito das disputas por hegemonia entre grupos e territórios geográficos. Todo esse processo é atravessado por aspectos da cultura e da apropriação dos meios que reflete as características locais dos territórios e suas populações.

Para uma melhor compreensão das transformações em curso diante da cibercultura, a virada tecnológica só se completa com todo contexto social, cultural, político e econômico

envolvido. Dessa maneira, ao retomar elementos da teoria e dados da realidade social, as análises dos efeitos desses processos considerados revolucionários mostram o quanto são dependentes das apropriações feitas pela sociedade. Não há, portanto, lógica nos determinismos tecnológicos, e nem possibilidades isoladas de produção, consumo e circulação de bens e informações.

Trazendo essas transformações para o campo do cotidiano e das relações humanas, compreende-se que o contexto cultural é reforçado pela existência de um potencial para a produção de novos sentidos impulsionados pelos processos midiáticos. Nessa condição, concebe-se processos resultantes daquilo que diversos pesquisadores tratam como as vias de uma sociedade em midiatização, sob a qual esta “não nos diz o que é a comunicação e, no entanto, ela é o objeto por excelência de um pensamento da comunicação social na contemporaneidade, precisamente por sustentar a hipótese de uma mutação sociocultural centrada no funcionamento atual das tecnologias da comunicação” (SODRÉ, 2007, p. 17).

Consideramos que as mutações ocorram no campo da ação do comum, das condições básicas de existência da humanidade, de atos de linguagem e simbolismos que, por sua vez, atuam em formações discursivas diversificadas e atravessadas pelo tempo, história, conjuntura política, territorial e social.

Dessa forma, é pertinente problematizar como estão sendo construídas essas transformações, considerando categorias conceituais tais como a comunicação e as identidades enquanto processos de relações construídas onde “de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada” (HALL, 2014, p. 103).

É inegável que a sociedade seja afetada e transformada pelo paradigma tecnológico. Isso não significa falar em totalidade e resultantes igualitárias. Em países como o Brasil, o processo de urbanização acontece de maneira tardia, de modo a deslocar as desigualdades existentes na distribuição dos territórios da dualidade entre urbano e rural, para a dualidade no aspecto da produção e do consumo nesses espaços. Assim, as tecnologias da informação e as dinâmicas do ciberespaço encontram uma “grande resistência de um passado cristalizado na sociedade e no espaço, atrasando o processo de desenvolvimento e urbanização” (SANTOS, 2013, p. 131).

Nesse tecido social, a comunicação se vê diante de uma revisita a si mesma e a perspectivas outras sobre uma condição de sociabilidade envolvendo os meios digitais, as modificações nas formas de trabalho e pela inserção de tecnologias digitais no cotidiano. Dessa forma, acompanha as modificações na trajetória da humanidade a partir das inventividades possíveis da popularização da internet. “Além disso, as identidades múltiplas e conflitivas dos migrantes nos grandes espaços urbanos e a aceleração interavita do social por efeito das

teletecnologias põem em crise as noções tradicionais de identidade pessoal” (SODRÉ, 2010, p. 169).

As ações que incidem para uma mutação da dimensão humana acontecem “só que o ambiente natural não mais se definiria por vegetais ou minerais, mas pela armação técnica do mundo. A mutação se daria pelo acoplamento do corpo humano a dispositivos maquinais” (SODRÉ, 2010, p. 173).

Ao teorizar sobre a Cibercultura, Lévy (1999) apresentou os processos migratórios como parte da realidade onde “a mobilidade das atividades econômicas e a das populações fazem parte da mesma forte tendência histórica à desterritorialização: elas não são mutuamente substituíveis” (LÉVY, 1999, p. 191).

Assim, os instrumentos do ciberespaço ofertam as competências técnicas para contribuir com processos mais igualitários na comunicação entre os territórios geográficos. Tudo isso sem negar a incidência de outros fatores. No entanto, em aspectos teóricos, o grande salto foi pensar a cibercultura como algo que:

simplesmente não é controlável porque, na maior parte do tempo, diversos atores, diversos projetos, diversas interpretações estão em conflito. A aceleração da mudança, a virtualização, a universalização sem fechamento, são tendências de fundo, muito provavelmente irreversíveis, que devemos integrar a todos os nossos raciocínios e todas as nossas decisões (LÉVY, 1999, p.202).

Como cita Barbero (2003, p.58), vivemos em um mundo que “assim configurado debilita radicalmente as fronteiras do nacional e do local, ao mesmo tempo em que converte esses territórios em pontos de acesso e transmissão, de ativação e transformação do sentido de comunicar” (BARBERO, 2003, p.58).

Para não reduzir o cenário social e comunicacional contemporâneo aos aspectos técnicos, Sodré (2002) destaca que “as transformações tecnológicas da informação mostram-se francamente conservadoras das velhas estruturas de poder, embora possam aqui e ali agilizar o que, dentro dos parâmetros liberais, se chama de ‘democratização’” (SODRÉ, 2002, p. 13).

Para isso, o autor compreende a comunicação pelo sentido do comum. Não só por origem etimológica, mas por inerência à condição humana, a ação comunicativa se manifesta pela linguagem e organiza-se em formas discursivas.

A comunicação é o campo onde o indivíduo se constitui humano, onde se diferencia e, ao diferenciar-se dos outros, passa a enxergar a si próprio. É dessa dialética que a comunicação se coloca como uma questão para além da técnica. Está para a instância que carrega potência à

ordenação de vínculos, para a ascensão do comum, para a condição de ser sujeito não estático.

Nota-se que:

O termo comunicação designa dois processos: primeiro, o de pôr em comum as diferenças por meio do discurso, com ou sem o auxílio da retórica (processo comunicativo); segundo, o de interpretar os fenômenos constituídos pela ampliação tecnológica da retórica, isto é, a mídia, na sociedade contemporânea (processo comunicacional) (SODRÉ, 2007, p. 18).

Compreende-se, portanto, a comunicação como o processo de deixar o comum em ação, pois se o ser humano é esse que fala, que aciona representações, produz símbolos, se envolve em relações de vinculação, esse é então um ser comunicante. Comunicante quando é afetado pela ação de vínculo com o comum, onde este “é sem substância física ou institucional, é pura abertura na linguagem. O sujeito que se comunica é o mesmo ser como entre, logo, uma interioridade destinada a uma exterioridade, o outro” (SODRÉ, 2007, p. 21).

Entende Sodré (2010), mesmo diante de duras críticas ao que se constituiu enquanto ideia de globalização, uma relativização das fronteiras entre realidades sociais e históricas, de maneira que “a mídia se torna progressivamente o lugar por excelência da produção social do sentido, modificando a ontologia tradicional dos fatos sociais” (SODRÉ, 2010, p. 28). A partir desse movimento, empreende-se a compreensão de tecnocultura como “instância de produção de bens simbólicos ou culturais, marcando a implantação de uma nova ordem social pelos dispositivos tecnológicos” (SODRÉ, 2010, p. 7).

Diante da ordem tecnocultural descrita por Sodré (2002; 2010), se estabelece a comunicação que “integra o plano sistêmico da estrutura de poder” (SODRÉ, 2002, p. 15). A mídia coloca uma referência aos modos de ser naquilo já compreendido como sociedade em rede (CASTELLS, 2020) e onde os fluxos discursivos e modos de enunciação já não passam por fora no que diz respeito às transformações sociais e mesmo na construção das identidades.

É posto que “não há consenso entre os vários autores a respeito de quando se pode falar de uma sociedade ‘mediatizada’ ou ‘em midiatização’, mas certamente isso tem a ver com o fato das mídias ocuparem lugar central nas experiências cotidianas” (MARTINO, 2015, p. 235). Tal papel não é visto isoladamente, pois:

O conceito de mediatização não trabalha em uma perspectiva causal, como ‘o que a mídia faz com as pessoas’, mas a partir de um ponto de vista relacional, no sentido de ‘como as pessoas relacionam suas práticas cotidianas com as possibilidades abertas pelas mídias’, em um processo contínuo, sem começo

nem final, que possam ser facilmente estabelecidos (MARTINO, 2015, p. 240).

Essa ação comunicativa tem reflexos na economia, na política, na geografia, na cultura, dentre outras esferas da vida. Gomes (2017) explica que a mídia e seus processos devem ser pensados a partir da construção de sentidos e que “a mídia se apropria da realidade e exerce sobre ela um trabalho de reconstrução por meio de diversos gêneros” (GOMES, 2017, p. 42).

A respeito desse modo de circulação informacional, Sodré (2002), exemplifica:

No âmbito dos objetos técnicos, o ‘futuro’ comparece na forma de cada novo indutor de nomadismo e velocidade inscrito num instrumento: à fluidez da telefonia celular e da Internet, acrescenta-se, por exemplo, o híbrido ‘Internet móvel’, ou seja, Internet pelo celular para gente em trânsito. No campo da mídia, a tônica do discurso social passa da televisão em circuito aberto para as telecomunicações por toda parte, avança-se na direção da montagem de infraestruturas para as infovias ou para os serviços de informação de alta velocidade (SODRÉ, 2002, p. 15).

Nesse pensamento, admite-se a existência de uma performatividade da técnica enquanto lugar, a partir da noção de mídia, aberto à possibilidade do encontro, onde o eu e o outro se percebem nas dinâmicas do suporte tecnológico envolvido na relação. Se há comunicação na relação, a investigação deve buscar o caminho do vínculo.

“Nada nos impede, entretanto, de admitir como humana uma relação intermediada ou acionada por imagem corporal” (SODRÉ, 2002, p. 165), comenta o autor sobre os efeitos que modificam os modos de colocação do comum em ação, afetando os corpos que interagem com as máquinas. Na trilha do vínculo comunicante, o horizonte está na observação do modo como semelhanças e diferenças são acolhidas nas relações entre o eu e o outro.

Nesse sentido, vislumbra-se que há uma condição indissociável entre comunicação e sua qualidade inerente do ser humano quando há linguagem, vínculo e o comum em ação. E, ainda, que a existência e a localização no mundo se desterritorializa não para se desconstruir somente ou liquidar as identidades, mas para construir múltiplas formas de aquisição da experiência de vida.

2 ENTRE PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E OS CAMINHOS DA PESQUISA

Para situar a questão que norteia a pesquisa, trago dados relevantes e que destacam como as áreas rurais estão estabelecidas em relação às projeções no uso das tecnologias, no acesso à internet e a predominância dos aparelhos celulares como dispositivos de conexão. Começo pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). Este oferece, em sua base de dados, panoramas com projeções das características populacionais do território nacional. É relevante colocar que a consulta realizada abarca os estados do Piauí e Ceará, onde residem ou nasceram os participantes, não especificando aqui os dados pormenorizados dos municípios. No entanto, o cenário demonstra a necessidade de observação sobre a realidade das localidades rurais. Os critérios levantados pelos dados oficiais levam em consideração parâmetros e elementos sociais, econômicos e até legislativos sobre os quais não são da competência dessa pesquisa analisar, servindo aqui para fins de contextualização.

Apesar do hiato das pesquisas censitárias até o momento de realização desta pesquisa, no cenário estatístico, a população piauiense residente em áreas rurais chega a, aproximadamente, 32,5% do total de habitantes, segundo o panorama baseado no último censo IBGE (IBGE, 2010). O Piauí possui uma população rural aproximada de 1.067.401 habitantes, o que indica uma parcela considerável da população vivendo em áreas rurais. No caso do Ceará, a população residente em áreas rurais chega a 24,9%, com um total apontado em 2.105.824 habitantes. Previsões e divulgações sobre o planejamento do próximo censo nacional apontam que esses números podem ser ainda maiores e significativos, em um processo de reavaliação sobre as considerações acerca do que sejam as características entre rural e urbano.

Levando para o campo da mídia, a *Pesquisa Sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros (TIC Domicílios)*, publicada em 2021, revela que:

Em 2020, o percentual da população que utilizava a Internet pelo telefone celular chegou a 87% dos indivíduos com dez anos ou mais, o que representa aproximadamente 162 milhões de brasileiros. Essa proporção apresentou um aumento de nove pontos percentuais em relação a 2019, o que equivale a cerca de 20 milhões de novos usuários de Internet pelo celular. Esse aumento foi impulsionado, sobretudo, por pessoas que residiam na área rural (de 59% para 81%) e na região Norte (de 79% para 94%), que estudaram até o Ensino Fundamental (de 67% para 79%), com idade igual ou acima de 60 anos (de 39% para 58%), e que pertenciam às classes DE (de 63% para 76%). (CGI.BR, p.80, 2021).

A pesquisa é marcada também pelas consequências da pandemia e em como as reconfigurações no cotidiano se expressaram na presença da internet para realização de diversas atividades, sendo vista em uma maior proporção em áreas onde a mesma chega com maior dificuldade e em ritmo mais lento. Não se trata de uma mudança profunda nas disparidades que são marcas presentes no país, mas de um crescimento na quantidade de usuários como uma resposta também às demandas de diversos segmentos pela ampliação do direito à informação.

O celular segue como principal dispositivo de acesso entre os jovens no tocante às possibilidades de acesso à informação. “A TIC Domicílios 2020 estima ainda que 58% dos usuários de Internet com dez anos ou mais, ou seja, 88 milhões de brasileiros, utilizavam exclusivamente o telefone celular para acessar a rede” (CGI.BR, p.74, 2021). No entanto, tais processos não ocorrem de maneira completa apenas por meio das permissões e envolvendo a materialidade e funcionalidade de dispositivos cada vez mais aprimorados no mercado.

Nesse sentido, quando a TIC Domicílios (CGI.BR, 2021) demonstra que o uso exclusivo de acesso à internet por meio do celular é mais predominante em áreas rurais – 84%; por pessoas pretas e pardas – 65% e 60%, respectivamente; com grau de instrução no ensino fundamental – 81%; pertencentes às classes D e E – 90%; há de se levantar a questão sobre que tipos de atividades e possibilidades essa conexão permite a tais grupos. É de conhecimento que os dispositivos móveis como celulares e smartphones ofertam uma infinidade de serviços via conexão online, mas as ferramentas exigem menos habilidades. Elas também são menos complexas e é possível dizer que limitam os benefícios que a rede oferece para trabalho, diversão, informações e realização de diversas atividades.

Através do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), pesquisadoras Amanda Third, Lilly Moody e Rodrigo Nejm (2020) observaram que crianças e adolescentes revelam limitações no acesso a mídias digitais, as consideram como direito significativo e “destacaram especialmente que o acesso à Internet e a celulares ou smartphones é crítico para garantir seus direitos de liberdade de expressão, acesso à informação, privacidade, educação e de ter atividades recreativas” (THIRD; MOODY; NEJM, 2020, p. 103). A pesquisa reforça ainda que “a sociedade brasileira é caracterizada por profundas desigualdades sociais e, nos últimos anos, enfrenta-se uma ausência persistente de políticas públicas sólidas para garantir o acesso universal” (THIRD; MOODY; NEJM, 2020, p. 103).

Em dados de 2019 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – PNAD Contínua (IBGE, 2019), o telefone celular já era o equipamento mais utilizado para acessar a

internet em pouco mais de 98% dos domicílios brasileiros com conexão. A utilização de internet em qualquer lugar por jovens na faixa etária entre 20 e 24 anos atingia o percentual de 92,7% frente a 45% dentre os usuários com 60 anos ou mais.

A região nordeste, no levantamento da PNAD Contínua (IBGE, 2019), aparece como a que tem o menor percentual de domicílios com acesso à Internet, sendo 74,3%. Na divisão por áreas territoriais, são registrados como motivações para não utilização de internet no domicílio os fatores preço alto e falta de domínio dos usuários com a rede. O destaque entra nas áreas rurais, onde é declarado que a não utilização de internet é motivada, dentre outros fatores, por falta de disponibilidade do serviço na região. Enquanto nas áreas urbanas há sinal de rede móvel para conexão em 93,2% dos domicílios urbanos, o mesmo acontece em somente 68,2% de domicílios nas áreas rurais brasileiras.

Diante desse panorama, lembro que uma das justificativas para a definição de participação na pesquisa é o acesso aos dispositivos móveis de conexão à internet, tendo em vista que os números confirmam a predominância do mesmo nas áreas rurais. Destaco que essa necessidade leva em conta também as condições de uso, a diversidade dessas condições e como se estabelece nosso objetivo de investigação no tocante às relações entre mídia e construção de identidades junto a essas juventudes.

Essa consideração se sustenta também no alerta já feito nas pesquisas de Castells (2020) acerca do que constituiu o que ele denominou como sociedade em rede. As disparidades existentes estão nesse ambiente demonstram que:

As elites aprendem fazendo e, com isso, modificam as aplicações da tecnologia, enquanto a maior parte das pessoas aprende usando e, assim, permanecem dentro dos limites do pacote da tecnologia. A interatividade dos sistemas de inovação tecnológica e sua dependência de certos “ambientes” propícios para trocas de ideias, problemas e soluções são aspectos importantíssimos que podem ser estendidos da experiência de revoluções passadas para a atual (CASTELLS, p.92, 2020).

Com isso, vislumbra-se a mídia e as relações que estão no presente ângulo de observação, incluindo a análise das discursividades que emergem a partir da experiência do indivíduo e das formulações deste em forma de discursos por onde também seja possível apreender aspectos da cultura que circula pelos grupos agrupamentos representados.

Para isso, só se fez possível proceder ao processo de análise, após o levantamento prévio do cenário geral, tentando chegar o mais próximo das perspectivas locais mapeadas. Seguindo o desenho metodológico proposto, após a caracterização da pesquisa e dos participantes, a

inspiração no que se apresenta dentro da Análise do Discurso Crítica (ADC) oferece os elementos necessários para os diálogos entre teoria e empiria no processo de pesquisa.

2.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Até aqui, apresento as discussões introdutórias e o referencial teórico que norteia esta pesquisa. Apresenta-se uma proposta de pesquisa que se classifica como explicativa e seguindo modos de operação metodológica de estudo de caso. Sobre ele, é importante destacar características como:

explorar situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos; b) preservar o caráter unitário do objeto estudado; c) descrever a situação do contexto em que está sendo feita determinada investigação; d) formular hipóteses ou desenvolver teorias; e e) explicar as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas que não possibilitam a utilização de levantamentos e experimentos (GIL, 2002, p. 54).

Relembro os nossos objetivos: geral - compreender como acontecem as relações entre a construção das identidades dos jovens do campo e a mídia, por meio do uso de dispositivos móveis (smartphones); e objetivos específicos - identificar os usos estabelecidos pelos jovens do campo com os dispositivos móveis; descrever aspectos das condições de experiência de vida dos jovens na construção de suas identidades, reconhecendo aspectos culturais, valores e vínculos; analisar os sentidos produzidos discursivamente pelos jovens na relação entre os dispositivos móveis e a construção de suas identidades.

Diante desses objetivos, desenvolvemos as seguintes hipóteses: 1 - os jovens estabelecem usos dos dispositivos móveis de modo que as interações cotidianas com os mesmos são de diversas finalidades, em especial na manutenção de vínculos com grupos próximos como a família, amigos, escola, comunidade, dentre outros; 2 - a realidade social desses jovens, considerando também a passagem pelo contexto escolar referido, permite a acumulação de um repertório cultural que leva em consideração um olhar crítico sobre o papel da mídia em suas vidas, de maneira que existe uma tendência a uma reivindicação de identidade resistente aos padrões hegemônicos nos processos de globalização da modernidade; 3 - esses jovens produzem sentidos, por meio de seus discursos, indicando que suas identidades reúnem elementos híbridos entre características do que é ser do campo e o que é ser urbano; 4 - os jovens estabelecem, nas relações com a mídia, perspectivas globais e locais, entre sair e permanecer no campo, nas formas de contribuir com o desenvolvimento do território dentro e

fora dele, promovendo mudanças nas práticas sociais diretamente relacionados às mediações da mídia no cotidiano.

Para o alcance dos objetivos, foi utilizada a técnica das entrevistas semiestruturadas, em busca da construção de um corpus a ser analisado com referência na Análise do Discurso Crítica (ADC), com categorias de análise a serem encontradas mediante os dados. Por se tratar de pesquisa qualitativa, é importante destacar a inspiração na ADC, especialmente em trabalhos como os que constam nas explanações de Magalhães, Martins e Resende (2017) quando tratam do diálogo, e no emprego das formas de análise da ADC em contexto de pesquisas de campo e de cunho etnográfico, para exemplificar. Os autores salientam que “um ponto a considerar são os protocolos éticos que levem em conta os direitos humanos e o ponto de vista dos participantes” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 110).

Em nosso caso, não se trata de uma pesquisa etnográfica, mas o uso e priorização da formulação do corpus diretamente no elemento da oralidade, coloca a pesquisa diante da necessidade de que, assim como dizem os autores mencionados, é preciso descrever e explicar os dados, onde se evidenciam características próprias da análise discursiva.

É desafiador o reconhecimento de que os observáveis, da forma construída, necessitam da articulação de conhecimentos para além da nossa área de origem – a comunicação, bem como do emprego de técnicas e instrumentos de coleta que proporcionem as contribuições propostas e o avanço científico necessário, que é a finalidade de toda pesquisa.

Confluem como características: a leitura sobre pesquisas que orientem o mapa teórico; as relações entre disciplinas e as influências de outras áreas com a comunicação na construção dos observáveis; a análise do que decorre dos discursos.

Nesse caso, a pesquisa bibliográfica serviu “como primeiro passo, para sabermos em que estado se encontra atualmente o problema, que trabalhos já foram realizados a respeito e quais são as opiniões reinantes sobre o assunto” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59). Importante destacar que esse movimento deve ser crítico, seguindo a proposta de identificar pontos fortes e fragilidades em produções anteriores que encaminhem para o avanço do saber.

A pesquisa seguiu as etapas e exigências solicitadas por meio do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí (CEP UFPI), em acordo com a Resolução N° 510, de 07 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, responsável por definir os procedimentos éticos nas pesquisas e o documento que orienta o desenvolvimento de pesquisas envolvendo seres humanos. Todos os requisitos solicitados pelo CEP UFPI foram respondidos por meio da Plataforma Brasil.

Para as entrevistas, a proposta apresentada junto ao CEP UFPI foi da realização de forma online. As abordagens online foram gravadas em formato de áudio MP3, sem identificação visual de cada participante ou menção direta de nomes, assegurando o anonimato, a individualidade e a segurança dos participantes, bem como total acesso aos dados obtidos. Toda a coleta de dados e a segurança dos participantes é de responsabilidade desta pesquisadora, da mesma forma, a preservação da privacidade e o uso dos dados somente com finalidade científica e dentro dos objetivos pretendidos. As permissões dos participantes foram registradas, no momento da realização das entrevistas, também por meio de áudio após ciência dos termos.

Devido a pandemia ocasionada pelo Coronavírus (SARS-COV-2 Covid- 19) em todo o mundo, a coleta de dados se deu de forma online como medida de prevenção sanitária que respeite as indicações dos organismos internacionais de proteção à saúde e alinhada com a proposta de pesquisa, com aplicação metodológica compatível aos objetivos. A opção considerou o estágio de instabilidade ao qual todos estiveram inseridos. Cabe ressaltar que enquanto instrumento de obtenção de dados, o compromisso assumido foi de realizar o levantamento da mídia mais adequada para realização das entrevistas online. Nesse sentido, todas as entrevistas foram realizadas pela plataforma Google Meet, com link compartilhado via WhatsApp dos entrevistados. É de responsabilidade ética com a pesquisa informar, onde for necessário, conforme definido todo o desenho do instrumental.

O tipo de entrevista proposta se dá quando o pesquisador busca uma maior flexibilidade no roteiro de perguntas, valorizando o que o entrevistado tem a dizer, assim “o pesquisador faz a primeira pergunta e explora ao máximo cada resposta até esgotar a questão” (DUARTE, 2008, p.66). As perguntas foram planejadas para serem exploradas contendo questões-chave no decorrer da abordagem, sendo o roteiro uma espécie de guia para o diálogo.

A técnica é bastante utilizada em pesquisas em educação, psicologia, sociologia e comunicação, para citar algumas, pois tem a capacidade de orientar os pesquisadores de onde estão e para onde devem ir. Para Gil (2002, p.109), a entrevista é uma forma de interação social, uma vez que o entrevistador deverá fazer perguntas ao entrevistado. “É uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação”, (GIL, 2002, p. 109).

2.2 AO ENCONTRO DOS OBSERVÁVEIS

Ainda sobre a utilização da entrevista como principal técnica para elaboração do corpus, é importante adentrar em aspectos presentes na referência a partir da Análise do Discurso

Crítica (ADC). Ao apresentar exemplos de entrevistas para análise textual, Fairclough (2016) convida à observação de aspectos pormenorizados dentro da seleção de categorias, e chama a atenção para aspectos das identidades sociais, da cultura e de mudanças que são importantes na análise do discurso.

Tomando as análises da ADC e suas características, podemos apreender que as entrevistas produzem relações entre enunciados e pressuposições, entre entrevistado e entrevistador onde existe uma tentativa de controle interacional como modo de organização do texto. Dessa forma:

O controle interacional é sempre exercido, até certo ponto, de maneira colaborativa pelos participantes, mas pode haver assimetria entre os participantes quanto ao grau de controle. As convenções de controle interacional de um gênero, corporificam exigências específicas sobre as relações sociais e de poder entre os participantes. A investigação do controle interacional é, portanto, um meio de explicar a realização e a negociação concretas das relações sociais na prática social. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 200).

Mesmo tendo em vista que o controle da interação não acontece na totalidade, a defesa do uso da entrevista se dá no entendimento da relevância desses discursos que emergem da oralidade e que essa característica se apresenta como uma opção dentro da escolha metodológica. Analisar o fenômeno comunicacional e o processo-objeto de análise, a partir da criação de um corpus onde esteja presente a observação e as elaborações dos enunciados e das subjetividades de indivíduos inseridos em um contexto de interesse para a questão que norteia o trabalho.

Assim, a definição de entrevista pode ser cunhada como “um espaço de produção de enunciados que se alternam e constroem sentidos na interação entre as pessoas envolvidas” (SANTOS; LEITE, 2019, p.328). As partes que se envolvem na realização de entrevistas, que como técnica, pressupõem uma organização para que a mesma resulte na geração de dados analíticos. Dito isso, retomo os critérios utilizados para seleção de participantes dessa pesquisa: serem residentes ou oriundos de comunidades rurais, tendo como um dos pontos de vinculação entre si a passagem, como ainda estudantes ou egressos, por escolas familiares agrícolas, organizadas dentro da proposta político-pedagógica da Pedagogia da Alternância e atendendo somente a esse público.

Inicialmente, ainda nas fases de projeto e qualificação, a proposta seria a realização de 13 entrevistas, envolvendo jovens das duas escolas citadas. Mantidos os mesmos critérios de seleção, partimos para uma amostragem que levou em conta o tipo de amostra não

probabilística, de modo que a escolha se procedeu por conveniência, a partir da satisfação das respostas com objetivos determinados.

Tânia Oliveira (2001) explica que esse tipo de amostragem é passível de críticas, mas parte da decisão de pesquisadores e na adequação para cada proposta de pesquisa e questões. “Apesar da impossibilidade de generalização de resultados, uma amostra não probabilística pode ser útil e até mesmo preferível em relação a amostra probabilística em uma série de situações” (OLIVEIRA, 2001, p.3). A autora exemplifica que pesquisas que se valham de avaliações, opiniões, descrições, exploração das ideias do público, se adequam na utilização desses modelos de amostra.

Assim, levando em consideração as formas de acessar os participantes, foi possível chegar ao número de 8 jovens, atendendo aos critérios prévios, sendo divididos entre os vinculados às duas instituições. Os contatos para convite, mesmo feitos de forma online, tiveram respostas positivas de forma imediata, demonstrando o interesse e compreensão dos benefícios da pesquisa por parte dos participantes.

Os pontos sobre benefícios e possíveis danos ou questões sensíveis são um compromisso ético de quem pesquisa, firmado e documentado junto aos comitês de ética para quem submete a esses procedimentos, devendo sempre serem esclarecidos, repetidos e partilhados com participantes. Assim, cada convite já iniciou com esse tipo de explanação acerca da manutenção do anonimato, preservação de dados pessoais e postura prontificada para diminuir dúvidas e informações em desencontro. O tema da pesquisa, as linhas de questões a serem exploradas, tempo de duração e formato online, também foram explicitados já no momento do convite à participação.

A plataforma online a ser utilizada foi escolhida de comum acordo entre as partes, onde todos optaram pela utilização do Google Meet. Mesmo com a disponibilidade da plataforma, não foi utilizado câmera, sendo gravado apenas o áudio com as informações para posterior transcrição das entrevistas e a sala foi disponibilizada por meio de link. Leva-se em conta que em uma entrevista:

Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social. (SANTOS; LEITE, 2019, p.328).

A disposição de um ambiente acolhedor foi se construindo na medida em que, com a ausência da parte visual na plataforma, os jovens sentiam-se menos presos a alguma sensação de norma, mais à vontade para relatarem suas experiências e enunciarem suas percepções dentro do que lhes foi questionado.

Com base em três características apresentadas por Fairclough (2016) sobre a análise textual em entrevistas, foi elaborado o seguinte quadro:

Quadro 01 – Condução da entrevista, organização e elementos para análise textual

ELEMENTOS PARA CONDUÇÃO DA ENTREVISTA		
Característica	Aprensão do conceito	Aplicação nesta pesquisa
Tomada de turno	Organização da colaboração entre os participantes; Direcionamento das sequências de fala; Definição dos padrões de trocas entre o momento de fala entre um falante e outro; Organização para que falas não se sobreponham.	Utilização do roteiro de questões semiestruturado; Observação do silêncio do participante como sinal para retomada da fala por parte da entrevistadora.
Estruturas de troca	Categorias das ordens de fala. Exemplos: pergunta-resposta-avaliação; pergunta-resposta; convite-aceitação.	Pergunta-resposta-retomada da pergunta; Pergunta-resposta; Pergunta-resposta-esclarecimento-repetição da resposta.
Controle de tópicos	Tópicos do diálogo e como o mesmo vai tomando uma estruturação.	Os tópicos foram definidos pela pesquisadora; Uma agenda pré-estabelecida, em comum acordo entre as partes, foi definindo a estrutura sequencial da entrevista.

Fonte: Quadro elaborado pela autora (2022) com referência nas formulações de Fairclough (2016, p.201-202).

O início dos momentos de entrevista com a retomada dos compromissos éticos da pesquisa era seguido de uma forma de explanação das questões seguindo o roteiro de entrevistas, mas em uma entonação de convite à iniciar uma conversa, estabelecendo uma valorização para o que iria ser falado na sequência. À medida que as respostas foram sendo elaboradas, em caso de dúvida ou inconclusão de entendimento de minha parte, a retomada às

questões era feita de forma a solicitar um complemento ou fazendo intervenções a partir de frases formuladas pelos próprios entrevistados.

Foi utilizado então um instrumental básico para as entrevistas, um roteiro com 17 perguntas a serem utilizadas na sequência mais ajustada a cada entrevista, de forma alternada e livre, mas sendo necessário ser utilizado o mesmo roteiro em todas as entrevistas. É possível observar nas transcrições que a sequência não foi sempre a mesma, nem mesmo a forma de enunciação, onde esta foi se adaptando também ao entendimento de cada participante e também das condições nas quais as entrevistas ocorreram. As entrevistas ocorreram no mês de maio de 2022, de forma individual, exceto no caso de três jovens que solicitaram que a entrevista fosse realizada no mesmo horário, por questões de organização e conexão com a internet.

O roteiro foi formulado no sentido de contemplar os objetivos geral e específicos da pesquisa, bem como a questão central. Assim, perguntas sobre a comunidade ou local de origem e moradia, a relação de pertencimento com esses lugares e a descrição dos mesmos foram sendo exploradas. Ainda abordadas perguntas mais conceituais acerca do entendimento de categorias como rural, juventudes, mídia e as relações entre esses conceitos e a vida cotidiana.

Os jovens também foram convidados a responderem sobre suas avaliações e a descreverem suas relações com a mídia, aspectos negativos e positivos, sobre a predominância da internet e do uso de smartphones, bem como reflexões sobre a relação entre tais indagações e suas experiências particulares, estabelecendo um caminho de organização do pensamento que resgatasse ou colocasse na centralidade a relação também com a experiência educacional e suas identidades enquanto jovens do campo.

De maneira complementar, ao final de cada entrevista, os jovens foram convidados a responderem um formulário no Google Forms contendo 20 questões. Este, serviu para observação do perfil desses participantes e, por tocar em perguntas de aspectos socioeconômicos de cada pessoa, foi feita a escolha de não fazer as perguntas no momento da entrevista, deixando para preenchimento individual que gerou os dados por meio de gráficos.

Ao partir para a análise, serve de inspiração também o pensamento de Mikhail Bakhtin:

Em qualquer enunciado, desde a réplica cotidiana monolexemática até as grandes obras complexas científicas ou literárias, captamos, compreendemos, sentimos o *intuito discursivo* ou o *querer-dizer* do locutor que determina o todo do enunciado: sua amplitude, suas fronteiras. Percebemos o que o locutor quer dizer e é em comparação a esse intuito discursivo, a esse querer-dizer (como o tivermos captado) que mediremos o acabamento do enunciado (BAKHTIN, 1997, p.300).

A entrevista como técnica de produção desse corpus deu para a pesquisa inúmeros desafios, desde as questões mais burocráticas, que passam por prazos, submissões e adequações aos preceitos éticos necessários, até o ponto da organização e seleção dos dados.

No entanto, acredita-se que essas vozes, dentro de suas particularidades, são necessárias para abarcar essa construção enquanto pesquisa, apresentando-se como fundamental e um passo de contribuição para o campo da comunicação. Não obstante, saliento os espaços de dúvida que, por ventura, podem ter sido deixados, e os necessários aprofundamentos.

2.3 NOSSA LENTE SOB O AMPARO DA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA (ADC)

Por meio das entrevistas, chegamos à formulação de um corpus analítico que teve como inspiração as propostas da Análise do Discurso Crítica (ADC), levando em conta também a dimensão discursiva presente já no referencial teórico. O discurso tem sua relevância destacada por diversos estudos e são parte das relações entre sujeitos, sentidos e efeitos na construção da realidade. Entende-se que na ADC:

A preocupação central é estabelecer conexões explanatórias entre os modos de organização e interpretação textual (normativos, inovativos, etc), como os textos são produzidos, distribuídos e consumidos em um sentido mais amplo e a natureza da prática social em termos de sua relação com as estruturas e as lutas sociais (FAIRCLOUGH, 2016, p. 104).

Do que Fairclough (2016) elaborou em sua Teoria Social do Discurso, são três as dimensões de análise: texto, prática discursiva e prática social. A ADC entende a linguagem, falada ou escrita, em movimento, em funcionamento e esse conceito se aplica na “investigação de como esses sistemas funcionam na representação de eventos, na construção de relações sociais, na estruturação, reafirmação e contestação de hegemonias no discurso” (RAMALHO; RESENDE, 2019, p. 13).

Entende-se que as dimensões da ADC, para análise, são de representação, significação e identidades. Esta última foi elencada nos objetivos propostos anteriormente, entendendo a necessidade de delimitação da pesquisa e as escolhas dessa proposta. As práticas discursivas contribuem para reproduzir as lógicas da sociedade, bem como dá instrumentos para propor transformações.

No aspecto social, considera os fatores econômicos, políticos, culturais e ideológicos. Orlandi (2002) reitera que “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres

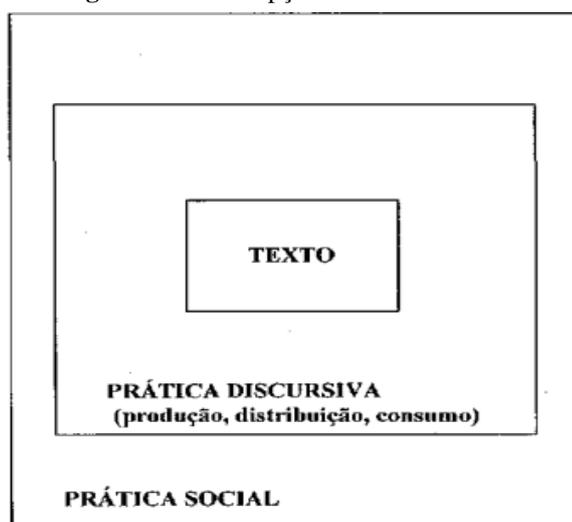
que se alojam na memória” (ORLANDI, 2002, p. 43).

Por se tratar de uma perspectiva social, o discurso é tido em Fairclough (2016) não como produção individual, mas como parte da soma de variáveis que se relacionam, tensionam e necessitam de condições como parte do sistema de linguagem. O autor afirma, portanto, que “a constituição discursiva da sociedade não emana de um livre jogo de ideias nas cabeças das pessoas, mas de uma prática social que está firmemente enraizada em estruturas sociais, materiais, concretas, orientando-se para elas” (FAIRCLOUGH, 2016, p.97).

Para exemplificar a proposta de análise do autor supracitado, recorreremos ao diagrama que apresenta como cada aspecto do discurso se posiciona e a forma como os efeitos sociais atuam de maneira indispensável na compreensão do discurso na sociedade.

“A parte do procedimento que trata da análise textual pode ser denominada ‘descrição’, e as partes que tratam da análise da prática discursiva e da análise da prática social da qual o discurso faz parte podem ser denominadas ‘interpretação” (FAIRCLOUGH, 2016, p.105).

Figura 01 – Concepção tridimensional do discurso



Fonte: FAIRCLOUGH, 2016, p. 105.

A partir desta figura, elucidamos que “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 95). Sendo o discurso um conceito sobre relações, ele se apresenta diante de funções que colocam os elementos da linguagem em uma movimentação da fala, da escrita, gestos, símbolos, interpretações.

Importante salientar que, nesta pesquisa, dentre os três tipos de funções atribuídas à linguagem na Teoria Social do Discurso, destaca-se a função identitária, de modo que, de acordo com Fairclough (2016), essa função, como prática, contribui para reproduzir a sociedade

e para transformá-la.

No aspecto das dimensões, inspirado nas ideias de Foucault sobre as ordens discursivas, Hall (2016) compreende que o conceito de discurso “não é sobre se as coisas existem, mas sobre de onde vem o sentido das coisas” (HALL, 2016, p.81). Por meio da representação pode conferir aspectos de alteridade, exclusão, estereótipos, fantasias ou fetiches (HALL, 2016). O autor descreve o aspecto do estereótipo ao lado do poder e destaca que “a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a ‘diferença’” (HALL, 2016, p. 191). O poder, segundo Hall (2016), se estabelece por meio da representação de algo e o estereótipo aparece como chave para compreensão desse discurso.

Em uma reflexão sobre o discurso em torno da geografia, Foucault (2018) afirma que diversos enunciados em torno desse campo do saber denotam poder. Ele compreende que “a descrição espacializante dos fatos discursivos desemboca na análise dos efeitos de poder que lhe estão ligados” (FOUCAULT, 2018, p. 253). O território é apreendido aqui como espaço de significação e produção de sentidos.

Nessa abordagem, não há possibilidades de resultados absolutos, pois a análise da realidade é feita também sob o olhar particular e acumulado de quem pesquisa. De acordo com Magalhães (2019), os textos devem ser analisados sobre os contextos com os quais se relacionam e o posicionamento de quem pesquisa deve ser crítico diante dos dados.

De acordo com as autoras Resende e Ramalho (2019), os discursos relacionam os modos específicos de relações com o mundo, estando em constante disputa posto que a cada movimento histórico essas particularidades se alteram. As autoras supracitadas explicam que “alguns discursos, em contextos sócio-históricos definidos, apresentam um alto grau de compartilhamento e repetição, podendo gerar muitas representações localizadas e representações globais, capazes de colonizar diversas práticas na vida social, em boa parte do mundo” (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 71).

Ao processo que se dá “incorporando sentidos, projetando outros para novos textos que os sucederão, articulando silêncios e interditos, evidenciando regularidades, limites, e permitindo o reconhecimento das formações discursivas a que os textos em questão pertencem” (MAGALHÃES, 2019, p. 41) constitui a interdiscursividade. Nesse processo, de acordo com a autora, ficam aparentes as diferentes ordens discursivas, as várias possibilidades de construção textual e relações que se dão entre suas características. As práticas discursivas contribuem para reproduzir as lógicas da sociedade, bem como dá instrumentos para propor transformações. No aspecto social, considera os fatores econômicos, políticos, culturais e ideológicos.

Resende e Ramalho (2019) ainda discutem:

A relação entre palavra e significado não é uma constante transhistórica, ao contrário, muitos significados potenciais são instáveis, o que pode envolver lutas entre atribuições conflitantes de significados – e a variação semântica é vista como um fator de conflito ideológico, pois os significados podem ser política e ideologicamente investidos. (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 75).

2. 3. 1 Texto, prática discursiva e prática social

Para entender a materialização e a ação da linguagem na vida social, recorreremos ao discurso que se dá na forma de uma instância contextual. “A linguagem como prática social, por sua vez, materializa-se junto aos falantes por meio de textos que compõem o discurso, intersubjetivamente constituído, sendo o texto a unidade básica de análise no programa de estudos da ADC” (LOPES et al., 2020, p. 107).

Sabendo que a linguagem é vista como uma atividade social, “as pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações, que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 108). Assim, explica o autor, a gramática, o vocabulário, a coesão e a estrutura textual são os itens formais para a organização de uma análise textual, onde estes perpassam uma multifuncionalidade, podendo ser investigados de várias maneiras na relação com as categorias. Portanto, o texto não deve ser lido como um objeto puro.

Destaca-se também o seu caráter de interação, representação de mundo e identificação de si mesmo, o que significa que todo texto traz em si marcas dos atores sociais que dele participam. Por essa razão, para a ADC faircloughiana, o texto é a unidade mínima de análise tendo em vista que elementos menores, como parágrafos e frases, não incorporam as práticas sociais e culturais de um grupo. (LOPES et al., 2020, p. 114).

Orlandi (2002) diferencia, por exemplo, o que um analista de discurso busca no texto em relação ao que busca um analista de conteúdo, sem dar juízo de valor entre abordagens, mas no sentido de explicar a postura do analista para o texto. Segundo ela, “paramos em sua materialidade discursiva para compreender como os sentidos – e os sujeitos – nele se constituem e a seus interlocutores, como efeitos de sentidos filiados a redes de significação” (ORLANDI, 2022, p. 91).

Por sentido, na análise do discurso como texto, “uma vez que tenhamos em mente a dependência que o sentido tem da interpretação, podemos usar ‘sentido’ tanto para os potenciais das formas como para os sentidos atribuídos na interpretação” (FAIRCLOUGH, 2016, p.107).

O texto é parte da formação do discurso, elemento material de análise dentro da proposta de ADC, necessitando, para isso, dos complementos à pura e simples descrição.

Logo, “textos não se encerram em si mesmos, mas são também elementos constitutivos das relações de poder numa sociedade em que os indivíduos estão situados historicamente intervindo na sociedade na/pela linguagem” (LOPES et al., 2020, p. 123). A ADC propõe que a linguagem aglutina as representações de realidade, onde, mesmo com estrutura própria, a língua é colocada em movimento, para validar práticas, para propor tensões, para delinear papéis sociais, apontando efeitos e causas de mudanças na sociedade que se expressam nos discursos em diferentes épocas e contextos.

Para situar o olhar da ADC, “a reflexão sobre relações dialéticas entre discurso e sociedade é localizada no contexto da modernidade tardia ou do novo capitalismo” (REZENDE; RAMALHO, 2019, p. 23). Portanto, todo discurso deve ser observado levando em consideração que há uma organização da vida, camadas e definições de papéis e identidades sociais, bem como lutas próprias dessa fase de desenvolvimento e suas consequências.

Ao trazer a dimensão da prática discursiva na ADC, a teoria propõe que as condições de produção do discurso sejam avaliadas, de certo como sua distribuição, ou seja, como um discurso é produzido, como reflete na vida social e como é distribuído e vai se estabelecendo. “E a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 111). A prática discursiva na ADC atua em uma função mediadora entre o texto e a prática social. É também nessa prática que “a força dos enunciados é construída de forma particular e em contextos sociais específicos” (SILVA et al., 2020, p. 153).

Exercer uma prática discursiva significaria, então, pertencer a um contexto de regras preestabelecidas. Quando a mídia aborda a temática da corrupção, esse discurso, por exemplo, se valerá das próprias regras por ela determinadas sobre o que seriam política, dinheiro público e outras diversas possibilidades enunciativas que se relacionam em sentido de Poder com o tempo e o espaço em que esse discurso foi praticado. (SILVA et al., 2020, p. 147).

Nessa operação, de tal forma “as instituições sociais mantêm-se e reproduzem-se recorrendo a práticas discursivas” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2017, p. 43), de onde se apontam práticas sociais em sua dimensão política, sendo relevantes os aspectos do Poder e da Ideologia. No entanto, “dado o caráter inerentemente aberto das práticas sociais, toda hegemonia é um equilíbrio instável, e a ADC, no seu papel de teoria crítica, trabalha nas

brechas ou aberturas existentes em toda relação de dominação” (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 43).

É visto, assim, que a prática social “pode promover significações produtoras, reprodutoras ou transformadoras das relações de dominação entre grupos sociais, trazendo à cena a inescapável emergência do foco no social, no sujeito, no identitário e no emancipatório” (GÓMEZ et al., 2020, p.173).

Essa vertente teórico-metodológica é o caminho que pavimentou o procedimento de análise, desde a compreensão da construção de um corpus como elemento textual e, portanto, material desse procedimento, perpassando pelas dimensões do discurso e do contexto social que orienta as práticas representadas.

É uma forma abrangente de teoria e análise, mas da qual apreendeu-se os elementos como inspiração e referência em um diálogo com os aportes teóricos da pesquisa, conforme a pertinência para o trabalho. Considera-se a relação entre os textos, contextos e sentidos. Destaco que o trabalho não toma o modelo tridimensional em sua completude, mas com enfoque privilegiado no texto.

3 ANALISANDO RELAÇÕES: JUVENTUDES DO CAMPO, MÍDIA E AS IDENTIDADES

No início do texto dissertativo, no capítulo onde trabalho o conceito de juventudes, a reflexão se encaminha para a consideração da categoria como social, que se constrói, com relações históricas, culturais e discursivas, não sendo em si determinada por processos naturais ou formais, no ponto de vista do extrato que se refere ao que seja a experiência de vida do ser jovem. Dentro desse entendimento, as juventudes rurais ou do campo nos levam a referir “aos variados processos empíricos, condições conjunturais e particularizadas das múltiplas juventudes” (LEÃO; ROCHA, 2015, p. 35).

Retomo que essas relações estão sob a ótica de entender a comunicação, e a mídia abrangendo o fenômeno mediante a tecnologia e a retórica, a partir do vínculo que Sodré explica “como algo que se globaliza por meio das tecnologias da comunicação: a mundialização dos afetos em tempo real” (SODRÉ, 2019, p. 301).

Assim, aquilo que o autor denomina como disposição originária ou condição ontológica do ser, exige a dimensão da compreensão, explicada, pois, como “um movimento dialético entre os dois polos, de modo que a sensibilização do objeto se apoia num segundo momento em procedimentos explicativos” (SODRÉ, 2019, p. 302). Na atitude compreensiva, à qual convida Sodré (2019) na análise da vinculação, cabe nesta pesquisa:

Reconhecer a complexidade de um fenômeno sociológico não equivale a negar sua possibilidade de compreensão e sistematização por meio de conceitos gerais e válidos para múltiplas realidades. Para tanto, um primeiro procedimento necessário é considerar que a juventude é uma categoria sociológica; por isso mesmo, seu significado é necessariamente relacional, de modo que, tal como menciona Pierre Bourdieu (1983), sempre somos jovens ou velhos em relação a alguém. Nesse sentido, devemos pensar o sentido da juventude como algo que é produzido em determinados contextos de interação social (LEÃO; ROCHA, 2015, p. 34).

Então, nessa sequência, é necessário observar os elementos do perfil dos participantes da pesquisa. Mesmo que esse perfil tenha sido construído, em formato de dados, após o contato inicial e as entrevistas, ele será apresentado antes para dar uma sequência ilustrativa de melhor compreensão.

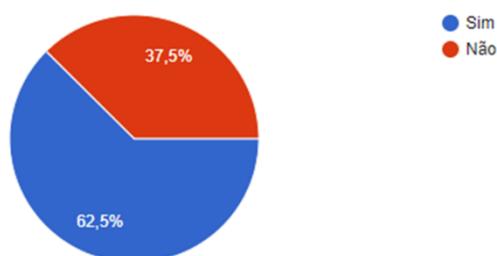
Para isso, utilizo o extrato dos resultados obtidos na aplicação do formulário disponibilizado no Google Forms com as 20 perguntas das construções dos perfis. Nas duas

primeiras perguntas, sobre a idade e local de residência, as mesmas apontaram para o atendimento dos critérios de seleção relativos à idade (15 a 29 anos) e apenas um dos participantes não reside em municípios do Piauí ou Ceará, mas declarou em entrevista que a mudança de residência foi ocasionada em função de trabalho. Dito isso, saliento o caso como um exemplo de migração, algo presente na vida das populações do campo, estando associado, em muitos casos, com fatores econômicos. Mesmo com esse exemplo, a maioria dos participantes ainda declara residir em localidade rural.

Figura 02 – Pergunta 3 no formulário Perfil de Participante

O local que você reside atualmente está localizado em zona rural?

8 respostas



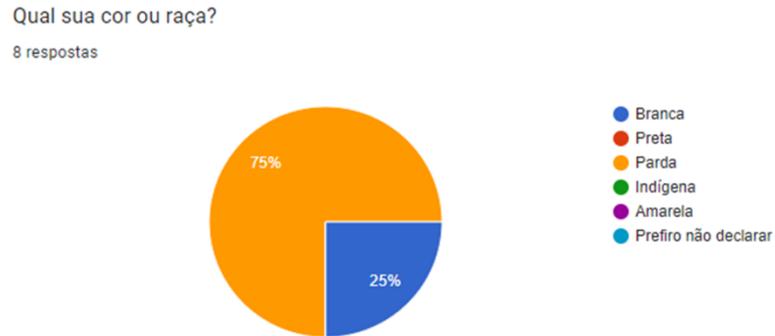
Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

Na continuação das perguntas, acerca da questão sobre religião, apenas um participante declarou não ter religião, um declarou ser da denominação evangélica e os demais declararam serem adeptos da religião católica. O questionário segue com o extrato sobre a identidade de gênero do público entrevistado em uma proporção de 75% feminino e 25% masculino.

A questão sobre identidade racial leva em conta o que diz o Estatuto da Igualdade Racial, onde afirma: “população negra - o conjunto de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga” (BRASIL, 2010). Dessa forma, temos o seguinte cenário, onde é possível perceber a predominância da autodeclaração parda nessa amostra, indicando uma maioria negra dentre esse público.

O gráfico seguinte, referente à questão 7, apresenta a relação quantitativa familiar, onde nenhum dos lares figura na opção mínima. No entanto, no tocante à questão 8, abordando a renda das famílias, a opção marcada por quase todos os participantes, exceto dois, foi da incidência de um a dois salários mínimos. Vejamos na sequência as três figuras:

Figura 03 – Pergunta 6 no formulário Perfil de Participante



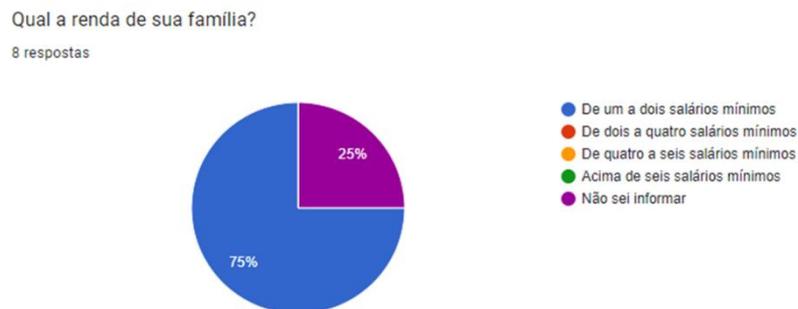
Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

Figura 04 – Pergunta 7 no formulário Perfil de Participante



Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

Figura 05 – Pergunta 8 no formulário Perfil de Participante



Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

Leão e Rocha (2015) explicam que a sociedade brasileira passou por profundas mudanças que impactam também na relação das pessoas com o território, os modos de produção, de trabalho e uma vinculação direta no que concerne a toda a experiência de vida em um único lugar.

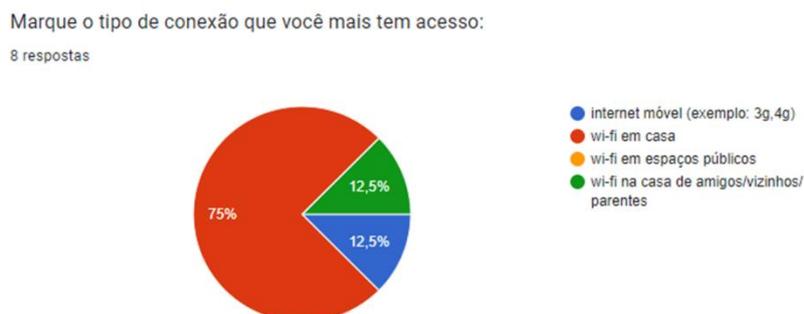
Características próprias da vida no campo e a centralidade do trabalho para a subsistência das famílias, se mostra presente a partir do que é possível perceber na figura a seguir, onde há a predominância da atividade econômica da agricultura e agropecuária na realidade das famílias, mas já encontrando no comércio e serviços uma outra ponta da relação com o trabalho e/ou atividades produtivas. Parte dos jovens participantes da pesquisa já estão inseridos no mercado de trabalho, porém, na descrição das funções exercidas (pergunta da questão 10) as atividades relacionadas não estão diretamente dentro do que compõe as atividades de trabalho das famílias, onde esses jovens atuam com trabalho formal, fora da propriedade e na prestação de serviços.

Figura 06 – Pergunta 9 no formulário Perfil de Participante



Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

As figuras que seguem revelam o perfil de relação desses jovens com a internet. Dentro da amostra, observa-se a participação dos mesmos no sistema de conexão, com acesso à internet, principalmente em casa, sendo predominantes as conexões via wi-fi residencial ou conexão móvel (3g e 4g). Na questão de número 15, com 7 opções possíveis para escolha da resposta sobre o que costumam fazer ao acessar a internet, apenas 3 opções aparecem no gráfico, onde a prioridade do uso é para estudos. Na sequência:

Figura 07 – Pergunta 14 no formulário Perfil de Participante

Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

Figura 08 – Pergunta 15 no formulário Perfil de Participante

Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

Sobre a utilização de redes sociais, dentre as 6 opções disponíveis na pergunta 16, 75% das respostas determinou o WhatsApp como rede social mais utilizada, seguida do Instagram (25%). “Facebook”, “Twitter”, ou as opções “Outro” e “Não uso rede social” não foram escolhidas. Vale observar que, relacionando às questões 15 e 16, que os jovens não afirmam a utilização para a opção “ver notícias”. Metade dos participantes respondeu (na pergunta 17) que passa de três a quatro horas navegando na internet. Pesquisas revelam que os usuários brasileiros utilizam o WhatsApp como fonte, mesmo diante dos perigos relacionados à desinformação e falta de segurança na circulação de informações⁵.

Outro dado é relacionado à presença e engajamento em organizações coletivas, movimentos sociais e agrupamentos. Sodré (2010) ressalta: “  nas situa es miúdas do dia a dia, no vaivém relacional entre as institui es e a vicissitude existencial da cidadania, que se pratica o jogo democrático” (SODRÉ, 2010, p.84). Pertinente com a questão religiosa, os jovens

⁵ A pesquisa que aponta essa informa o foi divulgada em 2019 pela Agência Brasil: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2019-12/whatsapp-e-principal-fonte-de-informacao-do-brasileiro-diz-pesquisa>

participantes, em sua maioria, têm relação com movimentos católicos e do meio associativista rural.

Figura 09 – Perguntas 18 e 19 no formulário Perfil de Participante



Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

A última questão do formulário aborda a questão da mídia musical e quais os estilos preferidos dos participantes a partir das opções distribuídas.

Figura 10 – Pergunta 20 no formulário Perfil de Participante



Fonte: Gerado no sistema Google Forms a partir de formulário elaborado pela autora (2022).

3.1 AO ENCONTRO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

No contexto dessa análise, volto ao tema da identidade para que seja possível relacionar com categorias propostas pela ADC. Primeiramente, dentre os significados propostos no modelo tridimensional, parece evidente a pertinência do significado identificacional, o qual,

segundo Resende e Ramalho (2019), se relaciona ao estilo. “Estilos constituem o aspecto discursivo de identidades, ou seja, relacionam-se à identificação de atores sociais em textos”. É, assim, entendido como um processo de identificação dentro de pressupostos sobre o que se é em termos de identidade.

É necessário marcar, pois, o seguinte fato: “identidade e diferença são conceitos que estão em uma relação de estreita dependência” (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 76). Dentro de uma determinada conjuntura, de acordo com Hall (2020), identidade e diferença estão interconectadas, mas não se anulam. Assim, os processos de identificação também estão envolvidos em lutas sociais, construindo-se a partir das tensões próprias dos processos globais dos quais Hall (2020) explica como sendo causadores de dois tipos de efeitos: promove pluralidade e novas identidades ao passo em que existem resistências e articulação de tradições.

Em sua experiência no mundo, as pessoas são posicionadas involuntariamente como agentes primários pelo modo como nascem e sobre o qual são impossibilitadas, inicialmente, de operar escolhas – isso inclui as noções de gênero e classe social. A capacidade de agentes sociais transformarem sua condição nesse posicionamento primário depende de sua reflexividade para se transformarem em agentes incorporados, capazes de agir coletivamente e de atuar na mudança social. (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 79).

Seguindo especificamente as propostas presentes em Fairclough (2016), Resende e Ramalho (2019), no bojo do significado identificacional emergem as categorias *avaliação* e *modalidade*. E, mesmo que indicada ao significado representacional, mostrou-se relevante a categoria do *significado da palavra*. Identificações, gêneros e representações dentro de uma construção discursiva, quando consideradas a partir das categorias da ADC, propõe a organização metodológica e analítica para quem realiza a pesquisa e a análise crítica.

A denominação de algo, a atribuição de sentido através da palavra, “pode girar em torno da natureza da relação entre significados no interior do significado potencial da palavra” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 240). Quer dizer, ao que afirma o autor, podem existir relações de hierarquia, complementaridade, dominação ou subordinação, em suas palavras, entre o que é dado como *significados da palavra* nos enunciados.

Os dicionários são citados como exemplo de ordenação de significados dados às palavras, por meio de verbetes. Assim, mesmo elencando as possibilidades de significado, o mesmo já propõe um sentido coletivo e potencial ao empreender tal palavra. “As palavras têm tipicamente vários significados, e eles são ‘lexicados’ tipicamente de várias maneiras” (FAIRCLOUGH, 2016, p. 239).

Além disso, a relação entre palavra e significado não é uma constante transhistórica, ao contrário, muitos significados potenciais são instáveis, o que pode envolver lutas entre atribuições conflitantes de significados – e a variação semântica é vista como um fator de conflito ideológico, pois os significados podem ser política e ideologicamente investidos. (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 75).

Resende e Ramalho (2019) afirmam que o interesse da ADC é, ao tratar os tipos de identidade em seus fluxos, investigar os embates que ocorrem no campo discursivo. Segundo as mesmas, “a luta hegemônica sobre modos de identificação é a luta entre a fixação/estabilização e a subversão/desestabilização de construções identitárias” (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 78).

Desse modo, afirmações de valor, aspectos afetivos, presunções, são aspectos da categoria *avaliação*. “A avaliação está sujeita a uma escala de intensidade – por exemplo, adjetivos e advérbios avaliativos agrupam-se em conjuntos semânticos de termos que variam de baixa a alta intensidade, como no continuum bom/ótimo/excelente” (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 79).

Por fim, a apresentação de polaridades presentes no texto; o grau de compromisso do enunciado por meio de afirmações, perguntas, necessidades, obrigatoriedades; o grau de afinidade manifesto no discurso; a presença de advérbios de modo são traços da categoria *modalidade*. Dentre inúmeros exemplos sugeridos por Fairclough (2016), vejamos o seguinte:

Dada uma proposição sobre o mundo, como “a terra é plana”, pode-se categoricamente afirmá-la (“a terra é plana”) ou negá-la (“a terra não é plana”), mas também estão disponíveis vários graus de comprometimento menos categóricos e menos determinados a favor ou contra: “a terra pode ser/ provavelmente é/ possivelmente é/ é mais ou menos plana”, por exemplo. (FAIRCLOUGH, 2016, p. 207).

Complementando a citação, mencionamos que nas “trocas de conhecimento, a modalidade é epistêmica, refere-se ao comprometimento com a ‘verdade’; já em trocas de atividade, a modalidade é deôntica, refere-se ao comprometimento com a obrigatoriedade/necessidade” (RESENDE; RAMALHO, 2019, p. 82). A expressão dos verbos e advérbios modais e adjetivos, compõem, seguindo os autores referenciados na ADC, a operacionalização da categoria modalidade na materialidade da análise.

3.2 USOS ESTABELECIDOS PELOS JOVENS DO CAMPO COM A MÍDIA EM SEUS DISPOSITIVOS MÓVEIS

A partir desse tópico, retomo cada objetivo específico para fazer o movimento de dialogar com trechos das transcrições das entrevistas. A título de conhecimento, as transcrições estão disponíveis para apreciação e leitura, no entanto, o destaque se dá para as partes que se relacionam com os objetivos e todo o caminho delineado até essa fase da produção textual. De modo organizativo, apresento o diálogo entre trechos e as interpretações de análise, orientada a partir de todo o procedimento metodológico e referencial teórico.

Ao final de cada tópico, há também um quadro para que seja possível visualizar os elementos encontrados. Os jovens, por questão de acordo para o anonimato, são representados pela letra J seguida de um número, e as transcrições mantêm o modo de expressão de cada um, o uso de palavras e o emprego dos termos.

O primeiro objetivo específico diz: identificar os usos estabelecidos pelos jovens do campo com os dispositivos móveis. Nesse sentido, seleciono as perguntas ou temas abordados que se aproximam com o objetivo, quais são: o entendimento do conceito de mídia por parte do participante; a relação do participante com os vários tipos de mídia no dia a dia; a relevância do uso do celular no cotidiano; os usos que o participante faz da internet e suas possibilidades. Ao perceber essas questões em relação à finalidade nesse texto, seleciono trechos onde as respostas contemplaram pontos relevantes dentro desse guarda-chuva de temas.

São formas de divulgação que temos em nossas mãos para repassar, trocar ideias com outras pessoas, adquirir conhecimento e também fazer sua troca de experiência, de vivência com outras pessoas. Então, eu acredito que a mídia está aí para nos ajudar, para nos auxiliar nesse sentido, tanto para o bem como para o mal.(J1)

Mídia é toda uma rede de notícias e de publicações. No meu dia a dia o consumo é pouco, por conta do trabalho e estudo. Meu consumo de TV é zero, eu uso mais o celular. Era diferente, quando morava na zona rural era mais por TV. No início, tinha muita dificuldade. Poucas casas tinham *Wi-Fi*, mas hoje em dia está bem mais fácil. Todas as casas de lá agora tem *Internet*. Na minha casa antes todos acompanhavam muito a TV, agora é cada um no seu próprio celular. (J2)

É um meio de comunicação que pode ser passado informações boas ou malélicas para derrubar uma pessoa, uma empresa. Eu olho mais o YouTube, Instagram, Facebook e o Google para pesquisar alguma coisa da escola e eu só faço isso pelo celular mesmo, tanto em casa como na escola. Eu olho para estudar e às vezes para me divertir. (J3)

É um meio de comunicação que disponibiliza, dissemina tanto informações boas, que vão contribuir para nossa formação e aprimoramento pessoal, mas também pode estar destruindo, desestabilizando nossa mente, principalmente por sermos jovens e em alguns momentos estarmos com a mente franca. Então a mídia é um meio ótimo, mas que deve ter uma certa preocupação. (J4)

Eu acho que, por vivência própria, algumas coisas que passam na mídia são de que o jovem trabalha apenas com o campo, apenas focado na agricultura e também na pecuária, só que tem essa forma pejorativa que o jovem não trabalha com economia, administração, design, ou uma produção que, provavelmente, você queira ingressar em um negócio próprio, por exemplo. Eu acho que o jovem do campo é discriminado também porque a mídia aborda temas que não condizem com a nossa realidade, não dá para repassar para os nossos pais o que a gente não está conseguindo entender. Na verdade, todos os alunos, tanto da área urbana e rural, eles são para decorar e não para aprender. (J5)

Os jovens apontam para o desejo de que o acesso à informação pudesse proporcionar possibilidades positivas para retratar a realidade de suas localidades e regiões semelhantes, mas que existem malefícios preocupantes no que diz respeito à postura individual de cada pessoa diante dos perigos da exposição aos meios como os digitais e à internet, “podemos também ser forçados a lidar com o aumento de funções dentro do mesmo aparelho, as quais diminuem sua capacidade de cumprir sua função original; assim, não consigo encontrar um telefone celular que seja apenas telefone” (JENKINS, 2009, p. 43)

Nessas colocações, percebe-se a noção de mídia a partir do binômio necessárias-perigosa, informações boas-informações ruins, verdade-distorção. A exemplo do que afirma J5, os jovens consideram que mesmo diante dos avanços tecnológicos, da presente da internet, a narrativa do que eles consideram como mídia sobre a realidade do campo ainda está distante e contribui com a continuidade de preconceitos. Outro exemplo está na fala de J4.

Mídia se relaciona quando é uma ideia, ela é apresentada em um determinado local e ele começa a repercutir, um fato. Se é uma mídia organizada pelo jovem do campo, aí eu coloco uma notícia do jovem do campo. A mídia em si somos nós; existem vários tipos de mídia, a mídia popular, a mídia jornalística e existe a mídia política, e a política influencia muito nas outras duas mídias, porque se a mídia política diz para o jornalista postar algo ele vai ter que postar, dependendo do jornalista também. (J6)

No caso de J6, a mídia tem uma clara relação com a vida política e com os interesses dos diferentes grupos sociais. Ao usar a palavra “postar”, fica implícita uma relação entre o conceito de mídia e as formas digitais de comunicação e o jovem acredita que a repercussão de

fatos e informações, e da própria escolha sobre o que é noticiado em meios jornalísticos, passa por escolhas determinadas de modo político e alinhado com a participação das pessoas. Trazendo para a reflexão de autores como Martino (2010), “o sentido de participação muda: existir em sua forma virtual é manipular todo um instrumental eletrônico e retórico para existir no espaço de debate” (MARTINO, 2010, p. 186)

Eu acho que a mídia hoje em dia é uma questão muito importante, mas a mídia, às vezes, retrata algo que não é. Nem sempre o que se passa na mídia é verdade. A mídia deveria retratar a realidade das pessoas e ajudar a transformar vidas. (J7)

A mídia é muito importante para a nossa vida. Mas também tem a questão de a gente aprender e ouvir algumas coisas pela mídia, olhar algumas coisas interessantes, mas com foco no aprendizado, a questão da gente se organizar e saber quais as letras de músicas que ouvimos, quais textos e livros, tudo isso tem a importância da mídia. A questão de conhecer pessoas pela mídia, isso é muito importante, mas é preciso saber se concentrar mais e se organizar nas mídias sociais. A mídia nos dá outras alternativas que a gente poder conseguir realizar alguns projetos. Muitas vezes, a gente é um pouco esquecido, mas buscamos dar outras formas de nos apresentar. Nós mesmos temos que inventar outras formas de se organizar para poder passar mensagens através das mídias, para a gente ter mais importância. Cabe a gente fazer algo que consiga ter mais olhares, mais importância sobre nós. A questão dos jovens do campo passarem uma nova mensagem para a sociedade. (J8)

Nessas falas aparecem também as questões de binômio, de oposição. Por um lado, os jovens percebem a mídia como espaço de oportunidade para ampliação de conhecimentos, para realização de atividades que só são possíveis ou se completam com a comunicação, mas há desconfiança quando o assunto é a narrativa empregada na mídia sobre as juventudes, especificamente sobre as juventudes do campo.

Para superar esse problema apontado, J7 acredita que seria necessário a mídia atuar para a transformação da sociedade, o que podemos afirmar ser um desejo de superação das representações não verdadeiras sobre as realidades vividas no campo. A fala de J8 explicita essa vontade, ao passo em que enxerga que a mídia dá as ferramentas necessárias para tanto, faltando então um aprendizado mais voltado para o uso da mídia, encerrando também com o senso semelhante ao de J7 sobre a necessidade de usar a mídia como ponte para transformação social.

Sabendo que a questão dos usos da mídia se estabelece de forma constante pelos dispositivos móveis, importante lembrar que estes “nossos telefones celulares não são apenas aparelhos de telecomunicações, eles também nos permitem jogar, baixar informações da Internet, tirar e enviar fotografias ou mensagens de texto” (JENKINS, 2009, p. 43).

No próximo quadro, retorno à algumas expressões das falas dos jovens que expressam os sentidos das categorias da ADC, mostrando as modalidades e os graus de compromisso dos jovens com as afirmações, as avaliações que fazem sobre os temas e quais palavras surgem dentro do vocabulário enunciado como significativas para a compreensão do discurso e dos aspectos das identidades desses jovens, no tocante ao primeiro objetivo específico.

Quadro 02 – Expressões discursivas e aspectos das identidades

<p>Modalidade – “eu acredito” “mídia é” “No meu dia a dia o consumo é pouco” “Eu acho que, por vivência própria” “A mídia em si somos nós”</p> <p>Avaliação – “pode ser passado informações boas ou maléficas para derrubar uma pessoa, uma empresa”</p> <p>“dissemina tantas informações boas, que vão contribuir para nossa formação e aprimoramento pessoal, mas também pode estar destruindo, desestabilizando nossa mente”</p> <p>Significado das palavras. As palavras que emergem: mídia; transformação; informação; benefícios; malefícios; realidade; verdade.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Visão crítica ● Desejam a transformação social ● Apontam ser cuidadosos com o consumo de informações ● Acreditam na autonomia de conhecimento dos jovens do campo ● Querem narrar pontos positivos da vida no campo ● São contrários a limitar uma narrativa de vida no campo apenas no tocante à visão tradicional
--	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir das categorias de análise (2022).

3.3 AS CONDIÇÕES DE EXPERIÊNCIA DE VIDA DOS JOVENS NA CONSTRUÇÃO DE SUAS IDENTIDADES

Descrever aspectos das condições de experiência de vida dos jovens na construção de suas identidades, reconhecendo aspectos culturais, valores e vínculos. Com esse segundo objetivo específico, selecionei as seguintes questões a partir do que foi possível observar das respostas dadas pelos jovens participantes: conceito de rural; relação do conceito de juventude do campo com a experiência individual; o papel da EFA na percepção de cada um acerca das

questões midiáticas; indicação de pessoas ou personalidades que influenciam a vida de cada jovem.

Todas as entrevistas iniciaram com uma pergunta comum no tocante à ordem de cada questão. Após a apresentação inicial, pedi que cada jovem falasse sobre seu lugar de moradia, cidade ou comunidade em que reside, sendo importante que fosse o lugar com o qual eles se identificassem como pertencentes, tendo em vista que alguns desses jovens já não passam a semana toda na casa dos pais e alguns já mudaram de cidade.

Nesse sentido, refletem os exemplos de tantas pessoas que transitam por diferentes territórios. “São milhares de indivíduos longe de suas fronteiras nacionais, imigrantes, trabalhadores, gente que deixou para trás o local de sua cultura, seus hábitos e práticas na aventura de encontrar algo melhor – às vezes uma vida em condições mínimas – do outro lado de alguma fronteira (MARTINO, 2010, p.102)”.

Apesar de eu morar em Cocal-PI, por conta dos estudos, meus pais continuam morando na zona rural, em uma unidade de produção familiar que se chama São Francisco. Lá possui 15 famílias, é um assentamento. As famílias se viram como podem e cada um na sua. Em relação a questão do campo, as questões de produções agrícolas, poucas pessoas trabalham com isso, poucas pessoas têm alguma produção. Acho que, de 15 famílias, somente 3 famílias trabalham com a produção vegetal e a produção animal, o restante sobrevive da aposentadoria, o bolsa família e outros benefícios também. Eu acho que dentro da minha comunidade é isso que eu posso falar, em questões de organização não existe, coletividade não existe e existe um pouco de atrito de conflito entre os mesmos, por essas questões de terras e afinidade... então, digamos, que não há um coletivo dentro dessa comunidade. (J1)

Minha família mora em um assentamento. Eles estão lá desde o início da construção das casas. Minha família mora lá há uns 11 anos. Lá tem aproximadamente 30 casas. Hoje em dia, em todas as casas, moram famílias. O pessoal de lá vive bastante da agricultura e da criação de animais, como aves e caprinos. A minha cidade, infelizmente, não tem trabalho suficiente para a minha formação. A minha família daqui de São Paulo sempre quis que eu viesse morar aqui, e a minha mãe sempre desejou o mesmo. Eu acabei vindo por influência deles, para tentar conquistar coisas diferentes, ter uma visão e um caminho diferente do que eles tiveram. Em algum momento iria acontecer. Quando nós somos menores de idade, somos influenciados pela família, e foi uma decisão que no início eles tomam por você, mas depois acaba se tornando uma decisão sua. (J2)

Onde nós moramos é calmo, tranquilo, tem muitas variedades de plantas, tem muita vida animal, tem vários rios, florestas e eu gosto muito de morar lá. Eu acho que o meio rural é onde a gente tem os agricultores, trabalhadores rurais, tem a pecuária, tem toda uma biodiversidade e eu também já pensei em sair de lá, mas agora nem tanto. (J3)

No sítio onde nós moramos é bem calmo o ambiente, tem muitas diversidades de cultura, é praticada a agricultura, principalmente familiar. Tem uma pouca atuação dos jovens, por que a maioria dos moradores de lá já estão em uma idade bem avançada, a quantidade de jovens é pouca. Tem uma grande vegetação verde, criam animais, mas é a maior parte para o consumo e às vezes para a venda, mas é de uma forma bem reduzida e a comunidade é toda na zona rural, de terra. Eu nunca tive vontade de sair do campo porque toda a vida, desde que eu sou novinha que meus pais moram no campo. Eu gosto muito de estar em contato com a natureza e faz com que eu tenha paz, o campo é muito bom. E a zona rural para mim se define como uma área que tem bastante diversificação de culturas, um lugar onde tem uma grande vegetação verde e principalmente sendo estrada de terra na zona rural. (J4)

Eu moro no interior, na comunidade Vereda que fica no município de Milton Brandão-PI. A comunidade é, assim como geralmente são todas as comunidades do interior. Não tem muita movimentação, não tem associação, mas o máximo que a gente tem aqui, o que une as famílias, é a igreja católica. Sempre morei aqui. Comunidade rural pra mim é o campo que a gente vive, que é mais tranquilo, onde trabalham, geralmente, com agricultura, onde os vizinhos se dão bem, se cruzam e não tem violência. Então é um lugar tranquilo. Pra mim, a zona rural é um lugar tranquilo. Eu nunca tive vontade de sair, meu pai nasceu e se criou aqui e toda minha família é daqui e, Graças a Deus, vive bem. Não temos pretensão de sair do interior. (J7)

A comunidade é um assentamento de reforma agrária, pertence a 14 famílias. O cultivo é, basicamente, agricultura familiar, algumas práticas ecológicas e alguns técnicos que são formados pela EFA Ibiapaba, e pela escola profissionalizante também. Chama-se Tetéus, pertencente ao município de Tianguá-CE. O rural é uma parte que abrange o campo, os camponeses e camponesas cultivam e moram e cuidam da terra, cuidam da natureza. São espaços diferentes da cidade, mas a parte rural é ter contato com a natureza, com a terra, alimentação saudável, contato com a água, tudo questão de observar o que tem no meio ambiente. Na zona rural há famílias que cuidam de tudo que envolve a natureza também. Eu me considero como camponesa e do meio rural, porque minha vida sempre foi no campo, nasci no campo e minha vivência é voltada para ao campo. Minha família sempre foi do campo, desde minha avó, bisavó, tataravó e minha mãe, e isso faz com que a gente tenha mais amor pelo campo, não deixe o rural, tenha um olhar mais focado para o campo. Essa desigualdade entre campo e cidade, sabemos que a cidade precisa do campo e o campo precisa da cidade. Ter mais um foco de olhar para a gente, jovens camponeses, e o campo como espaço onde também é um lugar de resistência que apoia a gente, que tem essa cultura da nossa resistência também. (J8)

A partir dessas falas, é notável que se sobressai o termo comunidade para definir o universo que abrange o local de residência ou de pertencimento no sentido da moradia e espaço de concentração das famílias. Comeford (2010) explica que a palavra é carregada de um sentido concreto que busca reunir as pessoas, o espaço, as rotinas e as características do grupo, não

sendo estranho sua utilização de forma bem comum por todas as pessoas que falam sobre territórios rurais. “A expressão sugere que esse grupo se organiza a partir de relações de proximidade e solidariedade, em que sobressaem a importância do parentesco, vizinhança, cooperação no trabalho, com participação nas atividades lúdico-religiosas, apontando para valores de harmonia e consenso” (COMEFORD, 2010, p.112).

Mesmo quando J1 exemplifica sua comunidade e diz existirem conflitos internos, a resposta já começa descrevendo a quantidade de famílias existentes no local, suas formas de organização e os laços afetivos existentes. As respostas dadas com esse formato que envolve as questões sobre as formas de organização coletiva das comunidades, os laços de trabalho e relações pessoais foram surgindo de forma espontânea nos enunciados dos jovens, o que demonstra que há um certo entendimento do rural na linguagem. Surgem, a partir da escolha desses termos e dos sentidos que são produzidos, considerações sobre a ruralidade o que ajuda a “entender algumas raízes e consequências dessa recorrente associação entre a delimitação de grupos rurais concretos e a ideia de qualidade comunitária das relações” (COMEFORD, 2020, p. 113).

Minha comunidade é mais urbanizada, mas praticamos muito a agricultura também. Agricultura é uma das principais formas de renda da comunidade, não tem uma infraestrutura escolar, tem mais as creches. Já tem o desmatamento de algumas árvores, que agora que estão começando a remover algumas para poder crescer um pouco mais urbanizada. Meu conceito de rural é ter uma diversidade maior de plantas e pecuária também, uma maior quantidade de agricultores trabalhando de forma mais ecológica. Também já pensei bastante sobre sair do meio rural, até por conta do fato de não ter oportunidades. (J5)

Atualmente eu moro na cidade de Sigefredo Pacheco, no Piauí. É uma cidade pequena, ela era um povoado há uns 30 anos. Como é uma cidade pequena, todo mundo se conhece, então, se morre uma pessoa automaticamente toda cidade sabe sobre, a cidade tem uma grande comunicação em relação a essa parceria que acontece com as EFAs, principalmente com a EFA Santa Ângela. A cidade tem uma variedade cultural em relação à agricultura familiar. Apesar de ser uma cidade, tem essa cultura rural. Aqui em casa meu pai adora criar bichos, minha mãe já brigou várias vezes porque nós moramos na cidade, mas ele não sai do interior. A área rural é mais um contato com a agricultura familiar, produção vegetal e animal. Em Teresina, por exemplo, tem uma plantação de algumas culturas vegetais, então, teoricamente, todo lugar tem um pouco de ruralidade. (J6)

Mesmo quando se referem ao campo ou meio rural de maneira mais distanciada, os jovens ainda utilizam termos que relacionam a experiência da ruralidade de maneira vinculada aos aspectos familiares, ao trabalho com atividades ligadas à agricultura e produção agrícola, bem como a um pacifismo no comportamento e um ar mais tranquilo e diretamente ligado com

o fluxo da natureza. Dessa forma, mesmo quando “novas demandas, semelhantes às dos jovens urbanos, mobilizam os jovens de residência rural a buscarem atividades mais bem remuneradas e menos fatigantes que a agricultura” (CARNEIRO, 2007, p. 60), essas identificações não anulam completamente os sentidos positivos que ainda atraem os jovens para o campo, seja para a permanência, seja para sua valorização. Isso se exemplifica nas seguintes falas acima descritas – de J5 e J6.

Tais noções encaminham para a questão de novas possibilidades de experiência da juventude, não colocando para os jovens do campo a destinação para contrapor as designações das heranças entre gerações, não causam um rompimento total com a tradição que se apreendem das famílias e nem negam as transformações com as aproximações com o meio urbano. No quadro, elenco expressões envolvendo as categorias da ADC, acerca do objetivo específico deste ponto.

Quadro 03 – Expressões discursivas e aspectos das identidades

EXPRESSÕES DE ASPECTOS DISCURSIVOS	ASPECTOS DAS IDENTIDADES
<p>Modalidade – “Eu acho que dentro da minha comunidade é isso que eu posso falar”</p> <p>“coletividade não existe e existe um pouco de atrito”</p> <p>“A minha cidade, infelizmente não tem trabalho suficiente para a minha formação”</p> <p>“Eu acho que o meio rural é...”</p> <p>“A comunidade é, assim como geralmente são todas as comunidades de interior”</p> <p>Avaliação – “Quando nós somos menores de idade somos influenciados pela família, e foi uma decisão que no início eles tomam por você, mas depois acaba se tornando uma decisão sua”</p> <p>“também já pensei em sair de lá, mas agora nem tanto”</p> <p>“Eu gosto muito de estar em contato com a natureza e faz com que eu tenha paz, o campo é muito bom”</p> <p>“é o campo que a gente vive, que é mais tranquilo”</p> <p>“toda minha família é daqui e, Graças a Deus, vive bem”</p> <p>“o campo como espaço onde também é um lugar de resistência”</p> <p>Significado das palavras. As palavras que emergem: comunidade; rural; famílias; terra; natureza; resistência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Relacionam a vida no campo com aspectos de coletividade ● Valorizam a convivência pacífica entre os membros de uma mesma comunidade ● Consideram os vínculos e laços familiares nas decisões ● Relacionam a agricultura e atividades agrícolas como próprias do campo ● Os aspectos sobre rural e urbano aparecem nos enunciados de maneira entrelaçada, sem que isso, necessariamente, represente conflitos

Fonte: Elaborado pela autora a partir das categorias de análise (2022).

3.4 SENTIDOS PRODUZIDOS NA RELAÇÃO COM A MÍDIA

Para o objetivo específico de analisar os sentidos produzidos discursivamente pelos jovens na relação entre os dispositivos móveis e a construção de suas identidades, foram

selecionados os seguintes temas dentro das perguntas abordadas nas entrevistas: uso da internet por meio do celular; consequências negativas e positivas do uso da mídia; pensamento do mundo com e sem as atuais ferramentas de mídia e de comunicação.

No sentido da construção das identidades por meio do discurso, e do ponto de vista da comunicação e das vinculações na sociedade em rede, “o sentido de comunidade se reforça no ambiente virtual da comunicação em rede e cria um espaço onde as identidades virtuais se movimentam livremente em um espaço de debate e troca” (MARTINO, 2010, p. 187)

“É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2014, p.109). Dentro do que propõe uma análise com base na ADC, as manifestações de práticas, tanto discursivas como sociais, estão relacionadas com os sentidos que surgem da experiência que se dá e é atravessada, no caso dos jovens entrevistados, na vinculação com o ambiente escolar.

As disputas discursivas, às quais os jovens são parte, na ADC, portanto, nessa análise, estão presentes junto ao que acontece na vida dos jovens. Se manifestam, por exemplo, quando os dispositivos móveis, a internet e as tecnologias são predominantes na comunicação em geral, mas até mesmo no que se entende como parte do ser jovem. E é no mundo em transformação que os jovens constroem novos caminhos e atribuem novos sentidos, inclusive sobre a incidência da mídia, tendo em vista a ascensão do uso da internet. Trechos das entrevistas pavimentam o entendimento desses elementos.

Sabemos que hoje em dia a mídia pode mostrar coisas que não existem, coisas perfeitas demais, e as pessoas tentam copiar, viver aquela vida ou consumir aquele produto porque algum famoso falou que era bom. Então eu acredito que hoje a sociedade esteja um pouco mais, principalmente a juventude, sendo muito influenciada em relação a isso. A mídia facilita muito a nossa vida, porque temos uma maior diversidade nas relações pessoais, sociais e profissionais. Tem pessoas que dizem que conseguem ficar sem telefone, e eu até admiro, mas eu não consigo, não por questão de vício, mas porque hoje em dia tudo o que você tem de importante em relação a trabalho e estudos, é no celular. Pra mim, hoje perder meu telefone é como perder algo muito importante pra mim. A metade das coisas que eu crio e que eu preciso para levar minha rotina, estão no meu telefone. (J1)

Eu costumo dizer que a EFA expande o seu pensamento sobre a sociedade e como a mídia interfere na sociedade, diretamente ou indiretamente, lá sempre estudamos esses conceitos, como que a mídia pode influenciar a sociedade, pelas redes sociais ou tv. E nós estudamos muito a forma de ver a notícia, como eles publicam uma notícia, como

a mídia pode divulgar fake news. Então, nessa parte de ter um senso crítico, a EFA me ajudou muito. No aspecto positivo, o celular melhora bastante a vida, por conta da facilidade de comunicação com minha família. É bem mais simples. E esse fato de aproximar pessoas que estão longe ficou bem melhor. Na questão negativa, é que, geralmente, os jovens, por exemplo os meus irmãos, passam o dia no celular. Minha irmã desenvolveu um problema de visão acho que por conta da tela do celular, então, a questão negativa é que ela é muito viciante. E, às vezes, de mostrar notícias que podem não ser verdade. (J2)

A mídia influencia de maneira correta e incorreta. Antigamente, pela falta da mídia, não sabíamos o que acontecia com as pessoas, mas hoje em dia já sabemos, mesmo que possam ser notícias falsas. Eu acho que precisamos ter mais coisas para as pessoas terem mais senso crítico em relação a mídia. Tem que ter educação, desde o início da vida escolar. Na fundação esse processo é mais fácil porque é na flor da idade, está naquele processo de formação cultural, se fosse mais cedo seria melhor. (J6)

Eu acho que na mídia tem o que é bom e o que é ruim. Eu acho que cada pessoa tem que procurar o que é bom, não podemos ficar dentro de uma imagem de outros e nem ficar muito ligado em redes sociais. É como tudo na vida, sempre tem um lado bom e ruim. A mídia também tem seu lado bom. Vemos as coisas, aprendemos, para sempre estar melhorando e evoluindo. Eu acho que seria bem complicado não ter a mídia. Antigamente, quando não existiam tantas mídias, as pessoas viajavam para longe e passavam anos sem se ver e sem se falar, e hoje eu não vejo um mundo sem a mídia. Como eu falei, a mídia tem seu lado ruim, mas tem seu lado positivo também, é muito importante para a sociedade. (J7)

Os jovens afirmam que o tipo de acesso que têm com a mídia e diversos formatos apresentam pontos positivos quando, em relação às gerações que antecederam a esta, dá oportunidade de acessar produtos, informações e oportunidades sem precisar sair, necessariamente, da comunidade ou sem perder totalmente os vínculos. É muito presente também a forma como os jovens se posicionam apontando dois lados de cada situação ao afirmar pontos positivos e negativos, com constantes ressalvas. Isso leva a compreensão de que foi desenvolvido um olhar mais crítico e que não aceita situações sem antes observá-las por, pelos menos, dois ângulos diferentes.

“A valorização da aldeia não implica a negação dos bens imateriais e materiais urbanos” (CARNEIRO, 2015, p. 63). Diante de novas formas de sociabilidade, esses jovens se posicionam no sentido de transpor barreiras históricas, geográficas e desenvolvem interesses por fatores que antes eram renegados para as populações do campo.

Eu acho que sem essas mídias seria até bom porque a gente prestaria mais atenção aos estudos e não perderia o foco com isso. Não sentiria falta. Não teria tanto impacto assim pra mim. (J3)

Eu deixei de usar todas as minhas redes sociais, menos o WhatsApp, porque me forçam a usar. Eu não gosto de ficar vendo sobre a vida dos outros, meio que nós ficamos apenas vendo a vida dos outros e eu não estava mais gostando disso. Resolvi desinstalar, desinstalei e gostei porque me sinto mais leve. Se cada um soubesse usar a internet, os quadros de comparação, principalmente de adolescentes, seria baixo e não existiria essa desigualdade. Eu acho que sem internet a gente iria, de uma certa forma, tentar evoluir. Como a população está em constante evolução, a mídia iria encontrar algum meio de continuar evoluindo. (J4)

Eu uso o WhatsApp como forma de comunicação, Instagram, YouTube e outros aplicativos de vídeos. Eu usava o telegram, mas parei de usar. E o Facebook também tinha, mas parei de usar. O Facebook está muito ligado ao Instagram, então ficam com informações iguais e por isso parei de usar. O telegram ficou um pouco ultrapassado, e o WhatsApp com várias atualizações ficou quase a mesma coisa. (J5)

Eu acho que conseguiríamos viver sem as mídias sociais, viver conectado com a natureza, conectado com nossa família e ter mais tempo para nossa família e também para as pessoas que amamos. Se concentrar mais em outras formas que não tire nosso tempo, não focar só na parte social com outras alternativas que a gente precisa se concentrar, ter mais um cuidado com nosso corpo sem passar por tanta correria do dia a dia. (J8)

Os trechos acima, são parte de respostas dos jovens ao serem convidados a pensar em um mundo sem as possibilidades atuais de comunicação. Algumas das respostas indicam formulações interessantes e que contemplam tanto a visão individual dessa incidência, como as visões sobre os impactos na comunidade.

Quase tratadas como sinônimos, como é possível inferir das afirmativas dos jovens, redes sociais, mídias sociais, internet, são termos relacionados à mídia que se faz mais presente para cada um, a notar, assim, o ambiente da internet e o que é acessado através dos dispositivos móveis. As percepções mostram que os jovens rompem com ideias de que esses não formulam críticas e reflexões sobre o ambiente digital para o dia a dia. Não se trata de dizer que os jovens mudaram completamente suas vidas com a simples presença da internet ou da aquisição de um telefone celular, com criação e acesso a perfis em redes sociais ou com a navegação na internet.

As reivindicações que ficam acessíveis no texto transcrito das falas tem a ver com escolhas. São demandas que os jovens do campo também tenham direito e chance de se apropriarem de outras linguagens, acesso democrática e seguro à informações, bem como para disputarem espaços em condições mais favoráveis. Tais experiências, dadas as ressalvas, são

vistas como oportunidades de ampliar as janelas para o mundo e não a desvinculação com o campo e com os sentidos das identidades no contexto das ruralidades. A partir disso, elaboro o quadro com as expressões envolvendo as categorias da ADC.

Quadro 04 – Expressões discursivas e aspectos das identidades

EXPRESSÕES DE ASPECTOS DISCURSIVOS	ASPECTOS DAS IDENTIDADES
<p>Modalidade – “Pra mim, hoje perder meu telefone é como perder algo muito importante”</p> <p>“No aspecto positivo, o celular melhora bastante a vida, por conta da facilidade de comunicação com minha família. É bem mais simples”</p> <p>“Na questão negativa, é que geralmente os jovens, por exemplo os meus irmãos, passam o dia no celular”</p> <p>“A mídia influencia de maneira correta e incorreta”</p> <p>“É como tudo na vida, sempre tem um lado bom e ruim. A mídia também tem seu lado bom”</p> <p>Avaliação – “Então eu acredito que hoje a sociedade esteja um pouco mais, principalmente a juventude, sendo muito influenciada em relação a isso”</p> <p>“Tem pessoas que dizem que conseguem ficar sem telefone, e eu até admiro, mas eu não consigo”</p> <p>“E às vezes de mostrar notícias que podem não ser verdade”</p> <p>“Eu não gosto de ficar vendo sobre a vida dos outros, meio que nós ficamos apenas vendo a vida dos outros e eu não estava mais gostando disso”</p> <p>Significado das palavras. As palavras que emergem: mídia; celular; positivo; negativo; redes sociais; senso crítico.</p>	<ul style="list-style-type: none"> ● Os jovens demonstram senso crítico na relação com a mídia ● Compreendem-se como sujeitos de direitos no tocante ao direito comunicacional ● Entendem-se como contemporâneos de uma sociedade marcada pela internet ● Defendem conscientização quanto à mídia, sobre pontos positivos e negativos

Fonte: Elaborado pela autora a partir das categorias de análise (2022).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dividido em três capítulos e introdução, além dessas considerações finais, este trabalho apresenta os resultados da pesquisa de mestrado que teve como objetivo geral compreender como acontecem as relações entre a construção das identidades dos jovens do campo e a mídia, por meio do uso de dispositivos móveis (smartphones). A pesquisa foi constituída por um corpus a partir de entrevistas, com roteiro semiestruturado, realizadas de forma online, com 8 jovens do campo, selecionadas por critérios de participação, tais foram: jovens com idade entre 15 e 29 anos, residentes ou oriundos de localidades rurais atendidas por escolas familiares agrícolas, que façam uso de dispositivos móveis do tipo telefone celular smartphone, com acesso e conexão à internet.

Considero que essa compreensão foi possível mediante as escolhas metodológicas que foram se adaptando ao longo do percurso e dos desafios impostos no desenvolvimento do trabalho, no âmbito da pesquisa, no atravessamento do contexto social e dos afetos movimentados também em quem pesquisa.

De tal modo, compreender também foi possível com os recursos que, em diálogo com as agregações teóricas, a metodologia proporciona sendo uma sequência de leitura, observação, descrição, análise e interpretação. Tais etapas são próprias do posicionamento crítico exigido por quem defende a Análise do Discurso Crítica (ADC) que inspirou os procedimentos empregados nesta pesquisa. Uma proposta que não se encerra na interpretação, tão somente se desfaz da mesma.

Portanto, o fenômeno observado, ou seja, as relações na construção de identidades, acontecem na sociedade contemporânea de modo que reúnem aspectos dos trânsitos e da mobilidade, da flexibilização das noções de fronteiras, com a chegada das tecnologias em mais territórios - que não somente nas áreas urbanas, as demandas sociais sejam temas de interesse das comunidades, das escolas e dos locais de sociabilidades das juventudes. Cito tais exemplos para dizer que as construções de identidades se dão na relação entre práticas sociais, contexto social, bem como dos discursos que movimentam e mobilizam a sociedade nos ambientes em que os sujeitos circulam e pelos quais são atravessados, também por práticas sociais e discursivas.

Não é possível falar, assim, de construção de identidades, sem levar em conta as noções de novas ruralidades que se fazem presentes no dia a dia dos jovens do campo. Da mesma forma, o papel fundamental exercido pela experiência educacional das escolas familiares agrícolas no fortalecimento de uma identidade do campo que dê conta de ser plural,

ao tempo em que atua na manutenção dos vínculos, na marcação e na defesa da vida do campo e no campo.

No intuito de identificar como a mídia se faz presente na vida dos jovens do campo os usos estabelecidos pelos jovens do campo com os dispositivos móveis; descrever aspectos das condições de experiência de vida dos jovens na construção de suas identidades, reconhecendo aspectos culturais, valores e vínculos; analisar os sentidos produzidos discursivamente pelos jovens na relação entre os dispositivos móveis e a construção de suas identidades, apresento a análise exposta no último capítulo que contou com auxílio dos resultados do formulário online respondido pelos participantes e trechos das transcrições das entrevistas com os jovens.

A respeito da conformação do corpus, é importante lembrar que houveram sugestões sobre a inclusão de outros materiais de coleta de dados para complementar a análise, ou apresentar outros ângulos de observação. No entanto, optei por manter o que foi apresentado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Piauí no projeto aprovado dentro das normas para o desenvolvimento da pesquisa. Por outro lado, também pela valorização da principal técnica utilizada, onde essa se apresentou como pertinente para o alcance dos objetivos e intencionalidades do trabalho. Retomo ainda que a escolha pela utilização da Análise de Discurso Crítica (ADC), se dá por considerar adequada para os objetivos e para o devido diálogo com o referencial teórico, bem como valoriza a oportunidade de ricas discussões que pude acompanhar e participar por ocasião de estar no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Estratégias de Comunicação (NEPEC) UFPI.

Acredito que os passos dados rumo ao marco teórico, metodológico e analítico sejam pertinentes à proposta da pesquisa, considerando o convencimento da relevância da mesma, com escolhas feitas de maneira consciente e balanceando os pontos positivos e também os desafios a serem enfrentados, aproveitando ao máximo o acúmulo de experiências e as leituras que contribuíram para a produção.

No decorrer dos dois semestres de cumprimento de créditos em disciplinas, a elaboração dos artigos e as discussões em sala de aula ajudaram no desenvolvimento da temática. Ainda sobre as considerações projetadas para a pesquisa, foram estabelecidas quatro hipóteses que foram confirmadas, de acordo com o que se mostra na análise.

Hipótese 1 - os jovens estabelecem usos dos dispositivos móveis de modo que as interações cotidianas com os mesmos têm diversas finalidades, em especial na manutenção de vínculos com grupos próximos como a família, amigos, escola, comunidade, dentre outros.

Hipótese 2 - a realidade social desses jovens, considerando também a passagem pelo contexto escolar referido, permite a acumulação de um repertório cultural que leva em

consideração um olhar crítico sobre o papel da mídia em suas vidas, de maneira que existe uma tendência a uma reivindicação de identidade resistente aos padrões hegemônicos nos processos de globalização da modernidade.

Hipótese 3 – esses jovens produzem sentidos, por meio de seus discursos, indicando que suas identidades reúnem elementos híbridos entre características do que é ser do campo e o que é ser urbano.

Hipótese 4 - os jovens estabelecem, nas relações com a mídia, perspectivas globais e locais, entre sair e permanecer no campo, nas formas de contribuir com o desenvolvimento do território dentro e fora dele, promovendo mudanças nas práticas sociais diretamente relacionados às mediações da mídia no cotidiano.

A construção do texto foi dividida de modo que cada tópico presente no capítulo de análise relaciona um dos objetivos específicos e as hipóteses que foram elencadas também de acordo com os objetivos. Os usos que os jovens relatam passam por todos os agrupamentos que foram apontados, com finalidades diversas, não apresentando limitações e sim o entendimento de que eles querem ainda mais possibilidades. Da mesma forma, o olhar crítico esperado foi notado e diretamente ligado às experiências escolares, aos aprendizados testemunhados pelos jovens participantes, o que foi possível perceber a partir das categorias de análise e da releitura dos conceitos pavimentados no referencial teórico.

Os discursos dos jovens do campo são marcados pelos elementos das novas ruralidades, das identidades que se utilizam de “recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos” (HALL, 2014, p.109). Em um último relato sobre as identidades dos jovens do campo, saliento que se abrem diversas questões para aprofundamento e janelas de outras pesquisas a serem desenvolvidas. Assim, sobre o quadro geral dos aspectos das identidades desses jovens, concluo:

- Os jovens do campo defendem que o desenvolvimento e a evolução da mídia e de seu papel social também devem chegar ao campo. **São jovens que desejam inclusão e rejeitam o isolamento tecnológico**, mesmo sendo bem críticos com as contradições que possam enfrentar;
- Acreditam que não há uma obrigação de sair do campo para ter acesso a oportunidades, e a mídia cumpre o papel de facilitar trânsitos de informações e aproximar as pessoas do que antes só era possível saindo do campo. Os jovens **valorizam os laços comunitários**;
- Devido à uma clara assimilação dos aspectos das ruralidades pela experiência nas escolas familiares agrícolas, **os jovens apresentam uma postura crítica na produção**

discursiva sobre os sentidos da mídia em suas vidas;

- **Defendem que existam oportunidades para os jovens do campo**, principalmente no que concerne a entenderem os benefícios e malefícios da circulação nos ambientes digitais e na relação com a mídia;
- **Suas identidades indicam sentidos que expandem** o entendimento de um rural tradicional, fixo e determinado;
- **O conceito de comunidade é uma referência importante** e a relação com a mídia também é considerada na necessidade de manter tais vínculos e fortalecer o senso comunitário;
- Os efeitos das interações sociais entre urbano e rural, não promovem o apagamento das características específicas atribuídas ao campo, mas sugerem uma **reorientação cultural das identidades**.

A realização da coleta de dados de maneira online não se mostrou como empecilho para a pesquisa. É preciso demarcar que o ingresso no mestrado coincidiu com a pandemia da Covid-19, que mudou muitos dos rumos pensados e os anseios que eram da nossa expectativa e também do programa. As dificuldades encontradas até a finalização, de algum modo, refletem também no desenvolvimento das etapas. Com disciplinas e participações em eventos de forma online, e sem o contato pessoal com os colegas de turma e professores, o curso de mestrado será sempre recordado junto a essa fase de todo o contexto social em que estamos inseridos e diante de todos os acontecimentos.

Nesse sentido, conclui-se que a mídia é parte das transformações nos modos de ser, expressar e perceber-se como jovem do campo no mundo contemporâneo, de uma forma que não vise o rompimento com as origens, mas dando sentidos de pertencimento e vinculação nas relações estabelecidas e na identificação com os aspectos das ruralidades.

Nessa trajetória, espero que a pesquisa contribua com o avanço do campo da Comunicação e, principalmente, com a visibilidade das questões referentes aos jovens do campo, nordestinos, inseridos em um contexto de luta pela educação do campo na contemporaneidade. Portanto, não se trata apenas de partir de um lugar de “dar voz”, mas de contribuir dentro do espaço que tive a oportunidade de ocupar, e posso utilizar para lançar luz sobre problemáticas relevantes para nossa sociedade. Ressalto que o lugar desta pesquisa, aciona uma identidade não atribuída diretamente, mas uma vinculação, uma consciência de afeto e respeito.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena Wendel. O uso das noções de adolescência e juventude no contexto brasileiro. In: FREITAS, Maria Virgínia de (Org.). **Juventude e adolescência no Brasil: referências conceituais**. 2ª ed. São Paulo: Ação Educativa, 2005.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** E outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

ANDRÉA, Carlos d'. **Pesquisando plataformas online: conceitos e métodos**. Salvador: EDUFBA, 2020. 79 p. Coleção Cibercultura. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32043>. Acesso em: 30 jun 2021.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARBERO, Jesús Martín. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BARBERO, Jesús Martín. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Por uma outra comunicação**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BRASIL. Lei 12.288/10. **Estatuto da Igualdade Racial**. Brasília, DF: Presidência da República, 2010.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARNEIRO, Maria José. “Rural” como categoria de pensamento. **Ruris**, v. 2, n. 1, p. 9-38, 2008.

CARNEIRO, Maria José. Ruralidades: novas identidades em construção. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA E ECONOMIA RURAL, 1., 1997, Natal. **Anais...** Natal, 1997.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 1ª ed., 2018.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 21ª ed., 2020.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Entre ficar e sair: uma etnografia da construção da categoria jovem rural**. Tese (Doutorado em antropologia social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná. Juventude do campo. In: CALDART, Roseli Salette; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da**

Educação do Campo. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 439-446.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Os jovens estão indo embora?** Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica, RJ : EDUR, 2013.

COMEFORD, John. Cultura e resistência camponesa. In: MOTTA, Márcia (Org.). **Dicionário da terra.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 151-157.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, CGL.BR -. **Pesquisa sobre o uso da internet por crianças e adolescentes no Brasil:** TIC kids online Brasil 2019. ICT kids online Brazil 2019 / Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2019.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASIL, CGL.BR. THIRD, Amanda; MOODY, Lilly; NEJM, Rodrigo. Perspectivas de crianças e adolescentes brasileiros sobre seus direitos e as tecnologias digitais. In: Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR (NIC.br.) **Pesquisa sobre o uso da Internet por crianças e adolescentes no Brasil: TIC Kids Online Brasil 2019** [livro eletrônico]. 1. ed. -- São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2020.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE; Jorge; BARROS; Antonio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** São Paulo: Atlas, 2008.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e Mudança Social.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2ª ed., 2016.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREITAS, Ernani Cesar de; PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do Trabalho Científico:** métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização:** um conceito em evolução. São Leopoldo, RS: Ed.UNISINOS, 2017.

GÓMEZ, Ángel Cañete et al. Prática social. In: IRINEU, Lucineudo Machado (org.). **Análise de Discurso Crítica:** conceitos-chave. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

GROPPO, Luís Antonio. **Introdução à Sociologia da Juventude.** Jundiaí: Paco Editorial, 2017. Recurso digital Formato: ePub. Edição do Kindle.

GROPPO, Luís Antônio. Condição juvenil e modelos contemporâneos de análise sociológica das juventudes. **Última Década,** Valparaíso, n. 33, p. 11-26, 2010.

GRYNSZPAN, Mario. Campesinato. In: MOTTA, Márcia. **Dicionário da terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 72-75.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE – Cidades. **Panorama**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>. Acesso em: 04 dez. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) 2019**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/17270-pnadcontinua.html?edicao=30362>>. Acesso em: 26 de jan. 2021.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. 2ª ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LEÃO, Geraldo, ROCHA, Maria Isabel Antunes. **Juventudes do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. Coleção Caminhos da Educação do Campo - Recurso digital Formato: ePub. Edição do Kindle.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Auristela Rafael et al. Texto. In: IRINEU, Lucineudo Machado (Org.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MAGALHÃES, Izabel. Um Método de Análise Textual para o estudo da Prática Social. In: MAGALHÃES, Laerte (Org.). **Análise de Discurso Crítica e Comunicação: percursos teórico e pragmático de discurso, mídia e política** [recurso eletrônico]. Teresina: EDUFPI, 2019.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2017.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Comunicação e identidade: quem você pensa que é?** São Paulo: Editora Paulus, 2010.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das Mídias Digitais: Linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis, Vozes: 2015.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro; MARTINO, Luis Mauro Sá. **Ética, mídia e comunicação: relações sociais em um mundo conectado**. São Paulo: Summus, 2018.

MARQUES, Marta. Campesinato e luta pela terra no Brasil. In: BERTONCELLO, R.; CARLOS, A. F. (Orgs.). **Procesos territoriales em Argentina y Brasil**. Buenos Aires, 2003.

MOLINA, Mônica. Legislação Educacional do Campo. In: CALDART, Roseli Salet; PEREIRA, Isabel Brasil; ALENTEJANO, Paulo; FRIGOTTO, Gaudêncio (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Expressão Popular, 2012. p. 439-446.

MOTTA, Luana Dias. “Juventude” como categoria: sobre os efeitos da articulação entre pobreza, juventude e violência. ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 40, 2016, Caxambu – MG. **Anais...** Caxambu – MG, 2016.

NASCIMENTO, Leonardo F. **Sociologia digital: uma breve introdução**. Salvador: EDUFBA, 2020. Coleção Cibercultura. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32746>. Acesso em: 30 jun. 2021.

NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (NIC.br). **Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus: Painel TIC COVID-19** [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2021.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **FECAP**, v. 2, n. 3, 2001. Disponível em: https://pesquisa-eaesf.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostras_por_conveniencia.pdf. Acesso em: 26 abr. 2022.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 4ª ed., 2002.

PAIS, José Machado. A construção sociológica da juventude – alguns contributos. **Análise Social**, v. 105-106, p. 139-165, 1990.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 37, 1993.

PAIS, José Machado; LACERDA, Miriam Pires Corrêa de; OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Juventudes contemporâneas, cotidiano e inquietações de pesquisadores em Educação – uma entrevista com José Machado Pais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 64, p. 301-313, 2017.

PAULO, Maria de Assunção Lima de. **As construções das identidades de jovens rurais na relação com o meio urbano em um pequeno município**. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

RAMALHO, Viviane; RESENDE, Viviane. **Análise do discurso crítica**. São Paulo: Contexto, 2. ed., 3ª reimpressão, 2019.

ROCHA, E.; PEREIRA, C. **Juventude e consumo: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 31ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SANTOS, M. D.; LEITE, P. S. C. **Entrevista como técnica de produção de dados: contribuições bakhtinianas para a Metodologia de Pesquisa em Ciências Humanas**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO EM INVESTIGAÇÃO QUALITATIVA, 8, 2019, Lisboa. **Anais...** Aveiro: Ludomedia, 2019. v. 1. p. 1-1150.

SAVEGNAGO, Sabrina Dal Ongaro. Práticas discursivas e sociais relativas aos jovens e à juventude. **Última Década**, n. 51, p. 192-224, 2019.

SCHERRER, Rodrigo. **Consumo de Aplicativos para Smartphones: uma discussão sobre a constituição identitária e seus campos de possibilidades**. In: CONGRESSO NACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO. **Anais...** 2018.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel digital : uso das tecnologias móveis digitais e a reconfiguração das rotinas de produção da reportagem de campo**. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, Alana Lessa do Nascimento et al. PRÁTICA DISCURSIVA. In: IRINEU, Lucineudo Machado (org.). **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. **Revista Matrizes**, São Paulo, n. 1, p.15-26, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 5ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum** – Notas para o método comunicacional. Petrópolis, RJ, Vozes: 2019.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **Juventude Rural: uma categoria social em construção**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12, 2005, Belo Horizonte – MG. **Anais...** Belo Horizonte – MG, 2005. Disponível em: http://sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com_docman&gid=54&Itemid=171. Acesso em: 26 de jan. 2021.

WEISHEIMER, Nilson. **Juventudes rurais: mapa de estudos recentes**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

ANEXOS

Anexo 1

Portal do Governo Brasileiro

  [principal](#)  [sair](#)

[Pública](#) [Pesquisador](#) [Alterar Meus Dados](#)

Cadastros OHANA LUIZE ALVES LIMA - Pesquisador | V3.2
sua sessão expira em: 38min 52

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA 

- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Relações entre juventudes do campo e dispositivos móveis conectados na construção de identidades
Pesquisador Responsável: OHANA LUIZE ALVES LIMA
Área Temática:
Versão: 3
CAAE: 523498219.0000.5214
Submetido em: 16/01/2022
Instituição Proponente:
Situação da Versão do Projeto: Aprovado
Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio



Comprovante de Receção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1801070

Anexo 2**AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL**

Título do projeto: Relações entre juventudes do campo e dispositivos móveis conectados na construção de identidades

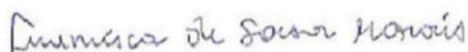
Pesquisador responsável: Ohana Luize Alves Lima

Instituição/Departamento: Universidade Federal do Piauí – PPGCOM UFPI

Telefone para contato: 86998150878

Este é um documento formal apresentado para concordância relativa ao recrutamento dos participantes de pesquisa que possuem vínculos com esta instituição, convidados a serem participantes da pesquisa jovens do campo, participantes do grupo de comunicação popular da escola. O projeto de pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora Ohana Luize Alves Lima, discente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Piauí, a nível de mestrado. O projeto tem como título Relações entre juventudes do campo e dispositivos móveis conectados na construção de identidades, com objetivo de. O objetivo é compreender como acontecem as relações entre a construção das identidades dos jovens do campo e a mídia, por meio do uso de dispositivos móveis (smartphones).

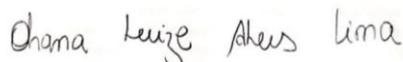
Tianguá, 04 de outubro de 2021



Presidente da Associação Escola Família Agrícola da Região da Ibiapaba -AEFARI

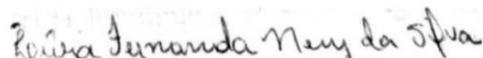
CPF 431.388.373-87

Ohana Luize Alves Lima
Pesquisadora responsável pela pesquisa



Lívia Fernanda Nery da Silva

Professora orientadora



APÊNDICES

Apêndice 1

ROTEIRO DE ENTREVISTAS

- Como é o lugar onde você mora?
- Como é a vida no campo hoje, na sua opinião?
- Você tem, ou já teve, vontade de sair do campo?
- Por que você resolveu estudar na EFA?
- Para você, o que é ser um jovem do campo?
- Você se considera um jovem do campo?
- Você acha que os jovens do campo são retratados na mídia como realmente são?
- O que você entende como mídia?
- O fato de você estudar na EFA mudou alguma percepção sua sobre o papel da mídia na sociedade?
- Como você descreveria a sua relação com vários formatos de mídia no seu dia a dia?
- O papel da mídia é discutido dentro da EFA? Em que ocasiões?
- Tem alguma personalidade famosa que te inspira?
- Tem alguma personalidade ligada ao povo do campo que te inspira?
- Você acha que ter um celular com todo o acesso à internet é muito importante? Por que?
- Quais são as consequências mais negativas da mídia na sua vida?
- Quais são as consequências mais positivas da mídia na sua vida?
- Como você acha que seria um mundo sem mídia?

Apêndice 2

FORMULÁRIO - Perfil dos participantes

SUA IDADE:

MUNICÍPIO ONDE RESIDE:

O LOCAL QUE VOCÊ RESIDE ATUALMENTE ESTÁ LOCALIZADO EM ZONA RURAL?:

- sim
- não

VOCÊ TEM RELIGIÃO? QUAL?:

QUAL SUA IDENTIDADE DE GÊNERO?:

- feminino
- masculino
- outro – qual: _____
- prefiro não informar

QUAL SUA COR OU RAÇA?:

- branca
- preta
- parda
- indígena
- amarela
- prefiro não declarar

QUANTAS PESSOAS MORAM NA SUA CASA?:

- até três pessoas
- entre três e cinco pessoas
- entre cinco e sete pessoas
- acima de sete pessoas

QUAL A RENDA DE SUA FAMÍLIA?:

- de um a dois salários mínimos

- de dois a quatro salários mínimos
- de quatro a seis salários mínimos
- acima de seis salários mínimos
- não sei informar

QUAL A PRINCIPAL ATIVIDADE DE TRABALHO DE SUA FAMÍLIA?:

- agropecuária
- agricultura
- pecuária
- comércio e/ou serviços
- serviço público
- serviço doméstico para terceiros
- construção civil
- outros

VOCÊ TRABALHA?: sim não

SE SIM, EM QUE VOCÊ TRABALHA?

Você tem acesso à Internet em sua residência?

- sim não

Onde você acessa a internet na maioria das vezes?:

- em casa na casa de amigos/vizinhos/parentes em espaços públicos outros

Marque o tipo de conexão que você mais tem acesso::

- internet móvel (exemplo: 3g,4g) wi-fi em casa wi-fi em espaços públicos
- wi-fi na casa de amigos/vizinhos/parentes outro

Marque a opção sobre o que você mais costuma fazer ao acessar a internet:

- lazer em geral estudos ver notícias falar com amigos e outros contatos próximos
- ouvir música assistir filmes/séries outros

Qual a rede social você mais utiliza:

- Instagram Facebook Twitter Whatsapp outro
 não uso rede social

Quanto tempo você acessa internet por dia:

- até uma hora até duas horas três a quatro horas quatro a cinco horas
 cinco a seis horas mais de seis horas não utilizo

Você participa de algum grupo ou movimento social?

- sim não

Se você participa de algum movimento social, diga qual:

Tipo de música que mais gosta:

- sertanejo forró funk reggae rock pop gospel eletrônica hip hop
 rap axé pagode MPB outro

Apêndice 3

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA - J1

Pesquisadora - Como é o seu lugar de origem?

J1 – Apesar de eu morar em Cocal-PI, por conta dos estudos, meus pais continuam morando na zona rural, em uma unidade de produção familiar que se chama São Francisco. Lá possui 15 famílias, é um assentamento. Pessoas sobrevivem da agricultura familiar, salários vindos da prefeitura porque tem alguns funcionários públicos, e tem outras pessoas, mães de famílias e pais de famílias que sobrevivem do Bolsa Família. Então, é uma comunidade não tão bem estruturada em relação aos aspectos físicos, e também essa questão da agricultura é bem fraco lá. A participação das pessoas em relação à tomada de decisões na associação, na cooperativa da agricultura familiar e em relação à produção podemos dizer que é um pouco desorganizada.

A comunidade é um pouco desorganizada, desligada em relação a esses fatores. É mais uma coisa individual e eles não trabalham muito o coletivo. As famílias se viram como podem e cada um na sua. Em relação à questão do campo, as questões de produções agrícolas, poucas pessoas trabalham com isso, poucas pessoas têm alguma produção. Acho que de 15 famílias, somente três famílias trabalham com a produção vegetal e a produção animal, o restante sobrevive da aposentadoria, o Bolsa Família e outros benefícios também. Eu acho que dentro da minha comunidade é isso que eu posso falar, em questões de organização não existe, coletividade não existe e existe um pouco de atrito de conflito entre os mesmos, por essas questões de terras e afinidade. Então, digamos que não há um coletivo dentro dessa comunidade.

Pesquisadora – Então, mesmo sendo uma comunidade rural, não são as atividades mais ligadas ao campo que garantem a sobrevivência financeira das famílias?

J1 – Exatamente. Eu acho que de 15 famílias, apenas três trabalham na agricultura familiar. Dificilmente elas possuem aquele plantio contínuo, aquela criação contínua. Eles fazem aquele plantio tradicional. Então, acho que só duas ou três famílias possuem quintais produtivos que são permanentes.

Pesquisadora – Sua comunidade é ligada a qual município?

J1 – Piripiri.

Pesquisadora – Em algum momento da sua vida, você já teve vontade de sair dessa comunidade? Se sim, quais seriam os motivos?

J1 – Então, a princípio antes mesmo de conhecer a EFA, de saber o que era a EFA, eu tinha muita vontade de sair de lá porque a gente cresce com aquele pensamento ultrapassado de que temos que estudar para sair do campo e conseguir algo melhor, porque geralmente as pessoas falam e os pais também falam que campo e roça é para quem não estuda. Então, antes de conhecer a EFA, eu tinha esse pensamento de sair, de melhorar de vida, de ir para outra cidade para conseguir trabalho e estudar. A maioria dos jovens, apesar de fazer parte a vida inteira do campo, eles não têm o conhecimento, nem instrumentação e nem a participação ativa nas tomadas de decisões dentro da comunidade. Tem essa questão da influência, do preconceito das

peças em relação as peças que moram no campo. Então, elas acabam saindo do campo, saindo de perto da sua família, não investem nas terras que têm porque acham que não dá para sobreviver. Então, antes eu tinha esse pensamento, só que quando eu entrei na EFA mudou completamente, porque eu percebi que eu não tinha um conhecimento adequado em relação de onde eu morava, que eu não conhecia a comunidade onde eu morava, porque eu passei praticamente a vida inteira lá e não conhecia. Também, tinha os mesmos pensamentos dos mais velhos, de que eu tinha que sair de lá, que eu tinha que procurar outro meio de vida, de que não dava para ser feliz, não dava para conquistar nada, ter dinheiro nem nada bom permanecendo no campo. E entrar na EFA foi uma questão muito legal, muito bacana porque aprendi muito, acabei valorizando muito meu espaço, acabei tentando participar das coisas que aconteciam, da associação, me inteirar dos conteúdos, das tomadas de decisões que eram importantes para minha família e para a comunidade também. Apesar, como eu disse antes, não é uma comunidade que trabalha com o coletivo, porém existe a associação, existem reuniões, decisões que pertencem a todos, até mesmo as questões de direitos que a gente acha que não possui. Conhecimento dos órgãos públicos que servem aos agricultores que estão para auxiliar e ajudar, que estão a par dá instrumentação para esses jovens. Então, hoje em dia, depois da EFA, eu procurei estudar justamente a mesma área, a área das agrárias para mostrar para minha comunidade que é possível mudar o seu espaço trabalhando com agricultura familiar, trabalhando com aquilo que a gente gosta. Então, eu tenho essa percepção hoje. Antes, eu queria muito sair por esses motivos, mas hoje já não tenho esse pensamento. Tenho o pensamento de aprender em alguns lugares porque como eu disse, às vezes o campo não oferece isso e isso depende de outros fatores externos, em relação a políticas públicas e outras coisas. Mas hoje em dia, eu procuro conhecimento para voltar e tentar incrementar, instrumentar as pessoas da minha comunidade, os jovens, para participarem das tomadas das decisões da associação, tomar as rédeas, porque às vezes os pais não têm esse conhecimento, não podem ou não acreditam. Então, a gente de certa forma tem que provar que dá certo, tem que fazer toda uma articulação para que isso aconteça.

Pesquisadora – Você estuda o que na faculdade?

J1 – Eu estudo Tecnologia em Agroecologia.

Pesquisadora – É um curso de nível superior?

J1 – Exatamente!

Pesquisadora – Como foi o processo para você estudar na EFA?

J1 - Como eu sempre morei no interior, o interior é um pouco complicado, porque quando você passa para o ensino médio não tem o ensino durante o dia, é apenas a noite. Tinha toda uma dificuldade em relação ao transporte e horário. Minha família era muito preocupada com esse quesito. Então, meu avô sempre fez parte da cooperativa do município de Piripiri, ele sempre foi por dentro desses assuntos, ele sempre gostou, inclusive ele era o presidente da associação da comunidade. Então, ele participava ativamente das coisas que aconteciam no município e também ele era sócio do Sindicato dos Trabalhadores do município de Piripiri. Então, ele soube da EFA através do sindicato e como eu já tinha essa dificuldade para ir ao colégio a noite, ele gostava muito da área. Ele me auxiliou, aconselhou e, a princípio, eu não queria ir porque, de certa forma, eu sabia como seria o procedimento ter que conviver com diferentes pessoas, religiões, culturas e isso me assustava um pouco e, além do mais, por ser um colégio interno em que eu teria que passar 15 dias lá. Então, a princípio, não foi por gostar ou por querer, foi mesmo pela influência da minha família e do meu avô por achar que era o melhor pra mim naquele momento.

Pesquisadora – Para você o que é ser um jovem do campo? Você se considera uma jovem do campo?

J1 – Pra mim, jovem do campo é aquela pessoa que geralmente está vivenciando as atividades dentro do campo, não diretamente ligada a produção agrícola, não diretamente por estar lá sendo obrigada a trabalhar na roça, mas outras formas de você trabalhar dentro do campo, de você ser jovem dentro do campo, de você articular outras ações. Então, eu acredito que ser um jovem do campo é isso, estar dentro do campo e fazer o que é possível com os meios que ele tem para melhorar, para participar, para valorizar e para instrumentalizar as pessoas. Então, eu acredito que seja o sujeito, o indivíduo que faz parte do campo.

Pesquisadora – Dentro desse conceito você se considera uma jovem do campo?

J1 – Sim, hoje em dia eu me considero, porque eu acho que depois que eu conheci a EFA, aconteceram muitas coisas que não só mudaram minha realidade, mas a realidade de algumas

peças dentro da comunidade. Claro que não de forma geral, porém algumas coisas. Por exemplo, quando eu mesma fiz o projeto “Profissão do Jovem através da EFA”, foi uma coisa que mudou o olhar da minha comunidade, porque vi que realmente funcionava, vi que realmente essa questão da coletividade, da ajuda mútua, da família, da segurança alimentar e outras coisas. Então, hoje eu me considero sim uma jovem do campo.

Pesquisadora – Você acha que a juventude do campo é retratada da forma como ela é na mídia?

J1 – Eu acredito que tem muitas distorções, são diferentes pensamentos. Alguns conseguem falar muito, conseguem descrever muito bem sobre isso, principalmente hoje em dia, porque está bem mais fácil, graças a Deus. Através das verbas, dos cursos de Agroecologia voltadas às ciências agrárias, tem facilitado muito essa questão do aparecimento dos jovens em relação a projetos. Jovens vem participando mais das tomadas de decisões, vem querendo melhorar o seu espaço. Então, eu acredito que algumas mídias conseguem transparecer isso para as pessoas e outras não. Então, eu sou meio dividida. Às vezes, a pessoa precisa realmente conhecer a realidade daquele jovem, ouvir relatos de experiência daquele jovem, porque não é a mesma coisa de pegar pedaços de fala de pessoas que vivem lá, mas que, de certa forma, não vivem aquilo que falam. Então, é um pouco diferente, porque nem todo jovem que está no campo tem o mesmo pensamento. Então, eu acredito que, de certa forma, existem distorções em questão a isso.

Pesquisadora – Para você, o que é mídia?

J1 – É um meio de comunicação, no qual, eu acredito que a gente possa mostrar, possa levar para outras pessoas algum conhecimento, sobre um determinado contexto e assunto. São formas de divulgação que temos em nossas mãos para repassar, trocar ideias com outras pessoas, adquirir conhecimento e também fazer sua troca de experiência, de vivência com outras pessoas. Então, eu acredito que a mídia está aí para nos ajudar, para nos auxiliar nesse sentido, tanto para o bem como para o mal.

Pesquisadora – Como é a sua relação com os vários formatos de mídia?

J1 – Hoje em dia, o meu contato em relação a mídia, esse conjunto de meios de comunicação social, rádio e televisão, eu acredito que hoje, de certa forma, precisamos muito estar inseridos

dentro disso, porque a gente vive em uma sociedade que exige muito essa questão da interação. Então, eu acredito que as vezes seja mais questão de necessidade e a minha relação com as mídias hoje são mais em relação a redes sociais, porque eu tenho que está inserida para passar informações, receber informações, divulgação de trabalho, para divulgações de outras coisas que são relacionadas ao que eu trabalho e estudo. Então, eu acho que é mais por essa questão mesmo. Hoje, eu dificilmente tenho contato em relação a jornal, rádio e a televisão. Então, minha convivência é mais com o celular ou computador, é sempre para as redes sociais como *Instagram e WhatsApp, Podcasts e YouTube*.

Pesquisadora – O fato de você estudar na EFA mudou alguma percepção sua sobre o papel da mídia na sociedade?

J1 – Sim, com certeza. Porque dentro da EFA, a gente estuda de tudo um pouco, e a gente também fala um pouco sobre tudo, e essa questão da mídia é bem importante dentro da EFA tanto que tivemos alguns cursos para a gente saber como é que funciona, como estamos inseridos, qual é o nosso papel e de que forma podemos desempenhar esse papel. Então, eu acredito que tem um papel muito importante, até mesmo por essa questão de identidade, para levar para mais pessoas, levar esse conhecimento para mais pessoas que precisam saber disso, que precisam dessas informações, que precisam receber essas mensagens. Então, eu acredito que sim.

Pesquisadora – Existe alguma personalidade que te inspira ou influencia na tua vida?

J1 – Sabemos que hoje em dia a mídia pode mostrar coisas que não existem, coisas perfeitas demais, e as pessoas tentam copiar, viver aquela vida ou consumir aquele produto porque algum famoso falou que era bom. Então, eu acredito que hoje a sociedade esteja um pouco mais, principalmente a juventude, sendo muito influenciada em relação a isso. Mas falando de mim, eu não sou influenciada por nenhuma personalidade famosa. Claro que tem algumas pessoas que a gente usa como inspiração, mais para trabalho, mais para acompanhar ou para adquirir o mesmo conhecimento, mas em relação a pessoas famosas que influenciam, que as vezes mostram uma vida, uma realidade que elas não vivem, que tentam ser perfeitas, no meu caso eu não acompanho.

Pesquisadora – E em relação a personalidades mais ligadas ao povo do campo, alguém serve de inspiração para você?

J1 – Sim, com certeza. Eu acho que depois que eu fiz parte da EFA, eu não tinha esse conhecimento em relação ao meu espaço. Então, tudo que eu sei hoje, em relação às questões de experiências, em relação a conhecimento de alguns autores que dedicaram a vida em pesquisar isso, para compreender melhor, entender melhor. Então, eu gosto muito da Ana Primavesi e Paulo Freire, que foi uma pessoa que teve um papel muito importante em relação à educação no campo, que mostrou muitas coisas. Então, para mim, ele é a personalidade que eu sempre acompanho e depois que eu entrei na EFA, sempre que posso, eu estou lendo livros sobre as coisas que ele falava em relação à educação no campo. E também depois que eu entrei na EFA, além dessa figura que é mais famosa, tem uma pessoa que sempre vai me inspirar, que é a irmã Celina, que cuidava da EFA, que se dedicava à educação no campo, sempre estava lutando pelos direitos dos jovens, estava mostrando a capacidade de cada um, do que a gente é capaz de fazer para mudar nossa realidade. Então, sou muito fã dela e, por ser mulher, por ter força, garra e coragem de lutar até os seus últimos dias mesmo doente, ela sempre está incentivando. Então, isso, de certa forma é inspirador.

Pesquisadora – Elenque consequências positivas e negativas da mídia na vida?

J1 – Eu acredito que existe pontos positivos e negativos em relação à mídia. A mídia facilita muito a nossa vida, porque temos uma maior diversidade nas relações pessoais, sociais e profissionais. Tem também como finalidade facilitar pesquisas para quem é pesquisador, para quem gosta da área, possui muitas informações importantes que precisamos saber sobre o nosso cotidiano, até mesmo questões de diversão e entretenimento. Os pontos negativos, acho que, é a falta de privacidade, pois hoje em dia as pessoas têm muita facilidade de saber onde certas pessoas estão ou onde se encontram. Não temos segurança nas redes sociais, que é uma forma de mídia também. Então, se a qualquer momento, você pode estar sofrendo algum crime, até porque qualquer pessoa pode visitar o seu perfil. Então, tem essa questão da criminalidade, preconceito, isolamento social. Tem pessoas que focam bastante nisso, então, vivem uma experiência e acabam esquecendo de viver a própria realidade, de fazer essas relações pessoais, não conseguem se relacionar de forma física.

Pesquisadora – Qual a importância do telefone celular para possibilitar o seu acesso à internet? Foi através desse dispositivo que você teve um acesso maior a internet?

J1 – Para mim, é muito importante e, como você falou, existe algumas dificuldades, principalmente as dificuldades econômicas. Nem todo mundo pode ter acesso a um telefone, mas que ele facilita muito a nossa vida, que ele é superimportante e essencial, ele é. Tem pessoas que dizem que conseguem ficar sem telefone, e eu até admiro, mas eu não consigo, não por questão de vício, mas porque hoje em dia tudo o que você tem de importante em relação a trabalho e estudos, é no celular. Eu acho que precisamos do telefone para se comunicar com as outras pessoas, para saber o que está acontecendo, o celular nos ajuda a realizar os afazeres do dia a dia. O celular nos ajuda a estar em contato com outras pessoas, ter acesso às informações importantes através de aplicativos, dependemos muito do celular. Pra mim, hoje, perder meu telefone é como perder algo muito importante pra mim. A metade das coisas que eu crio e que eu preciso para levar minha rotina estão no meu telefone.

Pesquisadora – Você consegue imaginar como seria um mundo sem mídia? Como seria esse mundo?

J1 – É bem complicado imaginar uma realidade diferente dessa que a gente vive, porque eu acho que seria uma regressão. Eu acho que voltaria outros meios e formas, mas não com a mesma facilidade que existem hoje, por questões de tempo, porque hoje tempo custa muito caro, não podemos perder tempo, as coisas têm que acontecer de forma mais rápida. Então, eu acho que seria muito difícil viver ou me imaginar em um mundo em que não existem telefones, atrasariam muito nossa vida, atrasaria muito o desenvolvimento local e regional. Então, eu não consigo imaginar um mundo onde não existam telefones, acho que seria bem difícil a questão da relação entre pessoas, distanciaria mais ainda essas pessoas, tudo seria bem mais difícil.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA J2

Pesquisadora – Me descreva o seu local de origem.

J2 – Minha família mora em um assentamento. Eles estão lá desde o início da construção das casas, minha família mora lá há uns 11 anos.

Pesquisadora – Qual o nome do assentamento?

J2 – Assentamento Sapucaieira.

Pesquisadora – Qual o município?

J2 – Sigefredo Pacheco. Lá tem aproximadamente 30 casas. Hoje em dia, todas as casas moram famílias. O pessoal de lá vive bastante da agricultura e da criação de animais como aves e caprinos.

Pesquisadora – Quantas pessoas moram lá?

J2 – Não sei dizer, mas aproximadamente cada família tem dois ou três filhos.

Pesquisadora – Então, são mais ou menos 30 famílias?

J2 – Isso!

Pesquisadora – Na sua opinião, o que significa rural?

J2 – Pra mim, é tudo aquilo que famílias que moram em lugares isolados, um pouco mais distantes da cidade grande e que vivem de práticas do campo.

Pesquisadora – Como foi o processo de saída da zona rural?

J2 – A minha cidade, infelizmente, não tem trabalho suficiente para a minha formação. A minha família daqui de São Paulo sempre quis que eu viesse morar aqui em São Paulo e a minha mãe sempre desejou o mesmo e eu acabei vindo por influência deles, para tentar conquistar coisas diferentes, ter uma visão e um caminho diferente do que eles tiveram.

Pesquisadora – Então, você acha que foi uma coisa que naturalmente aconteceria?

J2 – Sim, em algum momento iria acontecer. Quando nós somos menores de idade, somos influenciados pela família. Foi uma decisão que, no início, eles tomam por você, mas depois acaba se tornando uma decisão sua.

Pesquisadora – Você ainda se identifica com o seu local de origem? Você se considera uma jovem do campo?

J2 – Eu costumo falar para todo mundo que eu cresci e eu sempre estudei em escolas do campo. Eu costumo falar isso para todos, não nego minhas raízes, não nego que já morei em assentamento e que minha família sempre foi muito humilde, sempre vivemos da plantação e criação de animais.

Pesquisadora – Então, você se identifica?

J2 – Sim!

Pesquisadora – Como foi a sua chegada na EFA? Como você conheceu a escola?

J2 – Quando eu estava mais ou menos no 8º ano do ensino fundamental, um menino da minha comunidade estudava lá e ele sempre falava muito bem, falava do estudo diferenciado que lá tem por ter uma formação técnica junto com o ensino médio e desde o 8º ano, eu já tinha interesse em estudar lá, sempre foi um interesse meu, a minha família sempre me apoiou. Quando eu cheguei lá, foi tudo como eu sempre pensei.

Pesquisadora – O fato de você estudar na EFA mudou a sua percepção sobre o papel da mídia? E de que forma a EFA contribuiu nessa sua visão?

J2 – Eu costumo dizer que a EFA expande o seu pensamento sobre a sociedade e como a mídia interfere na sociedade, diretamente ou indiretamente. Lá, sempre estudamos esses conceitos, como que a mídia pode influenciar a sociedade, pelas redes sociais ou TV. E nós, estudamos muito a forma de ver a notícia, como eles publicam uma notícia, como a mídia, às vezes, publica notícias que podem ser *fake news*. Estudávamos muito a raiz daquilo: será se aquilo verdadeiramente é uma notícia verídica ou a mídia quer que a gente entenda como convém a eles? Então, essa parte de ter um senso crítico a EFA me ajudou muito.

Pesquisadora – O que você entende como mídia?

J2 – Mídia é toda uma rede de notícias e de publicações.

Pesquisadora – No seu dia a dia, como você se relaciona com os vários formatos de mídia? O que você costuma consumir?

J2 – No meu dia a dia o consumo é pouco, por conta do trabalho e estudo. Meu consumo de TV é zero, eu uso mais o celular.

Pesquisadora – Quando você morava na zona rural, também tinha essa característica ou era diferente?

J2 – Era diferente, na zona rural era mais por TV.

Pesquisadora – Tinha alguma dificuldade de acesso à *Internet* lá?

J2 – No início, tinha muita dificuldade. Poucas casas tinham *Wi-Fi*, mas hoje em dia está bem mais fácil. Todas as casas de lá agora tem *Internet*.

Pesquisadora – Lá se usa mais o celular?

J2 – Sim, na minha casa, antes todos acompanhavam muito a TV. Agora, é cada um no seu próprio celular.

Pesquisadora – Você acha que o acesso à internet via celular muda em que aspectos a vida no cotidiano?

J2 – No aspecto positivo, melhora bastante por conta da facilidade de comunicação com minha família, é bem mais simples. E esse fato de aproximar pessoas que estão longe ficou bem melhor. Na questão negativa é que geralmente os jovens, por exemplo, meus irmãos passam o dia no celular, minha irmã desenvolveu problema de visão, acho que, por conta da tela do celular. Então, a questão negativa é que ela é muito viciante. E as vezes de mostrar notícias que podem não ser verdade.

Pesquisadora – Você já foi prejudicada diretamente por conta de algum contato com a mídia através do celular?

J2 – Então, eu já tive conversas vazadas. Essa questão de você poder compartilhar uma conversa, tirar um *print*, e eu fui um pouco prejudicada por isso.

Pesquisadora – No caso pela sua privacidade?

J2 – Isso. Quando você se expõe em qualquer tipo de plataforma online, ela te dá o direito de você ser exposta e cada pessoa tem uma interpretação diferente da forma que você foi exposta.

Pesquisadora – Você conseguiria imaginar a sua rotina sem as mídias sociais que temos hoje? Como você acha que seria?

J2 – Para mim, seria bem complicado por causa da distância. Eu estou longe dos meus pais e irmãos, sem esse contato com a mídia seria bem mais complicado ficar aqui quase que sozinha, mas tem dias que eu passo o dia inteiro sem internet e é tranquilo. Eu acredito que passar mais de um dia ou dois é tranquilo, mas passar mais tempo é complicado por conta da distância da minha família.

Pesquisadora – Essa manutenção de vínculos e de contatos é uma coisa que é primordial para você?

J2 – Sim, todo dia eu falo com a minha mãe e com meus avós, é uma conexão diária. Assim que eu acordo, já mando mensagem para minha mãe, ligo para minha avó. Acredito que eu passo mais tempo no celular por conta disso, por estar sempre falando com eles praticamente o dia inteiro.

Pesquisadora – Como você percebe a forma que a mídia retrata o jovem do campo?

J2 – A mídia hoje em dia está expondo o jovem do campo como um jovem que quer investir no campo. Antes, tinha muito a questão do êxodo rural, quando a maioria saía do campo porque não enxergavam uma perspectiva de futuro para eles na zona rural. E hoje em dia, a mídia já

mostra que tem muito jovem do campo que investe no campo, que investe em uma criação, que tem uma renda daquilo. Eu acredito que antes, a mídia era cruel, principalmente com o pessoal do campo. Acredito que eles mostravam antes que o campo não tinha uma boa perspectiva para o jovem, e hoje é diferente. E hoje já mostra que dá sim para viver no campo, que dá para tirar a sua renda do campo, principalmente a TV que mostra iniciativas de jovens fazendo diversos projetos que englobam a família e a comunidade.

Pesquisadora – E nas mídias sociais, você acha que também é mostrado?

J2 – Sim, a escola mostra bastante os projetos dos jovens que permaneceram no campo, e eles fazem páginas no *Instagram* mostrando os projetos dos jovens da comunidade. Então, as pessoas do campo estão tentando mostrar o lado positivo.

Pesquisadora – No contexto das redes sociais, você acompanha alguma personalidade famosa que te inspira de algum jeito? Tem alguma personalidade ligada ao povo do campo que te inspira?

J2 – Eu não sou muito de seguir essas pessoas. Eu entro nas redes sociais para me distrair um pouquinho, mas eu sigo muita gente da minha cidade e eu me inspiro muito nas pessoas de lá. Tem uma menina que estudou na escola que faz plantio de diversas culturas, eu acho isso muito legal, eu acho muito inspirador. Eu até falei isso para minha família, eles poderiam fazer isso também. Hoje em dia, tem muito artista famoso que era do campo, que mantiveram as suas raízes, mostrando como é o campo.

Pesquisadora – Você considera que as suas percepções, inclusive sobre o papel da mídia, elas passam pela sua experiência pela EFA? Como a EFA ainda hoje impacta na sua vida e nas suas opiniões?

J2 – Eu acredito que essa minha visão construtiva tenha sido muito por causa da EFA, porque lá dentro eles constroem as pessoas para pensar por si própria, não para pensar junto com o sistema. Por isso, tem muita gente daqui de São Paulo que fala que eu tenho opiniões muito fortes. Eu acho que a EFA construiu isso em mim, eu costumo dizer que quando eu estudei na EFA, foi a época em que eu mais aprendi matérias, estudos e coisas que hoje em dia, eu ainda levo para o meu cotidiano. Eu faço questão de levar para o meu cotidiano.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA – J3, J4 e J5

Pesquisadora – Como é o lugar em que vocês moram?

J3 – Onde nós moramos é calmo, tranquilo, tem muitas variedades de plantas, tem muita vida animal, tem vários rios, florestas e eu gosto muito de morar lá.

J4 – No sítio onde nós moramos é bem calmo o ambiente, tem muitas diversidades de cultura. É praticado a agricultura, principalmente familiar, é usado também para revenda. Tem uma atuação dos jovens pouca, por que a maioria dos moradores de lá já estão em uma idade bem avançada. A quantidade de jovens é pouca, tem uma grande vegetação verde, criam animais, mas é mais para o consumo e as vezes para a venda, mas é de uma forma bem reduzida e a comunidade é toda na zona rural de terra.

J5 – Minha comunidade é mais urbanizada, praticamos muito a agricultura também. É uma das principais formas de renda da comunidade, não tem uma infraestrutura escolar, é mais sobre creches. Não tem uma infraestrutura boa de saúde, acho que na parte natural há pouca coisa que tem, porque tá cada vez mais se devastando. O desmatamento de algumas árvores, que agora que estão começando a remover algumas árvores da comunidade, para poder crescer um pouco mais urbanizada, e sobre a venda de animais, é mais praticado com galinhas porque na comunidade não tem tanto acesso à animais grandes, principalmente pelo preço dos animais. Então, é mais para o consumo e a agricultura também.

Pesquisadora – Vocês têm uma noção de quantas pessoas moram lá no sítio, quantas famílias?

J4 – Sim, aproximadamente mais de 40.

Pesquisadora – São de famílias diferentes ou da mesma família?

J5 – São famílias diferentes. Tem as predominantes, tem os “Pintos” que é da minha família, tem Moraes. É diversificado, essas famílias se uniram através de relacionamentos.

Pesquisadora – O que significa a região rural na concepção de vocês? Vocês gostam da zona rural? Vocês já sentiram vontade de sair do campo?

J5 – Eu acho que meu conceito de rural é ter uma diversidade maior de plantas e pecuária também. Uma maior quantidade de agricultores trabalhando de forma mais ecológica e também já pensei bastante sobre sair do meio rural, até por conta do fato de não ter oportunidades.

J3 – Eu acho que o meio rural é onde a gente tem os agricultores rurais, tem a pecuária, tem toda uma biodiversidade e eu também já pensei em sair, mas agora nem tanto.

J4 – Bom, eu nunca tive vontade de sair do campo por que toda a vida, desde que eu sou novinha que meus pais moram no campo. Eu gosto muito de estar em contato com a natureza e faz com que eu tenha paz, o campo é muito bom. E a zona rural, para mim, se define como uma área que tem bastante diversificação de culturas, um lugar onde tem uma grande vegetação verde e principalmente sendo estrada de terra na zona rural.

Pesquisadora – Como foi o processo para vocês se tornarem estudantes da EFA? E de que forma a EFA impacta a vida de vocês na relação com a comunidade em que vocês moram?

J4 – Bom, um dos impactos que teve em eu vir para EFA, a gente pratica muito a interação com a comunidade, aprende a estar mais ligadas em movimentos sociais, correndo atrás de melhorias aí faz com que a gente olhe de outra maneira para nossas realidades, e possa estar colocando em prática o que a gente aprendeu na escola. E eu conheci a EFA tanto por interferência familiar, como os amigos que fez com que eu me interessasse, e também pela vontade de aprender. Então, eu vim para cá, consegui me adaptar e gostando bastante da área. Eu pretendo me aprofundar mais nesses assuntos por que eu gostei, e também conhecer novas pessoas, novas realidades.

J3 – Minha mãe me fez ter interesse na EFA, que com o convite da Tia Lu, ela me fez refletir um pouco e conseguir entrar na EFA. Agora, eu participo de movimentos sociais, consigo dar uma instrução melhor para o meu pai na hora do plantio.

J5 – Eu entrei na EFA com poucas expectativas, entrei por entrar. Teve uma primeira dinâmica, e o Chico perguntou porque que eu tinha entrado na EFA e eu expliquei que eu não tinha me

encontrado ainda com uma profissão. E hoje, a EFA me ajudou a me encontrar, encontrar quem eu sou e qual profissão eu quero seguir. E, principalmente, reconhecer as lutas da comunidade e também pelas lutas sindicalistas, movimentos sociais foram e estão sendo muito importantes para nossa comunidade e nossa vivência e eu espero que na comunidade, eu possa ter um impacto positivo em permanecer no campo, como uma produtora rural.

Pesquisadora – Vocês se consideram jovens do campo? Por que?

J5 – Eu me considero uma jovem do campo porque eu criei uma resistência em permanecer no campo sem precisar do êxodo rural, que ocorre muito nas comunidades pequenas e rurais. Tanto que eu já tive esse pensamento de migrar para outra cidade, capital. Então, eu me considero ser uma jovem do campo.

J3 – Eu comecei a entender o que era o jovem rural, assim que eu entrei na EFA. Porque aqui foi explicado o modo que é um jovem rural, e agora eu me considero uma jovem rural, porque eu participo de muitos de movimentos sociais, ajudo muito minha família no sítio onde moro e acho que é isso, fazer movimentos para ajudar os cidadãos da minha comunidade.

J4 – Bom, a agricultura está há muito tempo na minha família e fez com que eu despertasse à vontade, até porque interage muito com o meio ambiente. Então, fez com que eu despertasse essa minha vontade de estar no meio rural, até porque eu acho muito bonito quando meu pai planta o feijão e vai nascendo e apenas pouquinhos grãos se multiplica em muitos. Então, a partir do momento, que a gente vai crescendo, o jovem rural vai ganhando uma resistência e um amor por essa prática. A gente vai reconhecendo, principalmente, quando a gente é introduzida em uma escola que possibilita a interação com esse campo.

Pesquisadora – O que vocês entendem por mídia?

J4 – É um meio de comunicação, na qual, disponibiliza/dissemina tanto informações boas que vão contribuir para nossa formação e aprimoramento pessoal, mas também pode estar destruindo, desestabilizando nossa mente, principalmente por sermos jovens e em alguns momentos estarmos com a mente fraca. Então, a mídia é um meio ótimo, mas que deve ter uma certa preocupação por está usando.

J5 – Eu entendo mídia como um meio de comunicação. A mídia pode ser usada tanto para benefícios relacionados ao comércio e a informações e outros tipos de fins, e também, de forma destrutiva passando informações erradas como as *fakes news*.

J3 – É um meio de comunicação que pode ser passado informações boas ou maléficas para derrubar uma pessoa/empresa.

Pesquisadora – Na sua percepção, como o jovem do campo é retratado na mídia? O fato de estudar na EFA ajuda a perceber o papel da mídia na sociedade?

J3 – Bom, eles passam a imagem de que o jovem agricultor não estuda, só trabalha no campo. Não quer saber de estudar, mas é o contrário. Nós estudamos, nós queremos alguma coisa na vida. Eu acho que depois que eu entrei na EFA, eu soube o que é isso. Agora, com o nosso modo de pensar dá pra saber. Agora, com a comunicação mudou muito, eu comecei a entender mais o que é proposto para o jovem rural na EFA.

J5 – Eu acho que, por vivência própria, algumas coisas que passam na mídia são as que o jovem trabalha apenas com o campo, apenas focado na agricultura e também na pecuária. Só que tem essa forma pejorativa, que o jovem não trabalha Economia, Administração, Designer ou uma produção que provavelmente você queira ingressar em um negócio próprio. O jovem do campo é retratado como um ser sem inteligência porque a partir do momento que somos introduzidos no nosso meio escolar, a gente meio que sofre discriminação, não só pela turma, mas também pelos professores, porque eles dão mais atenção ao pessoal da cidade e são temáticas. O jovem do campo quando introduzido nos ensinamentos de cidade urbana, ele já é discriminado, e a maioria que vai pra lá só é do campo mesmo. Eu acho que é discriminado porque abordam temas que não condizem com a nossa realidade, não dá pra repassar pra os nossos pais o que a gente não está conseguindo entender. Na verdade, todos os alunos, tanto da área urbana e rural, eles são colocados só informações para decorar e não para aprender e aqui na EFA é mostrado outra realidade, que ninguém sabe mais que ninguém, mesmo os educadores tendo um vasto conhecimento, a gente ainda pode repassar para eles o que a gente sabe, e os agricultores mesmo não tendo nenhum ensinamento sabem de muita coisa, e tem um repertório cultural muito bom sem ter estudado. Então, nós vamos aprendendo com esses mestres e valorizando o agricultor, valorizando a interação dos jovens rurais. Onde há encontros, onde há debates. Então, a EFA nos mostra novos horizontes que no ensino comum não temos a oportunidade de conhecer.

Pesquisadora – Vocês conseguem discutir sobre mídia em aulas ou conversas com os professores? Vocês conseguem fazer isso em outros espaços da EFA?

J5 – Sim, a gente consegue nos serões, em alguns outros espaços, pois a mídia está inserida em praticamente tudo. Temos serões onde debatemos sobre mídias e políticas. Discutimos também nas aulas e no cotidiano.

Pesquisadora – Como você descreve a sua relação no cotidiano com os vários formatos de mídias?

J4 – Eu uso o *YouTube*, *Google*, outros sites, *WhatsApp* para trocar informações entre amigos e participantes do grupo e uso também *Instagram*.

Pesquisadora – Tudo isso você faz via celular?

J4 – Via celular ou via notebook. Na EFA, é mais celular.

J3 – Eu olho mais o *YouTube*, *Instagram*, *Facebook* e o *Google* para pesquisar alguma coisa da escola e eu só faço isso pelo celular mesmo, tanto em casa como na escola.

Pesquisadora – Quando você usa o *Facebook* ou o *YouTube*, você só procura conteúdos para estudar ou para se divertir?

J3 – Eu olho para estudar e, às vezes, para se divertir.

J5 – Eu uso o *WhatsApp* como forma de comunicação, *Instagram*, *YouTube* e outros *apps* de vídeos como *TikTok* e *Kwai*. Eu usava o *Telegram*, mas parei de usar e o *Facebook* também tinha, mas parei de usar e para responder atividades uso o *Google* e outro *apps* do meu celular.

Pesquisadora – O que te levou a parar de usar algumas redes sociais?

J5 – O *Facebook* está muito ligado ao *Instagram*. Então, ficam com informações iguais, por isso, parei de usar. O *Telegram* ficou um pouco ultrapassado e o *WhatsApp* com várias atualizações ficou quase a mesma coisa.

Pesquisadora – *J4*, você também deixou de usar algumas redes sociais?

J4 – Eu deixei de usar todas, menos o *WhatsApp*. É porque me forçam a usar.

Pesquisadora – Você passou por alguma situação desagradável usando redes sociais?

J4 – Eu não gosto de ficar vendo sobre a vida dos outros. Meio que nós ficamos apenas vendo a vida dos outros e eu não estava mais gostando disso e resolvi desinstalar. Desinstalei e gostei, porque me sinto mais leve.

Pesquisadora – Tem alguma personalidade famosa que serve de exemplo ou te inspira de alguma forma?

J3 – Pra mim, é Paulo freire. Eu gostei muito da educação alternada dele, eu achei muito interessante.

Pesquisadora – Ele te inspira pela proposta dele de Educação?

J3 – Isso!

Pesquisadora – Você tem vontade de ser uma educadora como ele?

J3 – Tenho!

Pesquisadora – Como você conheceu Paulo freire? Como é sua relação de inspiração com ele?

J3 – É o modo de falar e de pensar dele. Eu conheci ele na escola e gostei muito do modo dele falar da educação que ele apresenta.

J4 – Essa personalidade é mais famosa na área da natureza, que é o biólogo Henrique. Ele aborda temas sobre cobras, desmistificando coisas negativas que falam sobre cobras dando aulas. Ele aborda vários assuntos.

J5 – Rachel Carson, ela contribuiu bastante com a descoberta do agrotóxico no meio ambiente. Ela teve várias obras que, infelizmente, eu não tive a oportunidade de ler nenhuma, mas ela me inspira bastante com seus textos e livros.

Pesquisadora – E no dia a dia de vocês, tem alguma pessoa do seu convívio que te inspira? E por quê?

J5 – A minha mãe, apesar de ela ser uma “dona de casa”, ela tá envolvida em muitos movimentos, ajuda bastante meu pai a ser também. Ela também é uma agricultora rural.

J4 – Minha mãe, meu pai, meus irmãos e minha família inteira. Porque eles estão envolvidos em movimentos, principalmente minha irmã mais velha que herdou isso da minha avó. Minha família inteira tem uma participação muito grande nos movimentos que faz com que eu desperte essa vontade de estar no meio e também praticam a agricultura familiar.

J3 – Minha mãe. Ela participa de movimentos, ajuda meu pai no que pode.

Pesquisadora – Qual a sua percepção sobre a relevância de se ter um celular? Qual a relevância do uso do celular para as atividades cotidianas?

J3 – Como na escola tem o momento certo de usar o celular, que é na hora do lanche, do almoço e do jantar, por isso estamos reduzindo mais o uso de redes sociais, mas quando estamos em casa passamos muito tempo. Eu acho que é muito importante, como na comunicação, para a gente socializar mais.

J5 – Eu acho que ter acesso ao celular tem seus benefícios e malefícios por questão da *Internet*. Como a comunicação está muito avançada, principalmente por causa da *Internet*, que a qualquer momento você pode se comunicar com alguém, ter acesso a informações as quais você teria que ter livros ou artigos. Mas também, os malefícios são muito perigosos por conta que várias

redes sociais mostram uma vida perfeita e vários jovens levam isso para a vida e isso afeta muito psicologicamente, principalmente os adolescentes.

J4 – A *Internet* é boa porque tem várias informações que podemos usar para aprender, mas também tem seus malefícios, principalmente os jovens. Ele pode está consumindo esse conteúdo que veem dos influenciadores e podem estar levando para a vida. Coloca em prática tudo, não é à toa que muitos jovens estão em depressão, ansiedade por não alcançar o padrão de vida que ele ver na *Internet*, que muitas vezes é tudo *fake*. Também, tem o perigo para as crianças, pois podem ser enganados por pedófilos, pois essas crianças que são inseridas muito novas nas redes. Tem também mulheres adultas caindo em golpes, é muito golpe que é aplicado na *Internet*, tem também a clonagem de dados, é um espaço bem frágil.

Pesquisadora – Para você, como seria um mundo sem mídia? Como você imagina que seria um mundo sem mídia?

J4 – O mundo sem mídia seria bom, mas ao mesmo tempo, eu acho que o mundo do jeito que tá não ficaria sem essas mídias de informação, porque toda a população está em constante evolução. Então, eu acharia bom, mas acharia ruim porque eu não estaria me comunicando tendo uma acessibilidade maior, enviando mensagens rápidas, pesquisando coisas que não tenho tempo de pesquisar nos livros. Mas seria muito bom também se cada um soubesse usar a *Internet*. Os quadros de comparação, principalmente de adolescente seria baixo, não existiria essa desigualdade. Eu acho que sem *Internet*, a gente ia de uma certa forma tentar evoluir. Como a população está constante evolução, elas iriam encontrar algum meio de continuar evoluindo.

Pesquisadora – Então, você acha que termos “tecnologias como as de hoje”, é uma consequência natural da evolução?

J4 – Sim!

J5 – A mídia tem o seu impacto positivo e negativo, qualquer invenção criada sempre teve seu impacto positivo e negativo. Então, a mídia tem o seu impacto positivo por ter talvez um menor índice de suicídio, de pessoas com problemas mentais, por conta de uma excessiva comparação

com a vida perfeita de pessoas nas redes sociais e também a falta de comunicação e informação seria um problema bastante recorrente se não tivesse a mídia.

Pesquisadora – Então, na sua percepção, o excesso de muita exposição e pessoas comparando suas vidas com a de outras nas redes sociais, isso de alguma forma contribui no mal-estar mental das pessoas?

J5 – Eu creio que sim!

Pesquisadora – E por outro lado, você acha que não teríamos essa gama de informações que a gente tem?

J5 – Exatamente!

Pesquisadora – Você acha que essa presença massiva nas mídias ajuda a gente a combater as desigualdades da sociedade?

J3 – Eu acho que não teria tantos problemas que tem hoje. Eu sei que foi muito importante, mas também teve os seus malefícios para destruir muitas pessoas, a vida social que elas têm.

Pesquisadora – Mas particularmente, você consegue imaginar como seria a tua vida sem o acesso a mídia que você tem hoje? Como você enxerga esse cenário?

J3 – Eu acho que seria até bom, porque a gente prestaria mais atenção aos estudos e não perder o foco com isso.

Pesquisadora – Você não sentiria falta de nada?

J3 – Não!

Pesquisadora – Nem a diversão ou informação? Para você não teria um impacto tão grande?

J3 – Não teria.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA J6

J6 – Atualmente, eu moro na cidade de Sigefredo Pacheco, ela é do Piauí. Ela é uma cidade pequena, era um povoado há uns 30 anos atrás. Ela é uma cidade pacífica e, como é uma cidade pequena todo mundo se conhece. Então, se morre uma pessoa, automaticamente toda cidade sabe sobre. A cidade tem uma grande comunicação em relação a essa parceria que acontece com as EFA, principalmente com a EFASA. A cidade, hoje em dia, possui dois vereadores que são ex-alunos, um deles, o filho já estudou e vários já deve ter familiares e a cidade tem uma grande variedade cultural em relação a agricultura familiar, porque como é uma cidade pequena normalmente tem essa ideia maior. Então, se torna mais...

Pesquisadora – Você mora na zona urbana ou rural?

J6 – Urbana.

Pesquisadora – Você já morou na zona rural?

J6 – Não.

Pesquisadora – Na sua perspectiva, qual o seu conceito de rural?

J6 – Como eu já frisei, a cidade tem uma grande variedade na área rural. Por exemplo, eu tinha um plantio de cheiro verde que eu fazia a venda, e na escola eu tinha um projeto de criação de codornas. Então, a cidade tem essa parte bem rural, mesmo sendo uma cidade que de um lado e de outro da minha casa tem terrenos, que se alguém quiser plantar tem como. Apesar de ser uma cidade, tem essa cultura rural. Aqui em casa, meu pai adora criar bichos, minha mãe já brigou várias vezes porque nós moramos na cidade, mas ele não sai do interior. A área rural é mais um contato com a agricultura familiar, produção vegetal e animal. Em Teresina, por exemplo, tem uma plantação de algumas culturas vegetais. Então, teoricamente todo lugar tem um pouco de ruralidade.

Pesquisadora – Você se considera como um jovem do campo?

J6 – Eu não me considero, porque particularmente eu gosto mais da cidade. Só que eu também gosto desse contato com o rural. Esse contato às vezes é bom, porque você termina tendo uma quebra. Eu moro em uma cidade pequena, então, eu não tenho essa perspectiva de uma cidade maior. Só que eu tenho mais a perspectiva de querer ir para uma cidade maior. Eu gosto, mas ao mesmo tempo não me identifico. Pode ser a relação de nunca ter morado em um interior, mas também pode ser pela relação que tenho. Por exemplo, meus avós paternos tem um interior e lá tem vários animais.

Pesquisadora – Você acha que tem uma boa relação com os espaços? Com o urbano e o rural?

J6 – Eu nunca gostei da área vegetal. Sempre quando tinha disciplinas da área vegetal, eu tinha dificuldade, mas quando era área animal, eu me identificava. Mais só que isso é questão de gosto. Quando eu vou pro interior, eu prefiro cuidar mais de animais. Eu gostava mais de criar das codornas do que dos meus canteiros.

Pesquisadora – Como foi para você estudar na EFA?

J6 – Aqui sempre ouvimos falar. Na verdade, a EFASA é modelo. O ensino médio de lá é exaltado, principalmente antigamente. Eu tinha vontade, mas tinha receio do que minha mãe iria dizer e por causa das regras. Então, minha prima foi um ano antes de mim, então, comecei a ver a situação, e minha mãe começou a gostar pela situação, porque minha mãe é muito protetora e esse fato fez com que ela tivesse confiança na escola, por minha prima estar lá, e fez esse contato. Não foi exatamente pela Educação no Campo. Se você for ter uma perspectiva de toda a cidade de Sigefredo Pacheco, e a perspectiva dos alunos do interior e da sede, a quantidade é a mesma, porque os alunos da sede é uma quantidade absurda. Porque a escola em si, ela prega os conceitos do campo em relação àquilo que não é da escola, porque a escola não era para aceitar alunos da zona urbana. Então, quando eu comecei a perceber, primeiro que queria o curso de Zootecnia por gostar de animais, mas aí eu preferi Agroindústria, e por exemplo, meu irmão tinha um açougue. Então, fazia mais sentido essa área. Me identifiquei mais com a Agroindústria porque é um curso mais voltado para uma pessoa da cidade. Por exemplo, minha prima fez Zootecnia, ela teve muita dificuldade na execução de projetos por causa das regras sanitárias. E na Zootecnia, ela podia ter uma criação ou plantação, ela não poderia ter os dois. No meu caso, eu poderia pegar cajus da casa da minha Vó e utilizar com processamento, então me identifiquei por causa disso. Pode ser por isso que antigamente eu me

identificava mais com a educação no campo, ser uma pessoa do campo. Já fazem três anos que eu saí da EFASA. Então, mesmo que eu já tenha aqueles conceitos, mas os conceitos vão reformulando devido as mudanças. Por exemplo, eu saí de uma área e fui para outra e agora já estou ingressando em outra. Então, automaticamente minha cabeça está pensando a respeito disso, e pode ser que se eu tivesse continuado na Agronomia, talvez eu tivesse cursado essas mesmas ideias e como é uma área da tecnologia sem ser a Agrária, como eu tenho muito tempo, então, essa mesma perspectiva mudou um pouco.

Pesquisadora – O fato de você estudar na EFA mudou alguma percepção sua sobre o papel da mídia na sociedade?

J6 – Quando uma pessoa tem essa perspectiva, ela nasce ou vai se desenvolvendo com o tempo. Então, eu acho que a EFA só me ajudou a aumentar essa perspectiva. Por exemplo, no meu trabalho, toda sexta tem um plantão. Eu trabalho em um instituto um pouco bagunçado, é um coordenador para cada oito professores. Temos um grupo só com a gente, aí eles ficam analisando como eu falo. Eu tenho uma perspectiva de cobrança maior em relação a certas coisas, às vezes até fico me perguntando porque eu cobro tantas coisas. Porque a EFA me ajudou a ter essa perspectiva maior. Vocês me ajudaram no ano de 2017. Eu não vou analisar uma coisa como uma pequena coisa, eu tenho que analisar de uma maneira mais extensa. Por exemplo, essa história que as universidades públicas vão acabar, que é um absurdo, provavelmente eu já tinha essa perspectiva antes da EFASA. Só que a EFASA me ajudou a usar. E outra coisa, o curso de Comunicação Popular naquela época, ele me ajudou tanto na forma expressiva e na oratória. Porque assim, escrever, eu vou analisar, eu vou rever, eu vou ver tudo aquilo de novo e já nessa perspectiva desse falatório aqui não. Eu tenho que desenvolver uma fala, e tanto vocês como a EFASA durante os serões, eles desenvolveram isso. Por exemplo, eu saber me comunicar com uma pessoa. A mídia em si não é só ser militante, a mídia tem que ter essa perspectiva de saber conversar. Eu vejo várias pessoas falando sobre Lula e Bolsonaro, as coisas não funcionam dessa maneira, eu tenho que ter uma perspectiva geral, é tão tal que às vezes quando eu não sei sobre o assunto eu não comento. Eu vejo muitos comentários banais a respeito dessa falta de comunicação, e às vezes até falta da própria mídia em colocar uma situação verdadeira. Por exemplo, eu achei estranho: a PEC 206 se ela já está sendo mantida a algum tempo, por que só foi revelado agora? Por que não foi feito antes? Então, eu sou contra, mas eu também analiso porque que não foi antes. Eu tenho muito essa perspectiva

de analisar como um todo, é a mesma coisa de dizer que Bolsonaro ou Lula são bons sem ver a situação como um todo. A gente tem que usar a mídia e a política tudo junto de uma maneira.

Pesquisadora – Qual a sua perspectiva de como a mídia retrata o jovem do campo?

J6 – Eu terminei o ensino médio e eu continuava estudando para o Enem. Então, eu sempre estava com essa parte de mídias sociais em relação a estudantes, principalmente no ensino médio. Quando está no período do Enem, eu vejo muita gente colocando que passou. E eu acho que a mídia promove, mas tem uma precariedade no antes. Será o que aconteceu antes? Será se durante esse período em que o cara estava estudando não só os resultados, mas sim o progresso em si? Por que antes não teve uma matéria? “Jovem do campo necessitava de mais estudos”. Minha amiga me relatou que a turma dela estava dizendo que, às vezes, uma pessoa pobre não se esforça para passar em uma federal. Tem um dos meus primos que começou a aprender a ler com 10 anos, quando meu irmão estudar isso era meio que normal, mas hoje em dia não é mais. Então, eu acho que a mídia deveria analisar a situação. Os militantes se posicionam e apresentam as situações, para que os políticos tenham medo da situação de algo que se torne maior e mudar, a mídia em si apresenta, mas precisava apresentar mais.

Pesquisadora – O que você entende como mídia?

J6 – Mídia se relaciona quando é uma ideia. Ela é apresentada em um determinado local e ele começa a repercutir, e esse fato faz com que avance esse conceito sobre aquilo. Por exemplo, se é uma mídia do jovem do campo, aí eu coloco uma notícia do jovem do campo, a mídia em si, eu acho que ela vai promover. Na verdade, a mídia somos nós. Se eu não me prontifico em relação a essa situação, então não vai haver mídia, porque acontece que às vezes a mídia ela encobre e as vezes não. Só que depende, existem vários tipos de mídia: a mídia popular, a mídia jornalística e existe a mídia política e, a política, ela influencia muito nas outras duas mídias. Porque se a mídia política diz para o jornalista postar algo, ele vai ter que postar, dependendo do jornalista. Se um político postar algo no *Twitter* aí vai um monte de gente que às vezes nem entende do assunto, mas opinam sobre, e o *Twitter* está sendo um dos maiores motivos de mídia. Às vezes eu uso, ver algumas coisas, e por isso eu acho que é bom ser cancelado.

Pesquisadora – Por que você acha que é bom ser cancelado?

J6 – É porque, às vezes, você fala uma coisa e não analisa. Eu acho que a gente tem que analisar tudo, não simplesmente o agora. Por exemplo, se eu quiser fazer um mestrado, não adianta eu querer fazer sendo que eu sei que não vou conseguir. Não adianta eu pegar várias disciplinas se eu sei que não vou conseguir pagar todas. Eu acho que a gente deve analisar tudo, em si, um antes e um depois.

Pesquisadora – E na rede social, o mecanismo do cancelamento seria como um alerta para a pessoa pensar melhor no que ela está fazendo?

J6 – Isso. Por exemplo, a mídia, em si, às vezes muda. O Arthur Aguiar e a Naiara Azevedo entraram no BBB altamente cancelados, um saiu campeão e a outra saiu amada. Então, às vezes a mídia tem esse papel, tem o papel bom e o mal, e é por isso que temos que refletir. Eu não uso *Twitter* justamente por isso, porque o *Twitter*, em si, acontece uma situação e é uma situação que ainda tem coisas para acontecer. Então, não adianta eu cancelar uma coisa só por agora, tenho que analisar como um todo, mas se por exemplo, se é um caso da PEC que tem a relação. Então, tudo bem. Mas em relação a cancelar políticos tem que cancelar mesmo.

Pesquisadora – Então, tem coisas que para o indivíduo não vale a pena, mas se for para um caso de interesse público aí o cuidado deve ser maior?

J6 – Justamente, vida pessoal é vida pessoal. Por exemplo, se eu gosto de beber ou não, tem gente que cancela esse tipo de coisa. Agora, a situação que me afeta devemos discutir, mas não o fato de eu não beber. O *Twitter* está sendo mais usado para desabafo porque as pessoas não estão usando para postar notícias. Uma parte das pessoas usa para desabafo e esses desabafos podem causar o cancelamento e eu não vejo isso acontecendo com políticos.

Pesquisadora – Como você descreve a sua relação com os vários formatos de mídias?

J6 – Quando tem alguma notícia, até mesmo nas minhas redondezas, eu não sei sobre, e às vezes, se eu for em mídia social grande, eu já sei. No caso da PEC, logo quando lançou, eu fiquei sabendo sobre. Às vezes, eu queria saber mais de notícias escutando várias mídias e, às vezes, eu queria me distanciar mais do celular. Por exemplo, seu for no Mídia Ninja, aí eu começo a ler os comentários e fazer as relações e tem certas coisas que é melhor nem ver,

comentários maldosos. No meu celular aparece muita coisa do Bolsonaro, e eu fico pensando na situação e às vezes eu quero me privar desse tipo de mídia.

Pesquisadora – Você acha que esses assuntos que chegam para você, mesmo que não sejam do seu interesse, te influenciam?

J6 – Influenciam. Quando eu vi sobre a PEC 206, eu me senti desconfortável com essa situação. Pensei até em cancelar minha matrícula. Você já tem todo um gasto pessoal, antes de poder trabalhar, porque às vezes você começa a estudar, mas não tem como trabalhar. Aí, eu fiquei pensando que ainda pagar uma mensalidade, sairia muito caro.

Pesquisadora – Existe alguma personalidade famosa que te inspira ou influencia a sua vida?

J6 – Por incrível que pareça, eu não sigo nenhum famoso. No *Twitter* e *Instagram*, é onde geralmente as pessoas seguem famosos. No *Instagram*, eu só sigo algumas páginas, por exemplo, Mídia Ninja, Bolsominions Arrependidos. O tipo de página que trazem notícias, principalmente a Mídia Ninja. Eu nunca fui de seguir famosos, mas, por exemplo, a Anitta postou no *Twitter* para as pessoas tirarem o título, tem gente que se influencia por isso. Eu acho que eu tenho que pensar no que ela faz, tenho que refletir, mas não acho que devo seguir o caminho dela, porque eu acho que não tem necessidade. Todos temos nossos princípios, nunca teremos os mesmos princípios. Alguns amigos já disseram que eu tenho uma perspectiva esquerdista, e quando eu estudava na fundação, uma amiga disse que eu tenho uma perspectiva esquerdista e de direita, e a escola é de esquerda. Eu voto no Lula porque eu quero tirar o Bolsonaro a todo custo, mas quando a escola falava sobre o PT, eu tinha raiva, porque a escola tem que falar sobre política, mas não deve ser partidária.

Pesquisadora – E fora das redes sociais, alguém te influencia?

J6 – Talvez minha convivência familiar poderia me trazer algumas perspectivas.

Pesquisadora – Tem alguém ligado ao campo ou alguém do seu convívio que te inspira de alguma forma?

J6 – Talvez a família do meu pai, já que é a que tenho mais contato. Nenhum deles foram concursados, todos só trabalham normal, mas meus primos começaram. Nunca tive um primo que tenha passado em Medicina, por exemplo. Foi mais por uma perspectiva minha mesmo.

Pesquisadora – Você acha que essas pessoas se tornam exemplos e influenciadoras?

J6 – Sim, tinha uma menina que estudava comigo que se mudou para Teresina e foi todo aquele processo de mudança e fazemos o mesmo curso. Só que ela está em um período mais avançado. Quando eu passei, eu lembrei que ela também fazia o mesmo curso, só que ela não me influenciou. Só que às vezes a gente pensa nisso, já que ela conseguiu mesmo vindo a escola pública.

Pesquisadora – No seu convívio com mídia, o celular é o que você mais utiliza?

J6 – Sim, a não ser que seja alguma informação da cidade, aí acabo sabendo pelos meus pais.

Pesquisadora – No caso do celular ocupar esse papel central, como você avalia esse protagonismo que o celular tem na vida das pessoas?

J6 – Ele às vezes pode ser um protagonista ou um antagonista. Um exemplo clássico foi quando começou a pandemia, as pessoas começaram a receia muito isso, e ele também é um protagonista. No caso do tédio, quando você está pensando negativo, o tédio vai aumentar a ansiedade, e com o celular você pode passar o tempo. Então, ele ajuda e atrapalha.

Pesquisadora – Na sua avaliação, quais as consequências positivas e negativas da mídia na sua vida?

J6 – Influencia de maneira correta e incorreta. Antigamente, pela falta da mídia, não sabíamos o que acontecia com as pessoas, mas hoje em dia, já sabemos. Mas às vezes pode ser uma notícia falsa.

Pesquisadora – Você acha que o positivo é que hoje tem mais facilidade?

J6 – Isso, entender as coisas que acontecem. E isso, faz parte processo informacional. Se eu vou em algum site e começo a analisar, e se encontro algo que não faz sentido para mim, é senso crítico que é algo que nem todos têm.

Pesquisadora – E negativos, você acha que é perigoso cair em notícias falsas?

J6 – Isso. Por exemplo, surgiram vários remédios para a Covid, mesmo não tendo sido aprovado pela Anvisa.

Pesquisadora – Como você imagina que seria o mundo sem todo esse acesso a informações?

J6 – Antigamente, a mídia era mais lenta, as informações corriam de forma mais lenta e hoje é muito mais rápida.

Pesquisadora – Na sua vida teria algum tipo de complicação?

J6 – Por exemplo, se eu precisar fazer um trabalho acadêmico, eu vou precisar pesquisar na mídia. Se eu estiver precisando saber de alguma notícia ou de algum local, tipo um restaurante, e eu vou precisar da mídia para saber essas coisas. A mídia virou quase que a *Internet* e a luz, todos têm.

Pesquisadora – Você quer acrescentar mais alguma coisa?

J6 – Eu acho que precisávamos ter mais coisas para as pessoas terem mais senso crítico em relação a mídia.

Pesquisadora – Você mostrou uma preocupação com o senso crítico, qual seria o caminho para melhorar esse senso crítico em relação a mídia?

J6 – Quando falamos de senso crítico, inicialmente temos que despertar, apresentar textos voltados para que a pessoa goste e ter imparcialidade. Não adianta, eu querer apresentar um senso crítico para uma pessoa que não sabe ser imparcial, aí a pessoa não desperta um senso crítico, parece até um robô.

Pesquisadora – Com robô você quer dizer uma pessoa que fica com a cabeça em uma única informação?

J6 – Justamente. Quando você está no processo de “culturalização”, ele é feito no início da vida. Se eu, com 30 anos, for fazer esse processo de mídia e de senso crítico, automaticamente, eu vou ter uma quebra de tabu e eu vou ter uma dificuldade nessa quebra. Mas se eu fizesse esse processo desde o início, seria mais fácil. Na fundação, esse processo é mais fácil porque é na flor da idade, está naquele processo de formação cultural. Se fosse mais cedo seria melhor.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA J7

J7 – Eu moro no interior, na comunidade Vereda que fica no município de Milton Brandão.

Pesquisadora – Como é a comunidade?

J7 – A comunidade é como geralmente é todas as comunidades de interior. Não tem muita movimentação, não tem associação, mas o máximo que a gente tem aqui, o que une as famílias, é a Igreja Católica.

Pesquisadora – Você sempre morou aí?

J7 – Sempre morei aqui.

Pesquisadora – Na sua opinião, o que é zona rural?

J7 – Comunidade rural, pra mim, é o campo que a gente vive, que é mais tranquilo, onde trabalham geralmente com agricultura, onde os vizinhos se dão bem, se cruzam e não tem violência. Então, é um lugar tranquilo, pra mim, a zona rural é um lugar tranquilo.

Pesquisadora – Você tem ou já teve vontade de sair?

J7 – Eu nunca tive vontade de sair. Meu pai nasceu e se criou aqui e toda minha família é daqui e graças a Deus vive bem aqui. A gente não tem pretensão de sair do interior.

Pesquisadora – Como foi pra você chegar na EFA? Foi por influência de alguém da família?

J7 – Na verdade, eu não conhecia. Mas aqui teve um programa de “Um Milhão de Cisternas”, foi por aí que eu conheci algumas pessoas que estudaram na fundação e elas aconselharam minha família a me colocar lá.

Pesquisadora – Você fez o ensino médio e técnico?

J7 – Isso!

Pesquisadora – Qual era o curso que você fazia lá?

J7 – Fiz técnico em Agroindústria, em 2014.

Pesquisadora – Você se considera um jovem do campo? Para você, o que é ser jovem do campo?

J7 – Eu me considero um jovem do campo. A fundação foi muito importante para mim porque, no campo, a gente não aprende a dar o devido valor ao lugar que a gente vive e lá na fundação eu aprendi tudo isso, a dar valor à minha comunidade, ao que produzimos, a como melhorar para podermos viver melhor. Então, a fundação foi importante demais para isso, para conhecer, pra eu dá mais valor à minha comunidade e minha família.

Pesquisadora – Na sua opinião, os jovens do campo são retratados como realmente são? E por quê?

J7 – Eu acho que não. Eu acho que pode até ter mudado um pouco, mas eu acho que as pessoas têm muito preconceito com quem é do campo. Então, acho que nós deveríamos ter uma educação mais voltada e mais contextualizada para quem é do campo, porque tem muita gente que não tem tantas oportunidades e acredito que falta um pouco de respeito com o jovem do campo, faltam oportunidades.

Pesquisadora – Para você, o que é mídia?

J7 – Eu acho que a mídia, hoje em dia, é uma questão muito importante. Mas a mídia, às vezes, retrata algo que não é, nem sempre o que passa na mídia é verdade.

Pesquisadora – O que você entende que seja mídia?

J7 – Eu acho que a mídia deveria retratar a realidade das pessoas e ajudar a transformar vidas.

Pesquisadora – E no seu dia a dia? Como você se relaciona com os vários formatos de mídia?

J7 – Em relação a mídias como a TV, eu procuro sempre assistir vários jornais. Gosto de assistir vários para ter opinião de outros canais e também pesquiso no *Google* para saber o que está se passando no mundo. Também, gosto muito de assistir vídeos no *YouTube* porque lá tem tudo para a gente aprender. E redes sociais, *Facebook* e outras redes, eu divulgo meu trabalho, o que eu faço e o que penso.

Pesquisadora – Você vê qual tipo de conteúdo lá no *YouTube*?

J7 – Geralmente, coisas do campo, formas de manejo de alguma coisa. Quando tenho que fazer algum trabalho escolar, uso o *Google*, isso me ajuda muito e pesquiso no *YouTube* também, pois lá tem tudo. Quando eu vou fazer alguma coisa que eu não sei, eu pesquiso no *YouTube*.

Pesquisadora – Você faz esse acesso através do celular?

J7 – Sim, as vezes o celular ou notebook.

Pesquisadora – Mas o celular é mais presente?

J7 – É mais presente, é mais fácil e prático.

Pesquisadora – Na sua percepção, você acha que o celular facilita o acesso à *Internet*?

J7 – Eu acho que o celular facilita mais porque geralmente estou com ele na mão. Então, sempre é mais fácil e prático.

Pesquisadora – A qualidade do acesso da *Internet* pelo celular é melhor?

J7 – É melhor no interior. Quando eu estou na cidade uso mais o notebook, mas quando estou no interior uso mais o celular.

Pesquisadora – Você tem alguma personalidade que seja considerada famosa que te inspira ou influencia de alguma forma?

J7 – Eu não sou muito de seguir famosos. Eu gosto de seguir pessoas que tenham uma cultura diferente. Uma pessoa que sempre acompanho, que eu estudo bastante ele, é o Rick Chesther. É um cara que foi vendedor de água e se tornou um empreendedor e todos os dias eu assisto a *live* dele pela manhã. É uma *live* motivacional muito bacana, o trabalho dele é bacana demais.

Pesquisadora – Ele faz um tipo de conteúdo motivacional?

J7 – Isso, motivacional, para as pessoas se motivarem contando a história da vida dele. Inclusive, ela já lançou dois livros e os livros deles são muitos bons. Já li os dois.

Pesquisadora – Tem alguma personalidade diretamente ligada ao povo do campo que te inspira?

J7 – A pessoa que eu admiro por tudo que fez pelo Nordeste é o Lula. Eu gosto de ver coisas sobre ele, mas ultimamente, eu não tenho postado muita coisa desse tipo para não me envolver muito em questões políticas. Porque as pessoas nas redes sociais levam muito para um lado que eu não gosto, o lado da “politicagem”. Eu acho que cada um tem que ter uma opinião e respeitar a opinião do outro. E se fomos debater sobre algo, temos que debater com argumentos. Então, eu evito para não causar problema.

Pesquisadora – Você acha que o ambiente das redes sociais pode ser prejudicial para sua saúde e bem-estar?

J7 – Eu acho que sim. Como eu trabalho com o público, eu não gosto de me envolver com questões políticas, porque eu trabalho no sindicato da minha cidade, sindicato dos trabalhadores

rurais, e trabalhamos com o povo. Então, temos que tomar cuidado para não se envolver em polêmicas.

Pesquisadora – Você já teve alguma consequência negativa da mídia na sua vida?

J7 – Sim, eu acho que na mídia tem o que é bom e o que é ruim. Eu acho que cada pessoa que tem que procurar o que é bom. Não podemos dentro de uma imagem de outros e nem ficar muito ligado em redes sociais porque se não nem vivemos nossas vidas. Claro que a mídia é importante demais, a gente deve estar por dentro de todos os assuntos, mas a gente deve ter todo cuidado para ficar viciado demais e para não ficar se envolvendo em polêmicas. Eu não gosto dessas coisas, de ficar brigando com pessoas em redes sociais. Não faz parte da minha forma de ser, mas eu nunca tive nenhum problema, pois tomo muito cuidado com o que eu posto.

Pesquisadora – Você consegue elencar para mim os pontos positivos da mídia?

J7 – Eu acho que a mídia é boa para a gente postar os trabalhos que estamos fazendo. Vemos o que as outras pessoas estejam fazendo, não que eu fique “curiando” a vida dos outros, mas a gente vê o que as pessoas estão fazendo de bom. É como tudo na vida, sempre tem um lado bom e ruim. A mídia também tem seu lado bom, a gente vê as coisas, aprende, para sempre estar melhorando e evoluindo.

Pesquisadora – Você consegue imaginar um mundo sem as mídias que temos hoje? Como seria esse mundo?

J7 – Eu acho que seria bem complicado, porque antigamente, quando não existiam tantas mídias, as pessoas viajavam para longe e passavam anos sem se ver e sem se falar, e hoje eu não vejo um mundo sem a mídia. Como eu falei, a mídia tem seu lado ruim, mas tem seu lado positivo também, é muito importante para a sociedade.

Pesquisadora – Em algum momento, você acha que a EFA mudou alguma percepção sua sobre o papel da mídia na sociedade?

J7 – Mudou bastante, porque nós que somos do campo, que não temos oportunidade de estudar fora, a gente não liga muito para as coisas do mundo. Antigamente, eu não gostava de ver o jornal, não gostava de pesquisar as coisas, ver como que estava o mundo. Depois que eu fui estudar na EFA, eu vi a importância de estar por dentro dos assuntos, antenado sobre o que se passa no mundo até para ter uma opinião sobre.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA J8

Pesquisadora – Fale um pouco do local onde você mora.

J8 – A comunidade lá é um assentamento de reforma agrária, pertencem a quatorze famílias. O cultivo é basicamente agricultura familiar, envolvendo a alimentação desse pessoal de lá. A questão do cultivo, algumas práticas ecológicas e alguns técnicos que são formados pela EFA e pela escola profissionalizante também.

Pesquisadora – Como é o nome de lá?

J8 – Tétetus, pertencente ao município de Tianguá.

Pesquisadora – Considerando que é uma comunidade localizada na zona rural, na sua visão, o que é rural?

J8 – O rural é uma parte que abrange o campo. Os camponeses e camponesas cultivam e moram e cuidam da terra, cuidam da natureza. Espaços diferentes da cidade, mas a parte rural é ter contato com a natureza, com a terra, alimentação saudável, contato com a água. Tudo questão de observar o que tem no meio ambiente. É a questão da zona rural, são famílias que cuidam desse todo procedimento que envolve a natureza também.

Pesquisadora – Você se considera uma jovem do campo?

J8 – Sim, eu me considero como camponesa e do meio rural, porque minha vida sempre foi no campo. Nasci no campo e minha vivência é voltada para o campo.

Pesquisadora – Existem outras questões que envolvem o que é ser um jovem do campo?

J8 – Sim, minha família sempre foi do campo, desde de minha avó, bisavó, tataravó e minha mãe. E isso faz com que a gente tenha mais amor pelo campo, não deixe o rural, tenha um olhar mais focado para campo, trazendo a desigualdade com campo e cidade. Sabemos que a cidade precisa do campo e o campo precisa da cidade. Ter mais um foco olhar para a gente, jovens camponeses, e o campo também é um lugar de resistência que apoia a gente, que tem essa cultura da nossa resistência também.

Pesquisadora – Você já teve vontade de sair do campo?

J8 – Antes, eu tinha vontade de ir para a cidade, mas após eu ter uma educação dentro da EFA, eu já mudei meus pensamentos. Sempre continuar no campo. Quando temos uma educação diferenciada voltada para o campo a gente acaba desconstruindo aquela coisa de ir para a cidade. A gente pode ir para a cidade, mas para trabalhar com algo ligado ao campo, mas nunca deixando o campo, continuando no campo também.

Pesquisadora – Sobre a EFA, como você e sua família descobriram a EFA?

J8 – A minha mãe era da coordenação sindical de base da comunidade e, através dela, foi que a gente conseguiu ver que tinha essa proposta da existência do projeto Agroecologia e para poder existir a EFA. Como minha mãe já participava de encontros sobre Agroecologia em vários espaços em Tianguá, e através dessas reuniões no sindicato, foi que ela trouxe lá para casa e meu irmão e eu tivemos interesse de abraçar o projeto EFA, de estudar. E essa foi a alternativa para a gente chegar pelo reconhecimento mesmo a minha mãe sendo sindicalista. Ela e o próprio sindicato.

Pesquisadora – Qual a sua relação hoje com a EFA? Em que atividades você está envolvida?

J8 – Eu sou egressa e também sou educadora, monitora e me aproximei mais na terceira turma como educadora na disciplina do PE, que era online e teve essa questão. Porque eu sou da secretaria de juventude do sindicato de Tianguá, e essa aproximação é porque a secretaria tem esse objetivo de focar na EFA. E por isso, eu tive a oportunidade de ser educadora e estar sendo educadora e monitora e também a questão da interligação mais com EFA.

Pesquisadora – O que é o PE?

J8 – É o plano de estudo.

Pesquisadora – Você se aproximou como educadora a partir desse plano?

J8 – Sim.

Pesquisadora – O fato de você ter estudado na EFA mudou alguma percepção sua sobre o papel da mídia na sociedade e de que forma?

J8 – A mídia é muito importante para a nossa vida. Tem momentos que é importante para divulgações importantes, mas também tem a questão da gente aprender e ouvir algumas coisas pela mídia. Olhar algumas coisas interessantes, mas com foco no aprendizado ligado à educação do campo, à educação contextualizada e na pedagogia da alternância, a questão da gente se organizar e saber quais as letras de músicas que ouvimos, quais textos e livros. Tudo isso tem a importância da mídia. A questão de conhecer pessoas pela a mídia, isso é muito importante e saber se concentrar mais e se organizar mais nas mídias sociais. Mas é um ponto importante que nos ajuda na parte de a gente se concentrar em organizar oficinas, pesquisas para poder dá uma palestra e outras alternativas que a gente pode conseguir.

Pesquisadora – Então, eram sempre discussões que estavam presentes?

J8 – Sim.

Pesquisadora – Como você enxerga o modo que o jovem do campo é retratado na mídia?

J8 – Muitas vezes, a gente é um pouco esquecido, mas a gente busca dá outras formas de nos apresentar. Nós mesmos temos que inventar outras formas de se organizar para poder passar outras mensagens através das mídias, para a gente ter mais importância. Porque às vezes, a gente é esquecido, a gente não é muito visualizado. Aí a questão de fazer algo que a gente consiga ter mais olhares, mais importância sobre a gente. A questão dos jovens do campo dá uma nova mensagem para a sociedade.

Pesquisadora – Como você enxerga essa questão de ter o acesso à *Internet* por meio do celular? Para você é algo importante? E por que é importante? De que forma, essa presença ajuda a pensar novas formas de estar na mídia?

J8 – Tem pessoas que imaginam que o jovem só utiliza o celular para jogos, mas a gente tem a questão da pesquisa. A gente precisa do celular e *Internet* boa. Tem vários lugares da zona rural que não tem *Internet*, até mesmo ter reunião presenciais, às vezes, também virtuais. E muitos dos jovens tem a questão de ter aquela participação pela questão de *Internet* e de não ter um celular. Retirar o pensamento de algumas pessoas que falam que o jovem é mais viciado em jogos. Tem outras oportunidades para ver na *Internet*, não só jogos, ter outras formas de estudo e informações, algumas coisas que são necessárias para a nossa vida.

Pesquisadora – O que é mídia na sua percepção?

J8 – Mídia é a questão de transmissão de mensagem para poder a pessoa ter mais informação e estar mais ligado. A questão de críticas construtivas para melhorar a parte social e eu acredito que seja isso, para a pessoa poder ter uma mensagem, transmissão, concentração até o próprio diálogo de uma forma mais positiva.

Pesquisadora – Como que você poderia descrever a tua relação no dia a dia com os vários formatos de mídia?

J8 – Como eu trabalho com o jovem do campo, a gente precisa usar o *WhatsApp* para poder divulgar nosso trabalho e atividades, publicar nossas atividades que a gente pratica na própria comunidade, as atividades de fortalecimento do campo. E também, é uma forma da gente utilizar as mídias para mostrar as mensagens positivas para a sociedade.

Pesquisadora – A sua relação é uma relação que passa pelo trabalho, mas também pela vida pessoal?

J8 – Sim.

Pesquisadora – Tem alguma pessoa/personalidade famosa que te inspira de alguma forma?

J8 – Eu foco mais na parte da Agroecologia. Pessoas que trabalham com o campo, com Agroecologia, com diversas práticas agroecológicas, para gente ter mais conhecimento.

Pesquisadora – Você poderia citar alguém que para você seja importante?

J8 – Geralmente, eu foco mais na questão FETRAECE no Ceará, a CUT sempre voltado para a agricultura familiar.

Pesquisadora – Esses são exemplos de perfis que você costuma acompanhar nas redes sociais?

J8 – Sim.

Pesquisadora – Tem alguma personalidade ligada ao campo que te inspira?

J8 – Eu posso citar alguns educadores que são da EFA. Eu gosto mais dos educadores, inclusive algumas publicações que eles fazem, que é o Chico Antônio e o Fábio.

Pesquisadora – Quais consequências positivas e negativas da mídia na sua vida?

J8 – Às vezes, a gente vê coisas que não estão certas. As coisas positivas é a questão da evolução para evoluir a vida da gente. Algumas práticas sobre a questão do bem viver na zona rural e também a questão da cidade. Alguma evolução sobre a alimentação saudável, uma educação valorizada faz parte da positividade.

Pesquisadora – Na questão da negatividade seria o risco de informação errada?

J8 – Sim.

Pesquisadora – Você consegue imaginar um mundo sem a mídia no formato que temos hoje? Como você acha que seria?

J8 – Eu acho que conseguiríamos viver sem as mídias sociais, viver conectado com a natureza, conectado com nossa família, ter mais tempo para nossa família e para as pessoas que amamos e se concentrar mais em outras formas que não tire nosso tempo. Não foque só na parte social,

com outras alternativas que a gente precisa se concentrar, ter mais um cuidado com nosso corpo sem passar por tanta correria do dia a dia.

Pesquisadora – Você acha que a mídia tem algum impacto nessas correrias?

J8 – Às vezes pelo nosso trabalho, a gente foca muito no *WhatsApp* e é uma correria.